



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

GILBSON GOMES BENTO

**INTERTEXTUALIDADE E REESCRITURA NA TRADUÇÃO DE
1ESDRAS**

FORTALEZA

2021

GILBSON GOMES BENTO

INTERTEXTUALIDADE E REESCRITURA NA TRADUÇÃO DE 1ESDRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada. Linha de Pesquisa: Estudos Comparados de Literaturas de Línguas Clássicas

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria César Pompeu.

Coorientador: Prof. Dr. Tito Lívio Cruz Romão

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- G614i Gomes Bento, Gilbson.
Intertextualidade e Reescritura na Tradução de 1Esdras / Gilbson Gomes Bento. – 2021.
129 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Ana Maria César Pompeu.
Coorientação: Prof. Dr. Tito Lívio Cruz Romão.
1. Intertextualidade. 2. Tradução. 3. Reescritura. 4. Septuaginta. I. Título.

CDD 400

GILBSON GOMES BENTO

INTERTEXTUALIDADE E REESCRITURA NA TRADUÇÃO DE 1ESDRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em: 26/01/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Maria César Pompeu (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Lauro Inácio de Moura Filho

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

A Deus.

Aos meus pais, José Bento Filho e Gercina Gomes Bento.

AGRADECIMENTOS

À Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Fortaleza, pelo apoio financeiro com licença parcial de 100h/aula.

À professora Dra. Ana Maria César Pompeu e ao professor Dr. Tito Lívio Cruz Romão pela excelente orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora Dr. Orlando Luiz de Araújo e Dr. Lauro Inácio de Moura Filho pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

Aos colegas do Grupo de Estudo da Septuaginta pelos debates sobre as traduções e leituras, em especial ao colega Nazareno P. A. Acácio.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto a tradução do livro de Esdras deuterocanônico, uma reescritura intertextual feita no Grupo de Estudos da Septuaginta da Universidade Federal do Ceará (GES-UFC). Esse grupo estuda os textos bíblicos do Antigo Testamento em seu aspecto literário e cultural, sem ligação direta a um determinado credo religioso, aprofundando-se no estudo do dialeto *koiné* do grego. A Septuaginta (LXX) é como ficou conhecido o *corpus* das primeiras traduções dos textos bíblicos do hebraico para o grego e sua influência literária é grande na recepção da cultura hebraica pela cultura helenista. O livro de Esdras deuterocanônico, *ΕΣΔΡΑΣ Α'*, conhecido como 1Esdras, forma um par com o livro *ΕΣΔΡΑΣ Β'*, 2 Esdras (o canônico), ambos encontrados nas coleções da LXX. Eles representam relatos presentes em 2Crônicas, Esdras (2Esdras 1-10) e Neemias (2Esdras 11-23). Além disso, em 1Esdras há uma história de três jovens que serviram de guarda-costas para o rei Dario da Pérsia, que não está presente nos livros canônicos. A relação desse livro grego com a tradição bíblica hebraico-aramaica, do ponto de vista crítico da fonte da tradução, não está clara. Existem duas posições principais: 1) que o livro representa uma forma anterior do relato bíblico, embora a forma atual seja apenas uma parte da obra maior; e 2) que o livro é uma composição posterior, sendo dependente dos livros bíblicos. A retórica dos discursos especialmente de Zorobabel sobre as mulheres e a Verdade (1Esdras 3,1-5,6) efetivamente antecipa e atenua as possíveis objeções morais do leitor à expulsão das mulheres estrangeiras. Sugere-se que uma razão principal para que 1Esdras fosse composto posteriormente seria para pôr mais peso sobre os debates judaicos no período helenístico em relação aos casamentos entre judeus e gentios. Portanto, a tradução transforma tornando relevante o texto antigo através das relações de intertextualidade que percebemos e produzimos com a literatura grega e as literaturas persa e judaico-cristã. Utilizamos o conceito de reescritura (LEFEVERE, 1992), o conceito amplo de intertextualidade (KRISTEVA, 1967) e os conceitos de transtextualidade, hipertextualidade e paratextualidade (GENETTE, 1982); colocação lexical (ADAM, 2008); hipertexto (LÉVY, 1993); e concordância (STRONG, 1890) em nossa análise. Nossos resultados apontam que o tema principal é o “poder”, considerando comparações com obras filosóficas, literárias, retóricas e religiosas de autores como Platão, Ésquilo, Eurípedes e Aristófanes, além da influência persa da obra *Avesta* e da interação com os Livros do Novo Testamento cristão.

Palavras-chave: intertextualidade; reescritura; Septuaginta; Esdras.

ABSTRACT

This work has as object the translation of the book of Deuterocanonical Esdras, an intertextual rewriting for the *Grupo de Estudos da Septuaginta* from the *Universidade Federal do Ceará* (GES-UFC). This group studies the biblical texts of the Old Testament in its literary and cultural aspect, without direct connection to a certain religious creed, delving deeper into the study of the *koine* dialect of Greek. The Septuagint (LXX) is how the *corpus* of the first translations of biblical texts from Hebrew to Greek became known and its literary influence is great in the reception of Hebrew culture by Hellenistic culture. The Deuterocanonical book of Esdras, ΕΣΔΡΑΣ Α', known as 1Esdras, is paired with the book ΕΣΔΡΑΣ Β', 2Esdras (the canonical), both found in the LXX collections. They represent accounts present in 2Chronicles, Ezra (2Esdras 1-10) and Nehemiah (2Esdras 11-23). Furthermore, in 1Esdras there is a story of three young men who served as bodyguards for Darius king of Persia, who is not present in the canonical books. The relationship of this Greek book to the Hebrew-Aramaic biblical tradition, from the critical point of view of the source of the translation, is unclear. There are two main positions: 1) that the book represents an earlier form of the biblical account, although the current form is only part of that larger work; and 2) that the book is a later composition, being dependent on biblical books. The rhetoric of Zorobabel's speeches especially on women and the Truth (1Esdras 3:1-5:6) effectively anticipates and mitigates the reader's possible moral objections to the expulsion of foreign women. This suggests that a main reason for 1Esdras to be composed later would be to put more weight on Jewish debates in the Hellenistic period in relation to marriages between Jews and Gentiles. Therefore, translation transforms making this ancient text relevant through the intertextuality relationships that we perceive and produce with Greek literature and Persian and Judeo-Christian literature. We used the concept of rewriting (LEFEVERE, 1992), the broad concept of intertextuality (KRISTEVA, 1967) and the concepts of transtextuality, hypertextuality and paratextuality (GENETTE, 1982); lexical collocations (ADAM, 2008); hypertext (LÉVY, 1993); and concordance (STRONG, 1890) in our analysis. Our results show that the main theme is “power”, considering comparisons with philosophical, literary, rhetorical and religious works by authors such as Plato, Aeschylus, Euripides and Aristophanes, in addition to the Persian influence of the Avesta and the interaction with the New Testament books.

Keywords: intertextuality; rewriting; Septuagint; Esdras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ferramenta de frequência da palavra	30
Figura 2 – Resultados em contextos imediatos.....	30
Figura 2 – Ferramenta para estudo da palavra.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 INTERTEXTUALIDADE.....	14
2.1 O conceito amplo de intertextualidade	14
2.2 Citação, paráfrase, paródia, tradução e alusão.....	16
2.3 Transtextualidade, paratextualidade e hipertextualidade.....	19
2.4 Colocações lexicais e intertextualidade	20
2.5 Concordância e intertextualidade	23
2.6 Hipertexto como modelo mental e metáfora para a leitura não-linear	26
3 REESCRITURA.....	32
4 ANÁLISES DE <i>IESDRAS</i>	39
4.1 Tradução e/ou composição de <i>IESdras</i>	39
4.2 O discurso <i>Contra Neera</i> e <i>IESdras</i>	54
4.3 As mulheres de Aristófanes e <i>IESdras</i>	58
4.4 As mulheres de Eurípedes e <i>IESdras</i>	60
4.5 Sófocles e <i>IESdras</i>	68
4.6 Ésquilo e <i>IESdras</i>	73
4.7 Os diálogos de Platão e <i>IESdras</i>	77
4.8 O <i>Avesta</i> e <i>IESdras</i>	78
4.9 O <i>Novo Testamento</i> cristão e <i>IESdras</i>	84
5 TRADUÇÃO DE <i>IESDRAS</i>	91
A Páscoa de Josias (2Reis 23,21-23; 2Crônicas 35,1-19).....	91
Sucessores de Josias (2Reis 23,31-24,19; 2Crônicas 36,1-16).....	93
Ciro decreta a construção do templo em Jerusalém	94
(2Crônicas 36,22-23; Esdras 1,1-4).....	94
Oposição à reconstrução do templo e das muralhas da cidade.....	95
O concurso dos três jovens guarda-costas do rei Dario.....	96
Dario decide edificar Jerusalém	100
Censo dos que regressaram do exílio babilônico	101
Primeiros sacrifícios antes de construir o templo	104
A construção do templo.....	105
Novos protestos contra a construção do templo	106

Ordem de Dario de reconstruir o templo (Esdras 6, 1-12)	107
Término e dedicação do templo e celebração da Páscoa (Esdras 6, 13-22)	108
O retorno de Edras à Jerusalém (Esdras 7,1-10)	109
O decreto real que autoriza Esdras (Esdras 7,11-26).....	110
Os acompanhantes de Esdras (Esdras 7,27-8,14)	111
A chegada de Esdras à Jerusalém (Esdras 8,31-36)	112
Os casamentos mistos (Esdras 9,1-5)	113
Oração de Esdras (Esdras 9,6-15)	113
Resposta de Jeconias e do povo (Esdras 10,1-5).....	114
O povo decide despedir as mulheres estrangeiras (Esdras 10,6-44).....	115
Esdras faz a leitura da lei (Neemias 8,1-12).....	117
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	121

1 INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos da Septuaginta da Universidade Federal do Ceará (GES-UFC), formado pelos membros: Rodrigo Gabriel da Costa, Fernando Henrique Pereira da Silva, Manuela Maria Campos Sales, Nazareno de Paulo do Amaral Acácio, Vicente Thiago Freire Brazil, Gilbson Gomes Bento, Daniel de Carvalho Santos Pinheiro, Bárbara Araújo dos Santos, Valdísio Vieira da Silva, Márcio Henrique Vieira Amaro, Maria Helena da Silva, Tatiana Quirino Crisóstomo Melo, Marcelle Pereira dos Santos, Marlos Alves Vieira, Maria Liduína de Araújo, Otávio Albino Neto, foi cadastrado como projeto de extensão e atividade do antigo Grupo de Estudos da Cultura Clássica (GRECC) em 2011. Ao traduzir o livro de *1Esdras* para o português, nós do GES-UFC realizamos uma ação possível apenas pelo apoio dos vários membros do grupo e da instituição que permite a reunião e o debate de ideias nos grupos de estudo. Dentro das reuniões desse grupo, a tradução e o estudo do livro de *1Esdras* iniciaram-se após a tradução inicial do livro de Gênesis e do livro de Jonas. O nosso livro de *1Esdras* é uma tradução que parte de um texto crítico grego reconstruído a partir de vários manuscritos editado por Alfred Rahlfs em 1935 e revisado por Robert Hanhart em 2005. Pelo estudo e tradução, o grupo vem se aproximando da cultura que produziu o texto sagrado da *Bíblia* e do dialeto comum da língua grega difundido no período helenístico, permitindo a comparação cultural e linguística entre a civilização judaica e a civilização helênica, ambas formadoras da nossa atual cultura ocidental, numa identificação ampliada pela observação das alteridades formadoras. Pela análise comparativa entre os personagens da Septuaginta e os personagens da mitologia e da comédia antiga grega, o GES-UFC pôde observar a possibilidade de estudo dos aspectos literários e culturais do texto bíblico, enfatizando, desse modo, o grande valor do texto como patrimônio cultural da humanidade (POMPEU *et al.*, 2015).

Segundo o gramático Soares (2011, p.73), a primeira versão grega do Antigo Testamento foi produzida por ordem do rei Ptolomeu II, o Filadelfo (284-246 a.C.), em Alexandria, fato relatado pela *Carta de Aristeias*. Para os cristãos, foi o acontecimento mais importante da história da literatura antiga, pois permitiu que os dados da “revelação divina” se tornassem conhecidos no Ocidente. Outro fator importante é que essa tradução

serviu de ponte teológica entre o Antigo e o Novo Testamento e teria influenciado grandemente os apóstolos. Essa tradução é conhecida como “Septuaginta”, termo que vem do latim e significa literalmente “septuagésimo”, usado pela primeira vez por Eusébio de Cesareia em *História Eclesiástica*. Agostinho de Hipona foi o primeiro a chamá-la de “Versão dos Setenta” em *A Cidade de Deus*. O termo “Septuaginta” é uma forma abreviada da expressão latina *interpretatio Septuaginta virorum*, “a tradução pelos setenta homens”, similar à forma grega *kata tou hebdomekonta* “conforme os setenta”, que aparece como nota no livro de *Gênesis* no *Codex Vaticanus*, ou *hoi hebdomekonta* “os setenta”. Todos estes termos foram usados por escritores cristãos do segundo século para referir-se a todo o Antigo Testamento Grego. Hoje a obra é conhecida também pelos nomes de “Versão dos Setenta”, “Versão de Alexandria”, e identificada pelos algarismos romanos “LXX”, fazendo parte do Helenismo.

No contexto geral, o Helenismo se refere à literatura, à linguagem, à arte e à civilização grega, incluindo os povos do mediterrâneo a partir das conquistas de Alexandre, o grande, no ano de 323 a. C., quando começa a expansão da língua grega entre outros povos. No período helenista, os demais dialetos gregos desapareceram quando surgiu o dialeto *koiné*. Trata-se de um dos fatores mais importantes para o advento do Cristianismo. A partir de cerca de 250 a.C., a produção da Septuaginta permitiu que outros leitores tivessem acesso a obras que, naquele período, eram conhecidas apenas por poucos leitores do hebraico.

Segundo o tradutor Wooden (2007, p. 392), o livro de Esdras deutero-canônico, ΕΣΔΡΑΣ Α', *ESDRAS A'*, conhecido como *1Esdras*, forma um par com o livro ΕΣΔΡΑΣ Β', *ESDRAS B'*, *2Esdras* (o canônico), ambos encontrados nas coleções da *Septuaginta*. Eles representam relatos presentes em *2Crônicas*, *Esdras* (2Esdras 1-10) e *Neemias* (2Esdras 11-23). Além disso, em 1 Esdras há uma história de três jovens que serviram de guarda-costas para o Rei Dario da Pérsia, que não está presente nos livros canônicos. A relação deste livro grego com a tradição bíblica hebraico-aramaica, do ponto de vista crítico da fonte da tradução, não está clara. Existem duas posições principais: 1) que o livro representa uma forma anterior do relato bíblico, embora a forma atual seja apenas

uma parte dessa obra maior; e 2) que o livro é uma composição posterior, sendo dependente dos livros bíblicos.

Segundo Sandoval (2007), a maioria dos comentadores acredita que o conto dos três guarda-costas em serve, simplesmente e principalmente, para melhorar a imagem de Zorobabel, como o líder inicial dos exilados retornados através de mais ocorrências do seu nome no texto. Contudo, considerando uma série de ligações temáticas e retóricas entre o conto e o sermão-oração de Esdras relatado mais tarde no livro (1Esdras 8,65-87), poderia-se demonstrar que a história também funciona para sustentar a resposta de Esdras e seus associados à crise dos casamentos com mulheres estrangeiras. A retórica dos discursos especialmente de Zorobabel sobre as mulheres e a Verdade (1Esdras 4,13-41) efetivamente antecipa e atenua as possíveis objeções morais do leitor à expulsão das mulheres estrangeiras e ao divórcio coletivo. Isso sugere que uma razão principal para que *1Esdras* fosse composto posteriormente seria para pôr mais peso sobre os debates judaicos no período helenístico em relação aos casamentos entre judeus e gentios.

Nossa pesquisa buscou marcas de intertextualidade entre o texto do livro traduzido de Esdras deuterocanônico e outras obras da literatura grega antiga como as comédias de Aristófanes e os diálogos de Platão, além de marcas da cultura e literatura, assim caracterizando a tradução como uma reescritura intertextual.

Utilizamos como abordagem crítica e teórica os conceitos de reescritura (*rewriting*), às vezes traduzido como reescrita, de André Lefevere. Em *Translating Literature – Practice and Theory in a Comparative Literature Context* (1992), André Lefevere, num contexto teórico derridiano, faz uma revisão da teoria da tradução e apresenta a tese de que a tradução é um processo de reescritura. Esse processo seria responsável pela sobrevivência da obra e deveria ser estudado em todos os seus aspectos dentro do tema da função da tradução em uma determinada cultura. A influência desse material teórico-prático parece ter sido enorme nos centros de formação universitários e parece continuar sendo balizador para muitos trabalhos de pesquisa em três áreas da tradução literária: o processo, o produto e a recepção (RODRIGUES, 2012, p. 16).

Lefevere (1992, p.115) argumenta que, por exemplo, embora a *Septuaginta* possa ser considerada uma tradução “ruim”, já que ela não possuiria uma total equivalência com

o texto hebraico, ela ainda assim manteve uma imagem forte e influenciou outras traduções, continuando a ser usada pela igreja ortodoxa grega até hoje. A cultura e o contexto poético-ideológico teriam possibilitado a sobrevivência da obra.

Lefevere representa uma mudança significativa nas abordagens da tradução, pois passa a contemplar aspectos adicionais da contextualização da tradução. Considera-a uma entre vários procedimentos de reescritura como a revisão, a crítica, a historiografia, a antologia, a compilação e as transposições para outros sistemas semióticos como o cinema, a televisão, o teatro, entre outros. Focaliza ainda nos sujeitos envolvidos nos processos como os tradutores, revisores, adaptadores, historiadores e compiladores dentro da teoria poética que embasa suas técnicas e das ideologias em que estão inseridos.

No capítulo sobre intertextualidade, mapeamos os conceitos amplos e restritos e os termos concorrentes como transtextualidade, paratextualidade e hipertextualidade. Definimos também nossa proposta de trabalho como uma leitura não-linear partindo das colocações lexicais e prosseguindo através das concordâncias e hipertextos digitais.

No capítulo sobre reescritura, buscamos definir a reescritura como uma forma de tradução e um processo discursivo, político e social que envolve a participação de várias pessoas e a influência do contexto na interpretação da obra original e na produção da nova obra que constitui nossa reescritura. Buscamos relacionar a importância da reflexão literária na tradução numa forma crítica e não-mecânica que busca além de qualquer equivalência pressuposta uma auto-crítica da própria escrita enquanto reflexo do contexto social e literário vivido no momento da reescritura.

No capítulo sobre as análises de *IEsdra*s, compilamos vários momentos reflexivos sobre a leitura e a reescritura de *IEsdra*s realizados no GES-UFC, como também novamente reescritos pelo nosso trabalho de pesquisa. Buscamos aplicar procedimentos de leitura intertextual não-linear e de reescritura do texto grego. Estes caminhos nos levam à leitura de textos religiosos, literários, filosóficos, retóricos de origem grega, hebraica e persa. Cada leitura leva a uma reescritura, no sentido de modificação das palavras escritas em nossa tradução ou de uma nova interpretação das mesmas palavras escritas.

Apresentamos, em seguida, a tradução de *IEsdras* do GES-UFC, buscando promover o contraste e o estudo do grego antigo, além de promover o estudo das línguas clássicas e o incentivo para novas traduções. Concluimos, com nossas considerações finais, buscando apontar caminhos para trabalhos futuros.

2 INTERTEXTUALIDADE

Neste capítulo buscamos definir os conceitos de intertextualidade em sentido amplo e sentido restrito. Contrastamos tipos de intertextualidade e conceitos concorrentes como transtextualidade, paratextualidade e hipertextualidade. Descrevemos e definimos o procedimento teórico e analítico da busca por colocações lexicais relevantes num texto e num campo intertextual maior. Conceituamos e contrastamos as concordâncias impressas e os hipertextos digitais. Buscamos aproximar o trabalho de tradução do livro de *IESDRAS* do modelo mental do hipertexto e da leitura não-linear.

2.1 O conceito amplo de intertextualidade

O conceito de intertextualidade é apresentado por Julia Kristeva que discute as teorias de Michail Bakhtin sobre o texto literário, argumentando que o discurso literário não seria um ponto com um sentido fixo, mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de várias escrituras. No artigo “Por uma semiologia dos paragramas”, Kristeva faz uma analogia entre os *anagramas* de Ferdinand de Saussure (STAROBINSKI, 1974) e a literatura como uma escritura-leitura intertextual:

O texto literário insere-se no conjunto dos textos: é uma escritura-réplica (função ou negação) de um outro (de outros) texto(s). Pelo seu modo de escrever, lendo o *corpus* literário anterior ou sincrônico, o autor vive na história, e a sociedade se escreve no texto. A ciência pragmática deve, pois, levar em conta uma ambivalência: a linguagem poética é *um diálogo* de dois discursos. Um texto estranho entra na rede da escritura: esta o absorve segundo leis específicas que estão por se descobrir. Assim no paragrama de um texto, funcionam todos os textos do espaço lido pelo escritor (KRISTEVA, 2012, p. 176).

Bakhtin (1992, p. 291) defende que “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”. Também seria importante destacar que a inserção de velhos enunciados em novos textos promove a constituição de novos sentidos. O deslocamento de enunciados de um texto para outro provoca alteração de sentidos (KOCH; ELIAS, 2008, p.78-79).

Todo texto seria como um mosaico de citações, absorção e transformação de um outro texto. Texto e discurso se confundiriam, pois o diálogo estaria presente em ambos. A escritura seria uma leitura da literatura anterior e o texto absorveria e replicaria outros textos. Essa é a forma como a intertextualidade é definida como procedimento de constituição do texto (KRISTEVA, 1967, p. 438-465).

Roland Barthes (1973) amplia o conceito ao afirmar que todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes neles, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis. O intertexto seria um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem raramente é recuperável, de citações inconscientes ou automáticas, feitas sem aspas.

Já outros autores tentam separar o texto do discurso e a intertextualidade da interdiscursividade. Trabalham com o conceito de interdiscursividade como constituição dos textos a partir de vozes ideológicas anteriores. Eles delimitam a intertextualidade a um recurso intencional e consciente do autor. A paródia e a estilização seriam então uma imitação mostrada e não marcada do outro texto (DISCINI, 2007; 2004).

Para a comparativista literária Tânia Franco Carvalhal (2006, p.51-52), o que tinha até então sido entendido como uma relação de dependência, a dívida que um texto adquiriria com seu antecessor, passou com o estudo da intertextualidade a ser compreendido como um procedimento natural e contínuo de “reescrita” dos textos. O comparativista não se ocuparia só de constatar que um texto resgata outro texto anterior, apropriando-se dele de alguma forma, mas examinaria essas formas, caracterizando os procedimentos efetuados, perguntando-se por que determinados textos são resgatados em dado momento por outra obra. Quais as razões que levariam o autor do texto a reler textos anteriores? Se o autor decidiu “reescrevê-los”, no seu tempo, que novo sentido lhes atribui com esse deslocamento?

Para o semioticista Ugo Volli (2007, p.164-168), nenhum texto seria lido independentemente do sistema literário mais amplo no qual estaria inserido e, por isso, os vários textos formariam uma enciclopédia de uma dada cultura. Eles se evocariam mutuamente, citando-se, portanto, o leitor competente deveria ser capaz de captar essas remissões de um texto ao outro.

Para as linguistas Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2008, p.86-87), haveria uma intertextualidade em sentido restrito e uma em sentido amplo, como também uma intertextualidade explícita e uma implícita. O intertexto, em sentido restrito, pode ser um texto, que faz parte da memória social de uma coletividade, inserido em outro texto. Ou o intertexto, em sentido amplo, poderia ser também considerado como a condição básica para a produção de um texto. Seria um já-dito prévio a todo o dizer. Ele seria explícito quando se cita a fonte do intertexto, como na citação, na referência, no resumo, na resenha e nas traduções. Então o intertexto implícito ocorreria quando a fonte não é expressa, como na alusão, na paródia e em algumas formas de paráfrases e de ironias.

Nesse sentido bem vasto, situamos a intertextualidade ampla, aquela que é, portanto, constitutiva de qualquer atividade de linguagem. Trocando em miúdos: por essa intertextualidade ampla, nenhum texto é absolutamente original, nem pertence por inteiro à autoria de quem o disse ou escreveu. Nossa voz carrega necessariamente as vozes de todos que nos antecederam, tenhamos consciência disso ou não (ANTUNES, 2010, p. 76).

Nosso interesse maior é a intertextualidade em sentido amplo, mas tanto nos interessa o intertexto explícito das citações e das traduções explícitas como também o intertexto implícito das alusões, das paráfrases implícitas e das paródias. Nós discutimos estas tipologias a seguir tentando definir cada procedimento.

2.2 Citação, paráfrase, paródia, tradução e alusão

A citação é uma forma de intertextualidade explícita (mostrada e marcada) que pode ser direta ou indireta. A ideia expressa continuaria sendo, oficialmente, de autoria do autor consultado, por isso, seria necessário citar (marcar) a fonte, mas nem sempre a fonte é citada, o que é chamado de plágio (FARIA, 2014, p. 34).

A citação direta é uma forma de intertextualidade explícita em que se procede a reprodução integral de parte de uma obra consultada, conservando-se, idealmente pelos padrões modernos, a grafia, a pontuação, o idioma e o gênero. A citação apresenta geralmente certas marcas tipográficas que o plágio e a alusão não apresentam (FARIA,

2014, p. 34). A citação indireta é uma forma de intertextualidade explícita em que ocorre a transcrição das ideias do autor consultado, porém usando outras palavras, ou seja, ela é semelhante a uma paráfrase, o que a diferencia normalmente é quantidade de texto e o crédito de autoria. Uma citação indireta é somente parte e não um texto completo, os padrões modernos variam quanto à extensão ideal.

Uma paráfrase é uma forma de intertextualidade que pode ser explícita (semelhante à citação indireta) ou implícita. Ela envolve uma interpretação e/ou uma tradução, nem sempre com fonte creditada (ou marcada), em que o autor procura seguir mais o sentido do texto do que a sua letra; pode ser definida também como uma interpretação, uma explicação ou uma nova apresentação de um texto que visa torná-lo mais inteligível ou que sugere um novo enfoque para o seu sentido. A paráfrase pode servir de base para criação de obras literárias originais. No passado, a tradução parafraseada era o modelo clássico de criação literária e pode-se argumentar que a *Eneida*, de Virgílio seria uma tradução parafraseada do grego para o latim da *Ilíada* e da *Odisseia*, de Homero. Othon Moacyr Garcia contrasta a paráfrase com o resumo definindo-a como um exercício de ampliação do vocabulário:

A paráfrase constitui exercício dos mais proveitosos, principalmente quando não se limita a substituir por sinônimos palavras ou expressões de determinado trecho. A verdadeira paráfrase deve ser uma como que tradução dentro da própria língua. [...] Como se vê, a paráfrase segue, *pari passu*, todos os estágios do pensamento do texto original, sem omitir pormenores que lhe possam prejudicar a fidedignidade. Quanto a isso, ela difere do simples resumo, que se mantém fiel ao original apenas no que diz respeito à essência das ideias (GARCIA, 1976, p. 170-172).

A tradução normalmente é uma forma de intertextualidade explícita (marcada), mas pode se aproximar da paráfrase quando é implícita. Ela se define como a ação de traduzir, de passar para outra língua. É também o ato de transpor uma mensagem de um formato para outro. A tradução expressa ou reflete alguma coisa, seja uma interpretação, uma figuração ou uma abstração. Designa também o processo que decodifica uma linguagem de programação de computadores. Há ainda o termo tradução automática, que seria a tradução de um texto com auxílio de máquinas eletrônicas. Entre os sinônimos de tradução encontram-se: interpretação, versão, reflexo, imagem, decodificação,

trasladação. Cada um desses termos pode ser diferenciado e pressupor ideologias e teorias diferentes.

Uma alusão é o ato ou efeito de aludir, de fazer uma rápida menção a alguém ou algo, uma referência vaga, semelhante a uma citação indireta implícita de poucas palavras. Uma paródia pode ser definida como uma obra literária, teatral, musical, entre outras, que imita outra obra, ou os procedimentos de uma corrente artística, escola, entre outras, com objetivo jocoso ou satírico.

Quando ocorre a intertextualidade implícita cabe ao interlocutor buscar na memória um sentido para o texto (KOCH; ELIAS, 2008, p. 92). Isso nem sempre acontece. O leitor pode não ter a referência em sua memória e o texto pode perder o sentido de argumento de autoridade que a alusão, a citação indireta implícita ou a paráfrase implícita promovem. Também a paródia pode perder o sentido de contra-argumento crítico.

O livro de *1Esdras* apresenta um costurado de vários documentos diferentes. Logo de início, ele retoma o relato de *2Crônicas* 35-36 sobre a páscoa conduzida pelo rei Josias, o seu reinado, sua sucessão ao trono, a queda de Jerusalém sob o domínio babilônico, a deportação para a Babilônia e o exílio de muitos dos seus habitantes e dos herdeiros do trono de Israel durante 70 anos.

Ele serve de tradição secundária para a leitura e tradução dos livros de Esdras e Neemias que fazem parte do canône judaico e cristão. A autoridade de *1Esdras* é secundária e o livro é chamado de apócrifo pelas igrejas ocidentais, porém ainda mantém a relevância como uma fonte de paráfrases das versões gregas desses livros e como uma tradução parafraseada dos livros hebraico-aramaicicos.

Além disso, nós observamos uma intertextualidade implícita em sentido amplo entre o relato dos três guarda-costas do rei Dario e todo um gênero literário dos diálogos filosóficos e das disputas retóricas entre os sábios. O relato se relaciona tanto com os diálogos platônicos como com a literatura oral por meio de uma recepção não consciente através de temas comuns a toda a civilização humana. Em segundo lugar, existe ainda a possibilidade desse diálogo ter sido baseado em uma peça literária persa anterior.

2.3 Transtextualidade, paratextualidade e hipertextualidade

Gérard Genette (1982, p. 8) introduziu o termo geral transtextualidade e conferiu um valor mais restrito ao termo intertextualidade. Ele classificou as relações de transtextualidade em cinco tipos: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, architextualidade e hipertextualidade. Sobre a hipertextualidade em sua obra *Palimpsestos a literatura de segunda mão*, ele nos fala de uma transformação do hipotexto com o acréscimo de camadas de hipertexto sobre ele:

A Eneida e Ulisses são, sem dúvida, em diferentes graus e certamente a títulos diversos, dois (entre outros) hipertextos de um mesmo hipotexto: a Odisséia, naturalmente. Como se vê por esses exemplos, o hipertexto é mais frequentemente considerado como uma obra “propriamente literária” do que o metatexto – pelo simples fato, entre outros, de que, geralmente derivada de uma obra de ficção (narrativa ou dramática), ele permanece obra de ficção, e, como tal, aos olhos do público entra por assim dizer automaticamente no campo da literatura; mas essa determinação não lhe é essencial, e encontraremos certamente algumas exceções. (GENETTE, 2010 [1982], p.18)

Aproximamos o conceito de reescritura de Lefevere de várias formas de transtextualidade descritas por Genette. Dentre elas, a hipertextualidade se destaca pela metáfora do palimpsesto. Assim, a reescritura, seja ela uma tradução ou outra forma de reescrever o texto pode também ser comparada ao processo de usar uma mesma folha de pergaminho para registrar uma outra mensagem.

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente: *hipertextos*) todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através da leitura, o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos. Tentamos aqui explorar esse território. Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos. Este meu texto não escapa à regra: ele a expõe e se expõe a ela. Quem ler por último lerá melhor. (GENETTE, 2010 [1982], p. 7)

O conceito de paratextualidade também é interessante para a nossa pesquisa, porque nela ele classifica todo o entorno do texto propriamente dito, sua periferia: os títulos, prefácios, ilustrações, encartes etc. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 289). Nós também observamos os números de concordância bíblica como uma forma

de paratexto e as listas de ocorrências de palavras como uma forma de pré-leitura de outros textos nos quais buscamos um novo contexto de uso para algumas palavras que nos chamam atenção. O paratexto não parece dispensável e ele não é usado apenas por quem já conhece profundamente o texto e precisa ampliar o esquema de compreensão do texto. O paratexto dá apoio para a leitura inicial e oferece pistas que o leitor precisa para adentrar no texto como também para redescobri-lo após mais de uma leitura:

O segundo tipo é constituído pela relação, geralmente menos explícita e mais distante, que, no conjunto formado por uma obra literária, o texto propriamente dito mantém com o que se pode nomear simplesmente seu paratexto: título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; release, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende. (GENETTE, 2010 [1982], p. 15).

Ao observarmos textos numerados e em referência cruzada com outros textos, nós somos levados a fazer ligações e comparações com outros trechos, que podem explicar o uso de palavras numa visão mais restrita do contexto, ou, numa visão mais ampla do contexto maior, buscar marcas de gênero que possam nos motivar no trabalho de leitura e reescritura.

2.4 Colocações lexicais e intertextualidade

Segundo Dubois et al. (2006, p.116), colocação é a distribuição estabelecida entre os morfemas léxicos de um enunciado, abstraídas as relações gramaticais existentes entre esses morfemas. Dá-se como exemplos o substantivo “construção” e o verbo “construir” que numa frase podem se encontrar com as mesmas palavras numa mesma colocação.

Para o linguista textual Jean-Michel Adam (2008, p.161), as colocações lexicais, quando características de determinados textos como discursos políticos e contos de fadas, dentre outros, seriam uma forma de intertextualidade também, pois se liberariam da estrutura sequencial do texto e lhe acrescentariam uma organização em rede. Por exemplo, toda vez que alguém dissesse “Eu tenho um sonho”, essa fraseologia remeteria

ao discurso de Martin Luther King. Ou sempre que alguém se referisse a uma personagem como “bela moça”, “pobre moça” e “pobre criança”, isso remeteria a personagens femininas protagonistas do gênero do conto de fadas.

Jean Michel Adam (2008, p. 147) parte do conceito de isotopia de Algirdas Julien Greimas como uma redundância de categorias, principalmente semânticas, que possibilita uma leitura uniforme de porções inteiras de textos para chegar ao conceito de colocação lexical como textualidade e intertextualidade. A isotopia permite uma coesão textual e uma coesão semântica ou uma coerência interpretativa. A unidade isotópica mínima é uma ligação entre dois lexemas num nível frasal ou transfrasal.

O conceito de colocação pode ser estudado de duas formas. Primeiramente, do ponto de vista da língua, a colocação é quando se criam dicionários que listam a recorrência de expressões com palavras que sempre são acompanhados de outras palavras ou de determinadas locuções. Todo dicionário que apresenta exemplos de frases tenta deixar explícita a colocação daquela palavra de alguma maneira, para mostrar como a palavra é usada num contexto linguístico, seja literal ou figurativo.

Do ponto de vista da análise textual dos discursos, estudam-se as colocações próprias de um texto que são estabelecidas pelas repetições de palavras associadas num dado texto. Trabalha-se com uma segmentação das ocorrências e das co-ocorrências de lexemas.

Adam (2008) argumenta que as colocações lexicais são um lugar importante de construção da coesão semântica do texto como discurso. O vocabulário de um autor ou de um texto é feito dessas associações de lexemas que a sintaxe articula. Além disso, antes de atingir a estabilização, é num texto que as colocações se estabelecem e exercem um papel estruturante (ADAM, 2008, p. 156).

Seguindo este raciocínio, as colocações contribuem para a construção da textualidade. Elas permitem uma leitura de uma estrutura não-sequencial do texto. As colocações podem estruturar a progressão textual, ou seja, esquematizar um esqueleto do texto. Elas servem de ponto de referência, marco de passagem de um momento do texto para um outro momento.

As colocações podem estabelecer uma concordância, uma proporção entre a recorrência das palavras e a progressão da narrativa. Ademais, elas podem compor espaços distintivos onde uma rede de palavras caracteriza-se como um espaço positivo e uma segunda rede de palavras caracteriza-se como espaço negativo, podendo haver uma passagem de um sistema de colocação lexical para um outro.

Adam (2008) vai além deste tipo de análise anterior e propõe a observação das colocações lexicais que contribuem para a construção da intertextualidade. “As associações lexicais estabelecidas num texto podem ser tão fortes que se estabelecem, em forma de memória, e tornam-se os suportes de conexões intertextuais” (ADAM, 2008, p. 160).

Nossa abordagem do texto de *IEsdras* envolve uma leitura cheia de referências a outras obras, pois na nossa busca pela melhor tradução sempre encontramos instrumentos que, ao apontar uma tradução de uma palavra, nos dão como exemplos passagens de outras obras e acabamos por encontrar paralelos entre o texto fonte da tradução e um contexto maior.

Ao realizarmos a tradução do capítulo 4, versículos 12 ao 20:

12 ἄνδρες, πῶς οὐχ ὑπερισχύει ὁ βασιλεὺς, ὅτι οὕτως ἐπακουστός ἐστίν; καὶ ἐσίγησεν. **13** Ὁ δὲ τρίτος ὁ εἶπας περὶ τῶν γυναικῶν καὶ τῆς ἀληθείας— οὗτός ἐστιν Ζοροβαβελ— ἤρξατο λαλεῖν **14** Ἄνδρες, οὐ μέγας ὁ βασιλεὺς καὶ πολλοὶ οἱ ἄνθρωποι καὶ ὁ οἶνος ἰσχύει; τίς οὖν ὁ δεσπότης αὐτῶν ἢ τίς ὁ κυριεύων αὐτῶν; οὐχ αἱ γυναῖκες; **15** αἱ γυναῖκες ἐγέννησαν τὸν βασιλέα καὶ πάντα τὸν λαόν, ὃς κυριεύει τῆς θαλάσσης καὶ τῆς γῆς; **16** καὶ ἐξ αὐτῶν ἐγένοντο, καὶ αὐταὶ ἐξέθρεψαν αὐτοὺς τοὺς φυτεύοντας τοὺς ἀμπελώνας, ἐξ ὧν ὁ οἶνος γίνεται. **17** καὶ αὐταὶ ποιοῦσιν τὰς στολὰς τῶν ἀνθρώπων, καὶ αὐταὶ ποιοῦσιν δόξαν τοῖς ἀνθρώποις, καὶ οὐ δύνανται οἱ ἄνθρωποι εἶναι χωρὶς τῶν γυναικῶν. **18** ἐὰν δὲ συναγάγῃσιν χρυσίον καὶ ἀργύριον καὶ πᾶν πρᾶγμα ὠραῖον καὶ ἴδωσιν γυναῖκα μίαν καλὴν τῷ εἶδει καὶ τῷ κάλλει, **19** καὶ ταῦτα πάντα ἀφέντες εἰς αὐτὴν ἐγκέχησαν καὶ χάσκοντες τὸ στόμα θεωροῦσιν αὐτήν, καὶ πάντες αὐτὴν αἰρετίζουσιν μᾶλλον ἢ τὸ χρυσίον καὶ τὸ ἀργύριον καὶ πᾶν πρᾶγμα ὠραῖον. **20** ἄνθρωπος τὸν ἑαυτοῦ πατέρα ἐγκαταλείπει, ὃς ἐξέθρεψεν αὐτόν, καὶ τὴν ἰδίαν χώραν καὶ πρὸς τὴν ἰδίαν γυναῖκα κολλᾶται

12 Ó homens, como não é o **rei mais forte**, já que assim ele é obedecido?” e ele silenciou. 13 Em seguida, o terceiro, que falou sobre as **mulheres** e a **verdade**, (este foi Zorobabel) começou a falar: 14 “Homens, não é **grande** o **rei**, não são **muitos** os **homens**, e o **vinho** não é **forte**? Quem é, então, que os **domina**, ou quem é **senhor** deles? Não são as **mulheres**? 15 As mulheres geraram o rei e todo o povo que é **senhor** do mar e da terra. 16 Também delas vieram os seres humanos; e elas alimentaram estes, os que plantam as vinhas, das quais provém o vinho. 17 Estas também fazem as roupas dos homens; e

estas trazem glória aos homens; e os homens não **podem** existir sem as mulheres. 18 Ainda se os homens reunissem ouro e prata, ou toda coisa bela, e vissem uma mulher que é boa na aparência e na beleza? 19 Então deixando todas essas coisas, para ela, embasbacaram-se e escancarando a boca, fixam os olhos nela; e todos a ela escolhem mais do que o ouro e a prata e toda coisa bela. 20 Um homem abandona seu próprio pai que o criou, e seu próprio país, e à sua própria mulher se apega;

Percebemos a colocação das palavras ὑπερισχύει (*hyper-ischýei*), “é mais forte”, ou ισχύει (*ischýei*), “é forte” que se repete na história dos três jovens guarda-costas do rei Dario. Essa colocação acaba gerando associações no texto com o “o rei”, “o vinho”, “as mulheres”. Essa colocação destaca e dá relevo as palavras, o que nos faz buscar que outras associações poderiam ser feitas. Outras palavras que reforçam este sentido são δεσπόζων (*despózōn*, “sendo amo”), μέγας (*mégas*, “grande”), πολλοί (*polloí*, “muitos”), κυριεύων (*kyrieúōn*, “sendo senhor”), κυριεύει (*kyrieúei*, “é senhor”).

Através da tradução do texto de *IEsdras* buscamos estudar o vocabulário usado nessa tradução tendo em vista produzirmos a nossa tradução numa recepção do texto grego antigo. Assim, podemos contrastá-lo com o *corpus* de literatura grega antiga a que temos acesso.

2.5 Concordância e intertextualidade

Quando relacionamos esta colocação de *IEsdras* com passagens do *Novo Testamento*, encontramos 28 ocorrências do verbo ισχύω (*ischýō*) que são reconhecidas pelo número 2480 na *Concordância Fiel do Novo Testamento* (1994, p. 406). A *Concordância Fiel do Novo Testamento* utiliza a tradução *Almeida Revista e Atualizada* (ARA ou RA), que é uma das bíblias mais populares e mais utilizadas atualmente no Brasil, devido à sua ampla aceitação no meio protestante e no meio católico. A ARA foi baseada na *Bíblia de João Ferreira de Almeida* (1628-1691), na *Almeida Revista e Corrigida*, edição de 1898, e também na *Tradução Brasileira da Bíblia*, publicada em 1917. A ARA foi publicada em 1959 pela Sociedade Bíblica do Brasil. Ela teve uma segunda edição publicada 1993, na versão que utilizamos em nossa pesquisa.

O site Bible Hub (2004-2020) apresenta as mesmas 28 ocorrências da palavra ἰσχύω (*ischýō*) numeradas pelo número de Strong 2480 em grego junto com três diferentes traduções para o inglês. A primeira é a *New American Standard Bible* (NAS), que é uma tradução padrão inglesa, que apresenta uma sintaxe e um vocabulário mais próximos do contemporâneo. A segunda é a *King James Bible* (KJV), que é uma versão clássica com alguns arcaísmos de vocabulário. A terceira é a *Biblos Interlinear Bible* (INT), que é uma versão interlinear eletrônica voltada para o estudo do texto grego, que apresenta um vocabulário contemporâneo, mas uma sintaxe estranha ao inglês, porém mais próxima do grego:

Matthew 5:13 V-PIA-3S
 GRK: εἰς οὐδὲν ἰσχύει ἔτι εἰ
 NAS: longer good for anything,
 KJV: it is thenceforth good for
 INT: for nothing it is potent any longer if

Estas concordâncias são baseadas na *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*, também conhecida como Concordância de Strong, que foi elaborada sob a direção do professor de teologia no *Drew Theological Seminary* Dr. James Strong (1822–1894) e publicada pela primeira vez em 1890.

Elas constituem uma referência cruzada remetendo cada palavra presente na Bíblia ao termo existente no texto na linguagem original, cujo objetivo é oferecer um índice de referência bíblica, palavra por palavra, permitindo que o leitor possa localizar todas as ocorrências de um determinado termo na Bíblia.

Segundo Dubois *et al.* (2006, p.138), a concordância é uma técnica lexicográfica que consiste em um índice de palavras apresentadas em seu contexto imediato. Assim depois de realizada a indexação das palavras de um texto, de um autor, de uma época, a concordância fornece informações sobre as referências das palavras, sobre sua frequência e ademais a possibilidade de estudar os diversos empregos do mesmo vocábulo.

As concordâncias da *Bíblia* são índices de palavras da *Bíblia*, ou listas de palavras bíblicas organizadas em ordem alfabética com indicações para permitir ao inquiridor encontrar as passagens da *Bíblia* onde as palavras ocorrem. Algumas simplesmente indicam as passagens; mas uma concordância pode citar o suficiente de uma passagem

para lembrá-la a alguém familiarizado com ela. Seu principal uso seria capacitar a localizar qualquer texto de que se lembra, ou localizar e obter com precisão qualquer texto vagamente lembrado, se apenas uma palavra importante dele for lembrada.

Segundo John Fancis Fenlon (1913), as concordâncias verbais da Bíblia são invenção dos frades dominicanos. O texto que serviu de base para seu trabalho foi naturalmente o da *Vulgata*. A primeira concordância, concluída em 1230, foi empreendida sob a orientação de Hugo, ou Hugues, de Saint-Cher (Hugo de Sancto Charo), assistido por 500 outros frades dominicanos. Não continha citações e era puramente um índice de passagens onde uma palavra foi encontrada. Elas eram indicadas por livro e capítulo (a divisão em capítulos fora recentemente inventada por Stephen Langton, arcebispo de Canterbury), mas não por versículos, que só foram introduzidos por Robert Estienne em 1545. Em vez de versículos, Hugo dividiu os capítulos em sete partes quase iguais, indicadas pelas letras do alfabeto, a, b, c, etc. Inicialmente as concordâncias davam apenas uma lista de passagens, e nenhuma ideia do que as passagens continham. Foi de pouco serviço para os pregadores, portanto; conseqüentemente, a fim de torná-las valiosas para eles, três dominicanos ingleses acrescentaram (1250-1252) as citações completas das passagens indicadas.

A primeira concordância a ser impressa, apareceu em 1470 em Estrasburgo e alcançou uma segunda edição em 1475. Essa obra maior foi resumida e impressa em Nuremberg em 1485. Outro dominicano, Ivan Stojković ou João de Ragusa, achando necessário mostrar o uso bíblico de *nisi, ex e per*, que foram omitidas das concordâncias anteriores, começou (c. 1435) a compilação de quase todas as palavras indeclináveis; a tarefa foi completada por outros e finalmente adicionada como um apêndice à concordância de Conrad de Halberstadt na obra de Sebastian Brant publicada em Basileia em 1496. A obra de Brant serviu de base para a concordância publicada em 1555 por Robert Estienne, o ilustre erudito e impressor protestante francês. Estienne acrescentou nomes próprios, forneceu omissões, misturou as palavras indeclináveis com as outras em ordem alfabética e deu as indicações para todas as passagens por versículo, bem como por capítulo, em todos esses aspectos aproximando sua obra muito mais do modelo atual (FENLON, 1913).

Dessa forma, ler qualquer documento relacionado ao texto bíblico possibilita uma leitura em rede não-linear. O caminho de leitura normalmente é linear, pode ser da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. De cima para baixo ou de baixo para cima. Por outro lado, há uma leitura das margens dos textos, das notas laterais, das notas de rodapé, dos cabeçalhos, da numeração dos capítulos, da numeração dos versículos e da numeração das concordâncias. Esses paratextos são chamados de hipertextos de primeira geração por outros autores que utilizam a informática e o computador como analogia para a mente humana e para a memória (LÉVY, 1993, p. 31; PRIMO e RECUERO, 2006, p. 2).

2.6 Hipertexto como modelo mental e metáfora para a leitura não-linear

Para a Informática, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões codificadas para interagir com o usuário que normalmente observa uma interface gráfica numa tela, onde uma palavra destacada simboliza o ponto de acesso para outro texto. O caso impresso seria uma forma primitiva de possibilitar o mesmo tipo de leitura não-linear por meios analógicos.

O filósofo Pierre Lévy trabalha a noção de hipertexto além dos suportes impresso e eletrônico. Ele usa uma noção ampla de hipertexto como uma forma de metáfora conceitual para o modo como a mente humana gera redes de significado. Os suportes impresso e eletrônico serviriam para apoiar os limites da memória humana que precisa de reforços para refazer os caminhos associativos. Um mesmo texto traria associações opostas para pessoas diferentes devido à rede de hipertexto que o leitor acessa mentalmente (LÉVY, 1993, 14-15).

Quando ouço uma palavra, isto ativa imediatamente em minha mente uma rede de outras palavras, de conceitos, de modelos, mas também de imagens, sons, odores, sensações proprioceptivas, lembranças, afetos, etc. Por exemplo, a palavra “maçã” remete aos conceitos de fruta de árvore, de reprodução; faz surgir o modelo mental de um objeto basicamente esférico, com um cabo saindo de uma cavidade, recoberto por uma pele de cor variável, contendo uma polpa comestível e caroços, ficando reduzido a um talo quando o comemos; evoca também o gosto e a consistência dos diversos tipos de maçã, a *granny* mais ácida, a *golden* muitas vezes farinhenta, a *melrose* deliciosamente perfumada; traz de volta memórias de bosques normandos de macieiras, de tortas de maçã, etc. A palavra maçã está no centro de toda esta rede de imagens

e conceitos que, de associação em associação, pode estender-se a toda nossa memória. Mas apenas os nós selecionados pelo contexto serão ativados com força suficiente para emergir em nossa consciência (LÉVY, 1993, 14).

Lévy toma os termos leitor e texto no sentido mais amplo possível, afirmando que o objetivo de todo texto é o de provocar em seu leitor um certo estado de excitação da grande rede heterogênea de sua memória, ou então orientar sua atenção para uma certa zona de seu mundo interior, ou ainda disparar a projeção de um espetáculo multimídia na tela de sua imaginação.

Ele defende que cada palavra transforma, pela ativação que propaga ao longo de certas vias, o estado de excitação da rede semântica, contribuindo para construir ou remodelar a própria topologia da rede ou a composição de seus nós. Cada vez que um caminho de ativação fosse percorrido, algumas conexões seriam reforçadas, ao passo que outras cairiam aos poucos em desuso. A imensa rede associativa que constituiria nosso universo mental encontraria-se em metamorfose permanente. Essas reorganizações podem ser temporárias e superficiais ou profundas e permanentes.

Lévy propõe seis princípios abstratos para caracterizar o modelo do hipertexto a fim de preservar suas múltiplas possibilidades de interpretação. 1. *Princípio de metamorfose*: a rede hipertextual está em constante construção e renegociação. 2. *Princípio de heterogeneidade*: os nós e as conexões de uma rede hipertextual são heterogêneos. 3. *Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas*: o hipertexto se organiza em um modo “fractal”, ou seja, qualquer nó ou conexão, quando analisado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede, e assim por diante, indefinidamente. 4. *Princípio de exterioridade*: a rede não possui unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento e sua diminuição, sua composição e sua recomposição permanente dependem de um exterior indeterminado: adição de novos elementos, conexões com outras redes, excitação de elementos terminais (captadores), etc. 5. *Princípio de topologia*: Nos hipertextos, tudo funciona por proximidade, por vizinhança. Neles, o curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos. 6. *Princípio de mobilidade dos centros*: a rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros (LÉVY, 1993, p. 15-16).

Sob o regime da oralidade primária, quando não se dispunha de quase nenhuma técnica de armazenamento exterior, o coletivo humano era um só com sua memória. A sociedade histórica fundada sobre a escrita caracterizava-se por uma semiobjetivação da lembrança, e o conhecimento podia ser em parte separado da identidade das pessoas, o que tornou possível a preocupação com a verdade subjacente, por exemplo, à ciência moderna. O saber informatizado afasta-se tanto da memória (este saber “de cor”), ou ainda a memória, ao informatizar-se, é objetivada a tal ponta que a verdade pode deixar de ser uma questão fundamental, em proveito da operacionalidade e velocidade (LÉVY, 1993, p. 73).

Destarte, a memória humana sempre se apoia em alguma forma de texto, seja um texto da oralidade, seja um texto da escrita, seja um hipertexto digital dos computadores modernos. O ser humano criou toda uma forma de literatura oral através de canções, poesias, lendas, mitos. A partir da criação da escrita, começa-se um processo de escritura e de registro que aparentemente deveria preservar de uma maneira mais eficiente a memória humana.

Todavia, o processo de modificação dessa memória nunca foi interrompido. Os textos continuaram precisando ser escritos e copiados novamente, citados, comentados, traduzidos. Na era dos computadores, esse dinamismo acrescentou um grau de velocidade ainda maior.

A memória e a referenciação da verdade estão mais frágeis; porém, estratégias do impresso ainda funcionam no digital, no virtual. A citação das fontes ainda é um forte argumento de autoridade, quanto mais citada for a fonte, quanto mais acessada for a fonte, mais valorizada ela é. Os microtextos são produzidos infinitamente para alcançar o maior número de pessoas. Uma citação de um autor às vezes é mais relevante do que sua obra. Muitas vezes um autor conhecido recebe falsas citações.

Através da tradução de *IEsdras*, nós do GES-UFC realizamos uma forma de leitura hipertextual da obra. Buscamos através de cada palavra estabelecer ligações com outros textos. Nem sempre encontramos relações de intertextualidade no sentido mais restrito, porém, sempre promovemos a nossa recepção desta obra através de leituras comparativas e constrativas. Utilizamos os números de concordância bíblica como ponto de largada para uma pesquisa mais ampla das ocorrências de determinadas palavras-chave

em textos da literatura grega antiga, como também nos livros que formam o *Novo Testamento*.

Em nossa pesquisa, também utilizamos motores de busca como o *Google* e a *Perseus Digital Lybrary* para encontrar ocorrências da mesma palavra em outros textos. Os motores de busca são sistemas de recuperação de informações cuja finalidade está em “auxiliar na busca de informações armazenadas em ambientes computacionais” e cuja utilidade pode ser mensurada na relevância e na rapidez de seus resultados (GABRIEL, 2012, p. 36).

Segundo Fernandes *et al.* (2012), são três as funções essenciais para a qualidade e velocidade de tais mecanismos. Ordenando-as a partir de sua operacionalidade, temos: a) *crawling*: um programa denominado *crawler* varre a *Web* coletando páginas novas e atualizadas para serem incluídas no índice; b) *indexing*: as informações recolhidas são armazenadas e indexadas na base de dados; c) *searching*: uma interface de busca é exibida para o usuário realizar a pesquisa, a interface e o software relacionado que conecta a busca do usuário com o índice executa um algoritmo que serve para encontrar e exibir as páginas relevantes.

O motor de busca da empresa *Google* promove a indexação de todos os *sites* da *Web* não encriptados. A “*Web* visível” ou “*indexável*” (*Web* superficial) é a parte da *Web* que os buscadores conseguem acessar para poder acrescentar dados ao seu índice. A *Deep Web* ou “*Web* invisível” refere-se à parte da *Web* que não pode ser acessada pelos buscadores – essa parte consiste em páginas dinâmicas e conteúdos bloqueados por trás dos bancos de dados e outros sistemas que os mecanismos de busca não conseguem extrair” (GABRIEL, 2012, p. 47).

O motor de busca da *Perseus Digital Lybrary* constrói um índice da ocorrência das palavras dentro de um corpus de literatura grega antiga que contém um grande número de obras clássicas de filósofos como Aristóteles e Platão, as peças dos tragediógrafos Ésquilo, Sófocles e Eurípedes e também os discursos de oradores como Demóstenes. Estes índices apresentam o nome do autor, o nome da obra, o número de ocorrências da palavra. Este número funciona como uma ligação para uma outra página que contém citações dos contextos imediatos onde a palavra pesquisada aparece.

Word frequency information for ἰσχυρός

Search: ἰσχυρῶ View

View frequencies for ἰσχυρῶ in Greek View

How to enter text in Greek:
 Greek α β γ δ ε ζ η θ ι κ λ μ ν ξ ο π ρ σ τ υ φ χ ψ ω
 New Code α β γ δ ε ζ η θ ι κ λ μ ν ξ ο π ρ σ τ υ φ χ ψ ω
 Old Code α β γ δ ε ζ η θ ι κ λ μ ν ξ ο π ρ σ τ υ φ χ ψ ω
 Hom. Il. 1.1 μῆνιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
 mh-nin a/eide-gea1 "phih-i+a/dew "axilhi-os

Display Preferences
 Greek Display: Unicode (precombined)
 Arabic Display: Unicode
 View by Default: Translation
 Browse Bar: Show by default
 Update Preferences

Ativar o Windows
 Acesse Configurações para ativar o Windows.

Figura 1: Ferramenta de frequência da palavra.

Search Results

Currently searching the following texts in Greek:

- Flavius Josephus, *Antiquitates Judaicae* (ed. B. Niese)

Showing 1 - 1 of 1 document results in Greek.

Flavius Josephus, *Antiquitates Judaicae* (Greek) [Less](#)

book 1, section 121: ... παρακοῆν τραπὴν ἔλαβον. Ἕλληνας δ' εἶναι αἰ τοῦτοι κατοστάντες αἰοῖ: ἰσχυροῦς γὰρ ἐν τοῖς ἴσπερον ἴδιον ἐποίησαντο καὶ τὴν
 book 1, section 128: ... μάρτυς δέ μου τῷ λόγῳ μία τῶν ἐν Κύπρῳ πόλεων ἰσχυροῦς τὴν προσηγορίαν φυλάξει: Κίτιον γὰρ ὑπὸ τῶν Ἑβραίων κληθῆναι οὐκ ἔστιν.
 book 2, section 45: ... σμυδὸν δέ: αἱ γὰρ καταχρημαίται βέες δαμονήρσαι τὴς κρείττους οὐκ ἰσχυροῦς κορεσθῆναι. ὁ μόνος θεὸς οὐκ ἐπὶ τῷ λυσιῖν τῷ
 book 3, section 203: ... εἶνα δόξει χειμέριον, οὐτε μὴν λεπτὸν οὕτως, οὐτε τὴν ἄμιν ἰσχυροῦς τι δὲ αὐτοῦ κατανοῆσαι: ἠδὲα δὲ ἀπ' αὐτοῦ ὄρατος
 book 3, section 285: ... πᾶσι οὐκ ἐπὶ ἐπὶ τῶς οἰκίας νύκτιον ἰσχυροῦς ἠθέλησε τὰς κατὰ κώμας περαιομένους: παρὶ γὰρ τῶν ἐν
 book 3, section 318: ... ἡμῶν ἰσχυροῦς μετὰ πολλῶν κινδύνων καὶ ἀναλομῶν καὶ θύσαντες οὐκ ἰσχυροῦς τῶν ἰσχυροῦς μεταλαβὼν Μιασῶς ἀπηγορευκῶς ἐπὶ τινι τῶν αὐ
 book 7, section 101: ... ταῖς πολλὰ χρόνια ἴσπερον τῶν ἔχωριων τὴς ἡδωας ὄνομα πλεόν ἰσχυροῦς ἀμασκού τε καὶ τῆς ἄλλης Συρίας ἔτα Φοινίκης ἐβουλεύσατο.
 book 7, section 289: ... ἢ ἢ θύσαντα προῖστο δικαιοῦ τε οὐρα καὶ τὴν ἐλπίσαν ἰσχυροῦς βουλομένην καὶ τὴ θέλον ἀγαπῆσαι:
 book 8, section 45: ... καὶ αὐτὴ μὲν γὰρ παρ' ἡμῶν ἡ βεραπεία πλεόντων ἰσχυροῦς ἰσχυροῦς γὰρ τὴντα Ἐλεάζρον τῶν ἀμοφίλων Οὐρασιανῶν παρόντος καὶ
 book 8, section 233: ... συλλαβὴν αὐτῶν. ἐκταμένην δ' ἡ χεῖρ αὐθιγας παρεῖθη καὶ οὐκ ἰσχυροῦς ταύτην πρὸς αὐτὸν ἀναγαγεῖν, ἀλλὰ νενορκιστῶν καὶ νεκρῶν εἶχεν
 book 8, section 285: ... καὶ ἱεραβεσῶς μὲν οὐκ ἐπὶ μετὰ τούτην τὴν ἴππον ἰσχυροῦς ἐπ' ἄσον ἄβιος περιῖν χρόνιαν. τελευτῶ δ' ἰσχυροῦς

Refine This Search
 Language: Greek
 Required words: Expand
 Required phrase: Expand
 Allowed words: εἰσχυροῦς/ἰσχυροῦς/santos e Expand
 Excluded words: Expand
 Refine search
 (This searches within the currently selected documents. To search within all documents, use the form below.)
 All Matching Documents (1) [show](#)
 Matching Lemmas (1) [hide](#)
 ἰσχυροῦς: 'to be strong' (entry in LSI Middle Liddell Slater)

Ativar o Windows
 Acesse Configurações para ativar o Windows.

Figura 2: Resultados em contextos imediatos.

Na *Perseus Digital Lybrary*, há ligações com outras páginas e o texto completo da obra em grego. Também há ligações para uma ou mais traduções para o inglês da obra. Normalmente traduções do início do século XX ou do século XIX que perderam o direito autoral e foram digitalizadas para o domínio público. Cada palavra grega ou latina nos

textos digitalizados funcionam como uma ligação para uma outra página com a análise morfossintática, a forma dicionarizada da palavra e outras ligações para os verbetes dessas palavras em dicionários grego-inglês que foram digitalizados dentro do *corpus* do projeto.

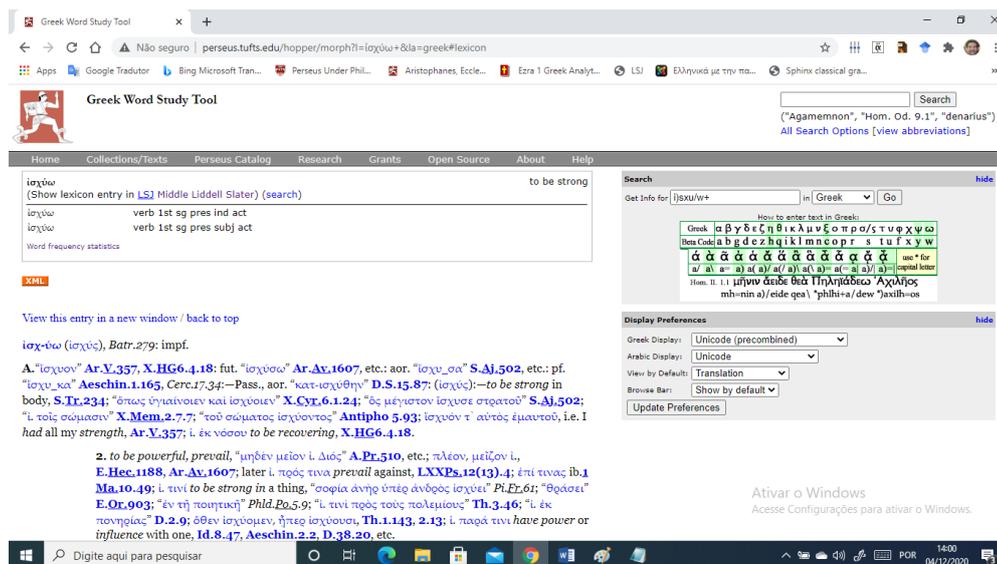


Figura 3: Ferramenta para estudo da palavra

Ao buscarmos realizar uma leitura não-linear que percorre vários caminhos de interpretação e recepção da obra, a relevância das palavras para o trabalho de leitura alcançou um maior ou menor grau. As colocações lexicais serviram de provocações para outras leituras mais abstratas e menos focadas no material verbal do vocabulário do texto. Muitas vezes debatemos outras questões sobre a forma como a significação da obra chega até o nosso período de tempo e que reflexões traz para o leitor contemporâneo.

Esta leitura não é linear porque cada trecho e cada palavra traduzida vem carregada de usos e sentidos aos quais tivemos acesso em nossa leitura do *corpus* disponível para contraste. Partindo da teoria da reescritura, refletimos como este trabalho de observação das ligações entre as leituras do *corpus* influencia no processo de tradução do texto.

3 REESCRITURA

Reescrever é escrever novamente de outra forma. Reescritura é a ação de reescrever, ou seja, uma nova interpretação. No inglês, se diz *rewriting*, no espanhol, *reescritura*, no italiano, *risrittura*, no alemão, *Neuschreibung*, normalmente é vertido para o português como reescrita. No entanto, usamos o termo reescritura para diferenciar o sentido técnico ao qual nos aproximamos para discutir a tradução de *1 Esdras*.

As reflexões de Lefevere surgiram nas últimas décadas do século XX, quando os Estudos da Tradução alcançaram o estatuto de disciplina independente (SNELL-HORNBY, 2006, p. 47; BASSNETT, 2002, p. 1) e desenvolveram teorias, metodologias e instrumentos de pesquisa, independentes da filosofia, dos estudos literários, da linguística e da antropologia. Nesse processo, a relação dos estudos da tradução com áreas afins foi assumindo uma maior caracterização da disciplina. Assim, para Bassnett e Lefevere, “o crescimento dos Estudos da Tradução como disciplina autônoma é uma história de sucesso dos anos 1980” (BASSNETT; LEFEVERE, 1990, p. ix).

Lefevere enfatiza o conceito de tradução o como reescritura (*rewriting*), que se refere ao resultado de uma articulação do sistema literário com outras práticas institucionalizadas e outras formações discursivas (religiosas, étnicas, científicas) (LEFEVERE; BASSNETT, 1990, p. 13). Na Introdução à coletânea de artigos *Translation, History and Culture*, Lefevere e Susan Bassnett afirmam que “a tradução é uma das muitas formas sob as quais as obras de literatura são reescritas” (1990, p. 10), incluindo-se, entre as outras formas, as resenhas, a crítica, a historiografia literária, as antologias e as transposições para outros sistemas semióticos, como, por exemplo, o cinema, a televisão e o teatro. As reescrituras, portanto, produzem novos textos a partir de outros já existentes, garantindo, assim, a sobrevivência das obras literárias, como também contribuem para construir a “imagem” de um autor e/ou de uma obra literária.

Em *Translation: Its Genealogy in the West*, Lefevere (1990) demonstra que a tradução estabelece um cânone translinguístico e transcultural, que a tradução dá acesso ao texto em outra língua, estabelece um novo contato; transmite autoridade para a obra estrangeira e novos recursos para literatura receptora; desequilibrando a identidade da cultura alvo; subvertendo a autoridade da língua alvo; tomando parte na luta entre

ideologias rivais ou poéticas rivais; debaixo de certa imunidade enquanto ataca a poética alvo.

Para o teórico, o sistema literário e o sistema social influenciam-se reciprocamente e operam sob um mecanismo de controle constituído por dois fatores, sendo um interno e o outro externo ao sistema literário. O fator interno trabalha de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo segundo fator, e é representado por intérpretes, críticos, professores de literatura e tradutores, por reescritores.

Os agentes de reescritura reprimem certas obras que contrariam as concepções de literatura (poética) e de mundo (ideologia) na sua sociedade, no seu momento, enquanto adaptam as obras literárias de modo a fazê-las corresponder à poética e à ideologia da sua época (LEFEVERE, 1985, p. 226).

No artigo *WHY WASTE OUR TIME ON REWRITES? The Trouble with Interpretation and the Role of Rewriting in an Alternative Paradigm*, Andre Lefevere (1985) escreve:

But these rewriters will much more frequently adapt works of literature until they can be claimed to correspond to the poetics and the ideology of their age. French neo-classical translations of Homer, for example, in which all that was felt to be ‘uncouth’, such as the entrails of both men and animals, was resolutely left out, are an obvious example of the process, as long as we realize that these features of the original were not left out because the translators knew no Greek, or because the Greek-French dictionaries of the period were strangely deficient in certain areas, but because the ‘uncouth’ simply ran counter to the dominant poetics/ideology of that period ...

Mas esses reescritores adaptarão com muito mais frequência as obras da literatura até que possam ser reivindicadas como correspondendo à poética e à ideologia de sua época. As traduções neoclássicas francesas de Homero, por exemplo, nas quais tudo o que era considerado ‘inculto’, como as entranhas de homens e animais, foi definitivamente deixado de fora, são um exemplo óbvio do processo, desde que percebamos que essas características do original não foram deixadas de fora porque os tradutores não sabiam grego, ou porque os dicionários grego-francês da época eram estranhamente deficientes em certas áreas, mas porque o ‘inculto’ simplesmente ia contra a poética / ideologia dominante daquele período (LEFEVERE, 1985, p. 226, tradução nossa)

Assim, injunções de ordem poética e político-ideológica atuam na tradução. O trabalho de Lefevere desde meados da década de 1980 até seu falecimento, no início de

1996, foi marcado pela preocupação de descrever a articulação do sistema de reescritas com as estruturas de poder e os agentes de continuidade em uma cultura.

A Literatura escapa a definições simplistas, porém podemos observar como o sistema literário composto por obras, autores, leitores e críticos desenvolve uma dinâmica de significação e ressignificação análoga às dinâmicas dos movimentos sociais e históricos. No momento em que buscamos ler obras antigas que por vezes têm um cunho religioso ou cronístico, surge então o questionamento sobre o valor literário de tais obras. Nosso grupo de estudiosos do grego antigo muitas vezes busca nas obras uma forma de compreender melhor esta língua em vários períodos e vários gêneros. O prazer estético que retiramos do trabalho de leitura e tradução é retirado dos debates sobre a melhor palavra ou expressão que possamos utilizar em nossas reescrituras. Além disso ao lermos uma obra de cunho religioso ressignificamos a obra pela nossa recepção enquanto leitores do século XX e estudiosos da literatura grega antiga.

Isso não significa que a obra traduzida sempre tenha um valor anterior dado que é descoberto pela interpretação. Ao se falar sobre um livro, ao reescrevê-lo de alguma forma, nós já fazemos um trabalho de torná-lo relevante novamente para uma determinada comunidade de leitores. As obras gregas antigas são inacessíveis para a maioria das pessoas. As obras escritas em hebraico, araimaco ou avéstico estão ainda mais distantes do público não especializado. Lefevere enfatiza o papel da reescritura e o fato de os textos literários não sobreviverem pelo seu valor inerente.

[...] o processo que resulta na aceitação ou rejeição, canonização ou não-canonização de trabalhos literários não é dominado pela moda, mas por fatores bastante concretos que são relativamente fáceis de discernir assim que se decide procurar por eles, isto é, assim que se evita a interpretação como o fundamento dos estudos literários e se começa a enfrentar questões como o poder, a ideologia, a instituição e a manipulação (LEFEVERE, 2007 [1992], p. 14).

O problema é criar uma ilusão de que a literatura em língua escrita, ou em língua original, pode manter-se relevante sem o trabalho de várias pessoas. A manipulação da fama literária está presente em toda uma rede de relações sociais, não é meramente um efeito da língua, mas uma interação entre as pessoas que utilizam instrumentos

linguísticos ou semióticos para mediar esta interação. Estes instrumentos podem ser codificados e recodificados para voltarem à memória coletiva ou se perdem no tempo.

A tradução de obras literárias foi vista durante muito tempo como uma tarefa de pouco valor e muitas vezes era até hostilizada, pois era considerada uma destruição da obra ou uma descaracterização. A tradução não permite a transferência direta do efeito estético da sonoridade da poesia e cada língua tem suas expressões idiomáticas que nem sempre podem ser transferidas para uma outra língua mantendo a originalidade das metáforas ou o cliché das catacreses. Os estudos sobre o processo ou sobre o produto de uma tradução buscaram muitas vezes um ideal teórico da equivalência e não o da diferença. Estes dois ideais se opuseram no estudo da tradução. Um polo buscou ferramentas formalistas e um tom mais prescritivo, enquanto outro buscou ferramentas mais discursivas e um tom crítico e politizado.

A Literatura é considerada uma arte, mas também é o fruto de um trabalho humano, e as obras literárias são consideradas obras de arte, com um valor estético, que é avaliado assim pelo trabalho formal realizado sobre o material da língua e pela polissemia que é alcançada por esse trabalho. Assim a tradução também em alguns momentos toma para si estas propostas. O tradutor acaba não ficando invisível, mas é considerado também um autor.

A análise de *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (LEFEVERE, 2007 [1992]) considera que a tradução/reescrita é sujeita ao mesmo gênero de coerções que a literatura/escritura. Essa interação leva à canonização de certos autores, à rejeição de outros e à transformação da literatura.

A Tradução é, certamente, uma reescrita de um texto original. Toda reescrita, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada. Reescrita é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. Reescrituras podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos artifícios e a história da tradução é também a da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre outra. (LEFEVERE, 2007 [1992], p.11-12)

A reescritura engloba também a história literária, os trabalhos de referência, as antologias, a crítica e o trabalho de edição de textos. O sistema literário faz parte do sistema da cultura. Ele é movido internamente por muitos profissionais como críticos, resenhistas, professores, tradutores e patrocinado por muitos poderes externos como pessoas, instituições, partidos políticos, classes sociais, editores e mídia. Um texto ou uma escritura só se mantém relevante se ele for ressignificado através da reescritura. Este processo pode ser bem diversificado, como também, pode produzir textos bem diferentes como resenhas críticas, adaptações para teatro ou cinema, paródias, livros didáticos, coletâneas, reportagens de telejornal, vídeos, entre outros.

A Literatura - uma literatura - pode ser analisada em termos sistêmicos. Segundo o pensamento sistêmico, ela poderia ser identificada como um sistema "artificial", por constituir-se tanto de textos (objetos) quanto de agentes humanos que lêem, escrevem e reescrevem textos. (LEFEVERE, 2007 [1992], p.31)

Ao traduzir o livro de *IEsdras* para o português, nós do GES-UFC realizamos uma ação possível apenas pelo apoio dos vários membros do grupo e da instituição que permite a reunião e o debate de ideias nos grupos de estudo. Cada participante, com sua ideologia e motivações, contribuiu para produção do texto. Nesse trabalho de pesquisa em literatura comparada e tradução, pudemos reescrever o texto grego antigo e torná-lo relevante para a comunidade acadêmica durante nossas reuniões, palestras e comunicações. Cada debate levou a muitas leituras e produziu vários questionamentos que levaram a realizações de análises e comparações que apresentamos nesta dissertação. Esta pesquisa também constitui uma reescritura do texto grego antigo de *IEsdras*.

Para Lefevere (1990; 1992), há quatro categorias de contexto que estão envolvidas no processo de tradução. São elas: autoridade, perícia, confiança e imagem. A autoridade está relacionada ao texto traduzido, ao seu autor e à cultura receptora da obra. A perícia tem a ver com a competência do tradutor, se ele tem a formação e a habilidade para traduzir uma obra. A confiança está voltada para o público receptor que pode acolher a tradução como representação do original. A imagem é uma metáfora visual para a avaliação que a obra original, o autor e a cultura de origem possam receber a partir das traduções. O leitor da tradução vai criar uma imagem da obra original, do autor e da cultura de proveniência. Assim, juntas essas categorias de Lefevere podem ajudar a

descrever a história da tradução. Podem auxiliar também o tradutor a ter uma visão crítica do seu trabalho.

Tentamos em nossa pesquisa aproximar o conceito de reescritura do conceito de intertextualidade. Nossa preocupação foi reescrever a tradução de *1 Esdras* do GES-UFC e, ao fazer isso, perceber quais foram os problemas de intertextualidade que surgiram nesse trabalho de tradução e recepção dessa obra. O livro de *1 Esdras*, como reescrito aqui, é fruto de muitos debates durante vários meses de leitura e releitura. Contrastamos este livro com outras obras da literatura grega antiga e outras obras de cunho religioso cristão, judaico e zoroastra.

A autoridade de *1 Esdras* é relativa. Ele não é um texto muito conhecido no Brasil, nem muito traduzido para o português. Só encontramos traduções anônimas e uma outra no livro *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia 2* (2012), que registra os nomes de Jorge Camargo, Otto Alex Altorfer e Vagner Barbosa como tradutores e o de Eduardo Proença como organizador. Eles teriam traduzido a partir do inglês usando como fonte o livro *The old Testament Pseudepigrapha* (1983), de James H. Charlesworth.

O autor do texto é anônimo, embora ele contenha trechos em primeira pessoa que seriam atribuídos ao escriba Esdras como uma espécie de memorial de sua missão como intérprete da lei de Moisés, um intérprete oficial do império persa em Jerusalém. Este livro foi escrito em grego e não temos uma versão em hebraico ou aramaico mais antiga. Ele possui paralelos quanto ao conteúdo com outros livros em grego e com outros em hebraico e aramaico.

A cultura brasileira é de modo geral influenciada pela cultura judaico-cristã-ocidental. Ela considera este livro um livro apócrifo, ou seja, ele não teria a autoridade dos outros livros canônicos com os quais possui paralelos. Os livros de *2 Crônicas*, *Esdras* e *Neemias* são considerados canônicos e receberam várias traduções, porém estas traduções muitas vezes utilizam o livro de Ἑσδρας Α' (*Esdras A*, ou *Esdras 1*) como uma fonte secundária para suas traduções e incluem referências a nomes de pessoas e traduções de termos a partir do texto grego apócrifo, como ocorre na *Bíblia de Jerusalém* (2002, p. 628).

Este livro faz parte do *corpus* da *Septuaginta* grega, da *Vulgata* latina e, originalmente, fazia também parte da versão inglesa protestante anglicana patrocinada pelo rei Jaime da Inglaterra, chamada *King James Version* (1611). Existem, então, variantes do texto em grego, traduções para o latim e uma tradição de traduções para o inglês.

O nosso livro de *IEsdras* é uma tradução que parte de um texto crítico grego reconstruído a partir de vários manuscritos editado por Alfred Rahlfs em 1935 e revisado por Robert Hanhart em 2005.

Esta tradução e estudo é um exercício no aprendizado das línguas antigas e também um exercício de leitura e recepção de uma obra antiga que possui um valor histórico e um valor literário. O GES-UFC é composto por estudantes de cultura clássica, especialistas, mestrandos, graduandos e graduados, além de outros alunos da extensão que participam do curso de grego clássico e koiné com duração de um até três anos. Contrastamos nossa tradução, considerando-a apenas uma leitura possível dentre um universo de possibilidades de leitura e reescritura.

A confiança que precisamos alcançar de nosso público é relativa também. Nosso primeiro público foi o próprio GES-UFC. Já que o texto foi fruto de reuniões aos sábados durante vários meses e produzido em traduções semanais a partir da leitura do texto grego. Então, esperamos que o texto seja reconhecido por outros estudiosos da Tradução e da Literatura como uma tradução de um original em grego antigo e não uma versão do inglês ou de outra língua, embora os paralelos possam ter sido feitos.

Esperamos que avaliação desta obra tenha uma imagem positiva para a cultura brasileira acadêmica, principalmente dentro da Universidade Federal do Ceará, a instituição que nos acolhe e nos possibilita o espaço para o aprendizado, para a pesquisa e produção de conhecimento.

4 ANÁLISES DE *IESDRAS*

Neste capítulo, exemplificamos nossos estudos de leitura não-linear e reescritura, procurando apontar marcas de contexto, paratexto, hipertexto e intertexto nas relações de contraste entre várias obras partindo do trabalho de leitura e tradução. Iniciamos com uma análise da composição do texto grego e dos principais pontos de debate sobre este processo. Depois, realizamos vários contrastes utilizando as colocações lexicais como provocações para a nossa análise.

4.1 Tradução e/ou composição de *IESdras*

O livro de *IESdras* (em grego: Ἔσδρας Α'), conhecido também como *Esdras A'* (alpha), *I Esdras*, *Esdras grego*, *Ezra grego* ou *III Esdras*, é uma antiga versão em grego do *Livro de Esdras* bíblico. Ele foi utilizado por muitas comunidades durante o cristianismo primitivo e aceito por algumas denominações cristãs com variados graus de canonicidade (FULTON; KNOPPERS, 2011). O livro de *IESdras* é substancialmente idêntico ao texto massorético do livro de *Esdras*. Como parte da tradução *Septuaginta* do Antigo Testamento, é considerado canônico nas igrejas orientais, mas apócrifo no ocidente. Existem versões modernas da Bíblia grega que geralmente incluem tanto *Esdras A* quanto *Esdras B* (*Esdras-Neemias*) em paralelo.

O livro conta alguns episódios de 2 *Crônicas*, Josias comemora a Páscoa e acaba morrendo após uma batalha contra o faraó do Egito (*IESdras* 1, 1-33). Seu filho, Jeoacaz, tem um curto reinado sobre Judá, logo sucedido, por Jeoaquim, depois por Joaquim, e então por Zedequias. O reino de Judá é vencido e tomado pelo rei Nabucodonosor, da Babilônia. Jerusalém é tomada e destruída e passa 70 anos assim (*IESdras* 1, 34-58).

Então, conta-se a história, relatada em paralelo por *Esdras*, de como decretos e cartas permitiram o retorno de judeus exilados à Jerusalém para sua reconstrução. Temos o decreto de Ciro (*IESdras* 2,1-14), as cartas trocadas entre os governadores das províncias vizinhas com o rei Artaxerxes, o atraso nas obras de reconstrução de Jerusalém até o segundo ano do reinado de Dario (*IESdras* 2,15-30).

Os relatos sem paralelo nos falam de um concurso entre jovens guarda-costas do rei Dario a respeito daquilo que poderia mais ou teria mais força. O primeiro defendeu o vinho como o mais forte. O segundo argumentou que o mais poderoso seria o rei. Por fim, Zorobabel, defendeu que as mulheres prevaleciam sobre o vinho e sobre o rei, porém a verdade seria maior do que todas as outras coisas, que podiam ser injustas, e louvou o Deus da verdade (*1Esdras* 3). Então o rei Dario jurou devolver os utensílios retirados do templo em Jerusalém e reconstruí-lo. Inicia-se o retorno dos judeus para Jerusalém com destaque para Zorobabel como um dos líderes (*1Esdras* 4).

Na conclusão do livro, a lista dos líderes dos primeiros exilados retornados é completada (*1Esdras* 5,7-46) e a festa dos tabernáculos é realizada (*1Esdras* 5, 47-65). O templo é finalizado (*1Esdras* 6, 23-27). Conta-se mais sobre o reinado de Artaxerxes e sobre o escriba Esdras, que dá nome ao livro (*1Esdras* 8,1-27). Então um novo grupo de judeus exilados retornaram a Jerusalém liderados por Esdras (*1Esdras* 8, 28-67). Há o arrependimento do povo com a miscigenação (*1Esdras* 8, 68-90). Esdras lamenta muito e convence o povo a promover um divórcio coletivo e as esposas estrangeiros e seus filhos são expulsos de Jerusalém (*1Esdras* 8, 91 – 9, 36). O livro da lei de Moisés é lido diante de todo o povo por Esdras, na posição de sumo-sacerdote, este dia é comemorado com alegria e comida (*1Esdras* 9, 37-55).

Nas últimas décadas, o estudo de *1Esdras* assumiu uma variedade de formas diferentes. Os estudos de Ralph Klein (2011) e Zipora Talshir (1999) se concentraram em questões textuais, examinando pequenas diferenças entre o texto grego e os textos hebraico-aramaico. Outros estudos, como o de Tamara Eskenazi (1986; 1988; 1991), focalizaram a estrutura literária e os temas de *1Esdras*. Para compreender as origens de histórias particulares, os estudiosos utilizaram análises específicas, principalmente em relação à história dos três jovens (*1Esdras* 3, 1 – 5, 6). Para elucidar as inter-relações entre *1Esdras* e *Esdras*; *1 Esdras* e *2Crônicas*; e *1Esdras* e *2Crônicas-Esdras-Neemias*, como um só livro reescrito em algum momento por um cronista, Adrian Schenker (1991; 2000), Dieter Böhler (1997; 2003a; 2003b) e Juha Pakkala (2004) empregaram as ferramentas da crítica textual, crítica de fonte, e crítica redacional.

A relação geral de conteúdo entre as várias versões seria a seguinte:

<i>1Esdras</i>	Crônicas-Esdras-Neemias	Conteúdos
1,1-22	2 Crônicas 35,1-19	Páscoa de Josias.
1,23-29	2 Crônicas 35,20-27	Morte de Josias na batalha do vale de Megido contra o faraó do Egito.
1,32-48	2 Crônicas 36,1-16	Os sucessores de Josias.
1,49-55	2 Crônicas 36,17-21	O cativoiro de Judá.
2,1-6	Esdras 1,1-4 // 2Cr 36,22-23	Ciro decreta a construção do templo em Jerusalém.
2,7-14	Esdras 1,4-11	Reação ao decreto e inventário dos utensílios sagrados.
2,15-20	Esdras 4,6-24	Carta dos inimigos para o rei Artaxerxes.
2,21-24	Esdras 4,17-22	Resposta do rei Artaxerxes.
2,25	Esdras 4,23-23	Os inimigos fazem parar a construção do templo.
3,1 - 5,6	-----	Concurso dos três jovens guarda-costas do rei Dario.
5,7-45	Esdras 2,1-70 // Neemias 7,7-73	Lista dos que voltaram da Babilônia.
5,46-53	Esdras 3,1-7	É levantado o altar.
5,54-62	Esdras 3,8-13	Lançados os alicerces do templo.
5,63-70	Esdras 4,1-5	Os inimigos fazem parar a construção do templo.
6,1-2	Esdras 5,1-2	As exortações de Ageu e Zacarias e as lideranças de Zorobabel e Jesus.
6,3-6	Esdras 5,3-5	Oposição dos governadores vizinhos.
6,7-21	Esdras 5,6-17	Carta dos opositores ao rei Dario.
6,22-25	Esdras 6,1-5	O memorial de Ciro.
6,26-33	Esdras 6,6-12	O decreto de Dario.
7,1-5	Esdras 6,13-15	Completado o templo.
7,6-9	Esdras 6,16-18	A dedicação do templo.
7,10-15	Esdras 6,19-22	A celebração da Páscoa.
8,1-27	Esdras 7,1-28	Artaxerxes envia Esdras a Jerusalém.

8,28-40	Esdras 8,1-14	A lista dos que voltaram com Esdras.
8,41-48	Esdras 8,15-20	Esdras manda buscar levitas.
8,49-53	Esdras 8,21-23	O jejum de Esdras.
8,54-59	Esdras 8,24-30	A entrega das contribuições aos sacerdotes.
8,60-64	Esdras 8,31-36	A chegada de Esdras à Jerusalém.
8,65-67	Esdras 9,1-2	Os casamentos mistos.
8,68-87	Esdras 9,3-15	A oração de Esdras.
8,88-92	Esdras 10,1-5	A resposta de Jeconias e do povo.
9,1-17	Esdras 10,6-17	O povo decide despedir as mulheres estrangeiras.
9,18-36	Esdras 10,18-44	Lista dos homens que casaram com mulheres estrangeiras
9,37-55	Neemias 7, 73-8,12	Esdras faz a leitura da lei.

Finalmente, alguns estudiosos utilizaram abordagens histórico-críticas para obter uma melhor compreensão do significado de histórias específicas. Um exemplo é a maneira pela qual os estudiosos interpretaram a história dos três jovens, a saber, investigar como essa história poderia dar testemunho da vida na diáspora. Na esteira de muitos estudos importantes sobre as diferenças entre o Texto Massorético (TM), a *Septuaginta* (LXX) e os *Manuscritos do Mar Morto* (MMM), os comentaristas reconhecem que *1Esdras* tem alguma sobreposição com o material de *2Crônicas*, *Esdras* e *Neemias*. No entanto, *1Esdras* também possui seu próprio material exclusivo. Cada obra mostra sinais de reescritura e expansão.

Os estudiosos debatem muito a história composicional de *Esdras-Neemias* e, ou mesmo de *2Crônicas-Esdras-Neemias*. A maioria considera que a ligação entre *2Crônicas* e *Esdras-Neemias* é secundária, isto é, um desenvolvimento posterior dentro da antiguidade. Esta ligação parece estar já pressuposta, em alguns antigos círculos dos escribas, na tradução de *1Esdras*. Mas o debate continua sobre a história composicional de *Esdras-Neemias*.

Esdras-Neemias pode ser considerada como uma obra única arranjada e editada, que se baseia em fontes mais antigas e diversas. Ou *Esdras-Neemias* pode ser uma mistura editada de dois ou mais conjuntos diferentes de histórias de *Esdras* e *Neemias*. A composição de *Esdras-Neemias* pode refletir várias camadas de edição e posterior retrabalho. A questão maior da composição de *Esdras-Neemias* é relevante, porque pode influenciar o modo como se entende as origens de *1Esdras* (FULTON; KNOPPERS, 2011, p. 15-16).

Alguns sustentaram que *1Esdras* representa o texto original de *Esdras* ou, pelo menos, a versão mais antiga de *Esdras* que temos. Outros afirmam que *1Esdras* seria apenas um fragmento de um trabalho originalmente mais longo, outros argumentaram que *1Esdras* é uma obra secundária, uma tradução do segundo século de seções do *Esdras-Neemias* em hebraico e aramaico. Nesta reconstrução hipotética, *1Esdras* seria uma compilação de materiais baseados em uma seleção de passagens de *2Crônicas* e *Esdras-Neemias*. Como tal, *1Esdras* fornece uma visão de como *Esdras* foi interpretado e reutilizado em um cenário de diáspora judaica.

Duas das abordagens acima mencionadas receberam mais atenção em nossa pesquisa. A primeira foi o tratamento de *1Esdras* como uma obra literária distinta, porque reconhece que o livro tem sua própria integridade estrutural e contém material (a história dos três jovens) que não tem paralelos diretos em nenhum outro lugar na *Bíblia*. A segunda foi a exploração de como várias seções de *1Esdras* retrabalharam e reinterpretaram uma tradição textual antiga também, porque isso mostra como o material de *Esdras* foi entendido e reaplicado em um novo cenário.

Aparecem no texto citações do decreto do rei persa Ciro, que após dominar a Babilônia, permite a volta dos judeus exilados na Babilônia para que reconstruíssem o templo em Jerusalém. Abaixo, observamos o contraste entre nossa tradução de *1Esdras* e as passagens paralelas em *2Crônicas* e *Esdras*, no TM, da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS), com uma transliteração em pronúncia moderna do hebraico junto de uma tradução por bloco e da versão grega do texto crítico da LXX, acompanhados da tradução para o português da *Almeida Revista e Atualizada* (1993).

ובשנת אחת לְכוֹרֶשׁ מֶלֶךְ פָּרַס לְכָלוֹת דְּבַר־יְהוָה בְּפִי יְרֵמְיָהוּ הַעֵיִר יְהוָה אֶת־רוּחַ כְּוֹרֶשׁ מֶלֶךְ־פָּרַס
 וַיַּעֲבֹר־קוֹל בְּכָל־מַלְכוּתוֹ וְגַם־בְּמִקְתָּב לֵאמֹר: ס
 כֹּה־אָמַר כְּוֹרֶשׁ מֶלֶךְ פָּרַס כָּל־מַמְלָכוֹת הָאָרֶץ גָּמַן לִי יְהוָה אֱלֹהֵי הַשָּׁמַיִם וְהוּא־פָקַד עָלַי לְבָנוֹת־לִי
 בַּיַּת בִּירוּשָׁלַם אֲשֶׁר בִּיהוּדָה מִי־בְכֶם מְכַל־עִמּוֹ יְהוָה אֱלֹהֵינוּ עִמּוֹ וַיַּעַל:

22. uvishnat [E em ano] akhat [um] leKhoresh [de Ciro] melekh [rei de] Paras [a Pérsia] **likhlot** [para concluir] **devar-YeHWaH (Adonai)** [a palavra de YHWH (o Senhor)] **befi** [pela boca de] **YirmYahu** [Jeremias] he'ir [despertou] YeHWaH (Adonai) [YHWH (o Senhor)] et-ruakh [o espírito de] Koresh [Ciro] melekh-Paras [o rei da Pérsia] **vaya'aver-kol** [e fez atravessar voz] bekhol-malkhuto [por todo o reino dele] **vegam-bemikhtav** [e também por escrito] lemor [dizendo:].

23. ko-amar [assim, diz] Koresh [Ciro] melekh [o rei] Paras [da Pérsia:] kol-mamlekhoteh [Todos os reinos] ha'arets [da terra] natan [entregou] li [para mim] YeHWaH (Adonai) [YHWH (o Senhor)] elohe [o Deus] hashamayim [dos céus] vehu-faqad [e ele encarregou] alay [a mim] livnot-lo [para edificar para ele] vayit [casa] biYrushalaim [em Jerusalém] asher [que] biYhudah [está em Judá] mi-vakhem [Quem há entre vós] mikol-amo [dentro o povo dele?] YeHWaH (Adonai) [YHWH (o Senhor)] elohayv [o Deus dele] imo [seja com ele] vey'al [e suba].

Ἐτους πρώτου Κύρου βασιλέως Περσῶν μετὰ τὸ πληρωθῆναι ῥῆμα κυρίου διὰ στόματος Ἱερεμίου ἐξήγειρεν κύριος τὸ πνεῦμα Κύρου βασιλέως Περσῶν, καὶ παρήγγειλεν κηρύξαι ἐν πάσῃ τῇ βασιλείᾳ αὐτοῦ ἐν γραπτῷ λέγων Τάδε λέγει Κύρος βασιλεὺς Περσῶν Πάσας τὰς βασιλείας τῆς γῆς ἔδωκέν μοι κύριος ὁ θεὸς τοῦ οὐρανοῦ, καὶ αὐτὸς ἐνετείλατό μοι οἰκοδομησαί αὐτῷ οἶκον ἐν Ἱερουσαλήμ ἐν τῇ Ἰουδαίᾳ. τίς ἐξ ὑμῶν ἐκ παντὸς τοῦ λαοῦ αὐτοῦ; ἔσται ὁ θεὸς αὐτοῦ μετ' αὐτοῦ, καὶ ἀναβήτω.

Porém, no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia (**para que se cumprisse a palavra do Senhor pela boca de Jeremias**), despertou o Senhor o espírito de Ciro, rei da Pérsia, **o qual fez passar pregão** por todo o seu reino, como também **por escrito, dizendo: Assim diz** Ciro, rei da Pérsia: O Senhor Deus dos céus me deu todos os reinos da terra, e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá. Quem há entre vós, de todo o seu povo, o Senhor seu Deus seja com ele, e suba. (BÍBLIA, 2 Crônicas 36, 22-23)

Esta passagem encontra-se nos versículos finais do livro de *2Crônicas* e sugere uma continuação devido ao término abrupto ou ainda sugere ter sido um acréscimo posterior para terminar a narrativa de uma maneira positiva. A hipótese levantada é a de que um cronista reescrevesse documentos antigos e encaixasse o final de um livro com o começo de outro.

ובשנת אחת לְכוֹרֶשׁ מֶלֶךְ פָּרַס לְכָלוֹת דְּבַר־יְהוָה בְּפִי יְרֵמְיָהוּ הַעֵיִר יְהוָה אֶת־רוּחַ כְּוֹרֶשׁ מֶלֶךְ־פָּרַס
 וַיַּעֲבֹר־קוֹל בְּכָל־מַלְכוּתוֹ וְגַם־בְּמִקְתָּב לֵאמֹר:
 כֹּה־אָמַר כְּוֹרֶשׁ מֶלֶךְ פָּרַס כָּל־מַמְלָכוֹת הָאָרֶץ גָּמַן לִי יְהוָה אֱלֹהֵי הַשָּׁמַיִם וְהוּא־פָקַד עָלַי לְבָנוֹת־לִי
 בַּיַּת בִּירוּשָׁלַם אֲשֶׁר בִּיהוּדָה:
 מִי־בְכֶם מְכַל־עִמּוֹ יְהוָה אֱלֹהֵינוּ עִמּוֹ וַיַּעַל לִירוּשָׁלַם אֲשֶׁר בִּיהוּדָה וַיְבַן אֶת־בַּיִת יְהוָה אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל
 הוּא הָאֱלֹהִים אֲשֶׁר בִּירוּשָׁלַם:
 וְכָל־הַנְּשָׂאֵר מְכַל־הַמְּקוֹמוֹת אֲשֶׁר הוּא גָר־שָׁם וְנִשְׂאוֹהוּ אֲנֹשִׁי מְקוֹמוֹ בְּכֶסֶף וּבַזָּהָב וּבְכָרוֹשׁ וּבְבַהֲמָה
 עִם־הַנְּזֻזִים לְבַיִת הָאֱלֹהִים אֲשֶׁר בִּירוּשָׁלַם:

1. uvishnat [E no ano] akhat [um] leKhoresh [de Ciro] melek [rei] Paras [da Pérsia] **likhlot** [para concluir] **devar-YeHWaH (Adonai)** [a palavra de YHWH (do Senhor)] **mipi** [da boca de] **YirmYah** [Jeremias] he'ir [despertou] YeHWaH (Adonai) [YHWH (o Senhor)] et-ruakh [o espírito] Koresh [de Ciro] melek-Paras [o rei da Pérsia] **vaya'aver-kol** [e fez atravessar voz] bekhol-malkhuto [por todo o reino dele] **vegam-bemikhtav** [e também por escrito] **lemor** [dizendo:].

2. **ko** [Assim] **amar** [diz] Koresh [Ciro] melek [o rei] Paras [da Pérsia] kol [Todos] mamlekhote [os reinos] ha'arets [da terra] natan [entregou] li [para mim] YeHWaH (Adonai) [YHWH (o Senhor)] elohe [o Deus] hashamayim [dos céus] vehu-faqad [e ele encarregou] alay [a mim] livnot-lo [para edificar para ele] vayit [casa] biYrushalaim [em Jerusalém] Asher [que] biYhudah [está em Judá].

3. mi-vakhem [Quem dentre vós] mikol-amo [dentre todo o povo dele?] yehi [Que esteja] elohayn [o Deus dele] imo [com ele] vey'a'al [e que suba] liYrushalaim [a Jerusalém] asher [que] biYhudah [está em Judá;] veyiven [e que reedifique] et-bet [a casa] YeHWaH (Adonai) [de YHWH (do Senhor)] elohe [o Deus] Yisra'el [de Israel] hu [ele] ha'elohim [o Deus] asher [que] biYrushalaim [está em Jerusalém].

4. vekhol-hanishar [E todo o que remanesce] mikol-hameqomot [dentre todos os locais] asher [que] hu [ele] gar-sham [o que peregrina lá,] yenase'uhu [que o carreguem] anshe [os homens] meqomo [do local dele,] bekhesev [com prata] uvezahav [e com ouro] uvirkhush [e com acumulação] uvivhemah [e com animal doméstico;] im-hanedavah [com a oferta voluntária] leveit [para a casa] ha'elohim [do Deus,] asher [que] biYrushalaim [está em Jerusalém].

Καὶ ἐν τῷ πρώτῳ ἔτει Κύρου τοῦ βασιλέως Περσῶν τοῦ τελεσθῆναι λόγον κυρίου ἀπὸ στόματος Ἰερεμίου ἐξήγειρεν κύριος τὸ πνεῦμα Κύρου βασιλέως Περσῶν, καὶ παρήγγειλεν φωνὴν ἐν πάσῃ βασιλείᾳ αὐτοῦ καὶ γε ἐν γραπτῷ λέγων Οὕτως εἶπεν Κύρος βασιλεὺς Περσῶν Πάσας τὰς βασιλείας τῆς γῆς ἔδωκέν μοι κύριος ὁ θεὸς τοῦ οὐρανοῦ, καὶ αὐτὸς ἐπεσκέψατο ἐπ' ἐμὲ τοῦ οἰκοδομῆσαι αὐτῷ οἶκον ἐν Ἱερουσαλὴμ τῇ ἐν τῇ Ἰουδαίᾳ. τίς ἐν ὑμῖν ἀπὸ παντὸς τοῦ λαοῦ αὐτοῦ; καὶ ἔσται ὁ θεὸς αὐτοῦ μετ' αὐτοῦ, καὶ ἀναβήσεται εἰς Ἱερουσαλὴμ τὴν ἐν τῇ Ἰουδαίᾳ, καὶ οἰκοδομησάτω τὸν οἶκον θεοῦ Ἰσραὴλ (αὐτὸς ὁ θεὸς ὁ ἐν Ἱερουσαλὴμ). καὶ πᾶς ὁ καταλειπόμενος ἀπὸ πάντων τῶν τόπων, οἳ αὐτὸς παροικεῖ ἐκεῖ, καὶ λήμψονται αὐτὸν ἄνδρες τοῦ τόπου αὐτοῦ ἐν ἀργυρίῳ καὶ χρυσίῳ καὶ ἀποσκευῇ καὶ κτήνεσιν μετὰ τοῦ ἔκουσιου εἰς οἶκον τοῦ θεοῦ τοῦ ἐν Ἱερουσαλὴμ.

No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia (para que se cumprisse a palavra do SENHOR, pela boca de Jeremias), despertou o SENHOR o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor Deus dos céus me deu todos os reinos da terra, e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá. Quem há entre vós, de todo o seu povo, seja seu Deus com ele, e suba a Jerusalém, que está em Judá, e edifique a casa do Senhor Deus de Israel (ele é o Deus) que está em Jerusalém. E todo aquele que ficar atrás em algum lugar em que andar peregrinando, os homens do seu lugar o ajudarão com prata, com ouro, com bens, e com gados, além das dádivas voluntárias para a casa de Deus, que está em Jerusalém. (BÍBLIA, Esdras 1, 1-4)

Nessas passagens, podemos notar as expressões usadas para marcar a citação no hebraico e no grego. No português, temos uso de dois-pontos (:) e inicial maiúscula para

introduzir a citação do decreto dentro da narrativa dos livros e também para marcar o discurso direto das palavras que teriam sido proferidas pelo próprio rei Ciro. Enquanto, no hebraico e no grego encontramos as expressões “לְאמֹר” (*lemor* “dizendo:”), “כֹּה” (*ko*, “Assim”), “אָמַר” (*amar*, “diz”), “λέγων” (*légōn*, “dizendo”), “Οὕτως” (*houútōs*, “Assim”), “εἶπεν” (*eîpen*, “disse”), “Τάδε” (*táde*, “isto”, “estas coisas”), “λέγει” (*légei*, “diz”).

Há uma preocupação de marcar os meios de transmissão do decreto como sendo oral e escrito: “וַיַּעַבְרֶה-קוֹל” (*vaya aver-kol*, “e fez atravessar voz”), “וְגַם-בְּמִכְתָּב” (*vegambemikhtav*, “e também por escrito”), παρήγγειλεν κηρύξαι (*paréngelien kērýxai*, “anunciou por pregão”), παρήγγειλεν φωνήν (*paréngelien phōnēn*, “anunciou voz”), ἐν γραπτῶ (*en graptōi*, “por escrito”), καί γε ἐν γραπτῶ (*kaí ge en graptōi*, “e mesmo por escrito”).

Há ainda um outro tipo de expressão que marca a intertextualidade nessas passagens, aquelas que marcam o cumprimento de uma profecia. No hebraico e no grego, encontramos: לְקַלּוֹת (*likhlot*, “para concluir”), דְּבַר-יְהוָה (*devar-YeHWaH [Adonai]*, “a palavra de YHWH [o Senhor]”), בְּפִי (*befi*, “pela boca de”), מִפִּי (*mipi*, “da boca de”), יְרִמְיָהוּ (*YirmYahu* “Jeremias”), יְרִמְיָה (*YirmYah*, “Jeremias”); “μετὰ τὸ πληρωθῆναι ῥῆμα κυρίου διὰ στόματος Ἰερεμίου” (*metà tò plērōthēnai rhēma kyρίου dià stómatos Ieremíou*, “para se cumprir uma palavra do Senhor pela boca de Jeremias”) e τοῦ τελεσθῆναι λόγον κυρίου ἀπὸ στόματος Ἰερεμίου (*toû telesthēnai lógon kyρίου apò stómatos Ieremíou*, “para finalizar uma palavra do Senhor da boca de Jeremias”). Assim, o livro se preocupa em apresentar a narração do retorno dos judeus para Jerusalém como cumprimento e finalização de algo planejado, pré-dito, uma palavra que se faz realidade. A profecia de Jeremias seria a seguinte registrada no livro homônimo do profeta:

וְהָיָה כְּמֵלֵאוֹת שְׁבַע־עִים שָׁנָה אֶפְקֹד עַל-מֶלֶךְ-בָּבֶל וְעַל-הַגּוֹי הַהוּא נְאֻם-יְהוָה אֶת-עֲוֹנָם וְעַל-אֲרָץ כְּשִׁדְיִים וְשִׁמְתֵי אֶרֶץ לְשִׁמְמוֹת עוֹלָם:
וְהִבֵּאתִי עַל-הָאָרֶץ הַהִיא אֶת-כָּל-דְּבָרֵי אֲשֶׁר-דִּבַּרְתִּי עָלֶיהָ אֵת כָּל-הַכְּתוּב בְּסֵפֶר הַזֶּה אֲשֶׁר-נִבְּאָ יְרִמְיָהוּ עַל-כָּל-הַגּוֹיִם:

12. vehaya [Mas acontecerá] khimlot [conforme se completar] shiv'im [setenta] shana [anos] efqod [acertarei as contas] al-melekh-bavel [contra o rei da Babilônia,] ve'al-hagoy [e contra a nação] hahu [contra aquela] neum-YeHWaH (Adonai) [o enunciado de YHWH(o Senhor),] et-avonam [o delito deles,] ve'al-erets [e contra a terra] kasdim [dos caldeus,] vesamti [e porei] oto [a ele] leshimemot [como desolações] olam [perpétuas].

13. veheveti [E farei ir] al-ha'arets [sobre a terra] hahi [sobre aquela,] et-kol-devarai [todas as minhas palavras] asher-dibarti [que falei] aleha [contra ela] et kol-hakatur [e tudo que está escrito] basefer [no livro] haze [neste] asher-niba [que profetizou] Yirmeyahu [Jeremias] al-kol-hagoyim [contra todas as nações].

12 και ἐν τῷ πληρωθῆναι τὰ ἑβδομήκοντα ἔτη ἐκδικήσω τὸ ἔθνος ἐκεῖνο, φησὶν κύριος, καὶ θήσομαι αὐτοὺς εἰς ἀφανισμόν αἰώνιον· 13 καὶ ἐπάξω ἐπὶ τὴν γῆν ἐκείνην πάντα τοὺς λόγους μου, οὓς ἐλάλησα κατ' αὐτῆς, πάντα τὰ γεγραμμένα ἐν τῷ βιβλίῳ τούτῳ. 14 Ἄ ἐπροφήτευσεν Ἰερემίας ἐπὶ τὰ ἔθνη τὰ Αἰλαμ.

Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, visitarei o rei de babilônia, e esta nação, diz o SENHOR, castigando a sua iniquidade, e a da terra dos caldeus; farei deles ruínas perpétuas. E trarei sobre aquela terra todas as minhas palavras, que disse contra ela, a saber, tudo quanto está escrito neste livro, que profetizou Jeremias contra todas estas nações. (BÍBLIA, Jeremias 25,12-13)

A profecia de Jeremias fala do exílio dos judeus na Babilônia durante um período de 70 anos e da queda do império babilônico. Os livros de *2Crônicas* e *Esdras* falam do momento em que o império persa passa a dominar a Babilônia e do rei Ciro dos persas que permite o retorno dos exilados para reconstrução do templo de Jerusalém. Essa forma de intertextualidade também é usada no *Novo Testamento* que referencia as profecias dos profetas e as interpreta de forma que a vida de Jesus seja o cumprimento delas.

No livro *1Esdras*, também podemos observar as marcas de citação do decreto do rei Ciro e da profecia de Jeremias: ἐκήρυξεν (*ekéryxen*, “apregou”), καὶ ἅμα διὰ γραπτῶν (*kaì háma dià graptôn*, “e ao mesmo tempo, por escrito”), λέγων (*légon*, “dizendo”), Τάδε λέγει (*Táde légei*, “isto diz”), εἰς συντέλειαν ῥήματος κυρίου ἐν στόματι Ἰερεμίου (*eis syntéleian rhématos kyriou en stómati Ieremíou*, “em cumprimento da palavra do Senhor por boca de Jeremias”).

Βασιλεύοντος Κύρου Περσῶν ἔτους πρώτου εἰς συντέλειαν ῥήματος κυρίου ἐν στόματι Ἰερεμίου ἤγειρεν κύριος τὸ πνεῦμα Κύρου βασιλέως Περσῶν, καὶ ἐκήρυξεν ἐν ὅλῃ τῇ βασιλείᾳ αὐτοῦ καὶ ἅμα διὰ γραπτῶν λέγων Τάδε λέγει ὁ βασιλεὺς Περσῶν Κύρος Ἐμὲ ἀνέδειξεν βασιλέα τῆς οἰκουμένης ὁ κύριος τοῦ Ἰσραὴλ, κύριος ὁ ὑψιστος, καὶ ἐσήμηνέν μοι οἰκοδομῆσαι αὐτῷ οἶκον ἐν Ἱερουσαλημ τῇ ἐν τῇ Ἰουδαίᾳ. εἴ τίς ἐστὶν οὖν ὑμῶν ἐκ τοῦ ἔθνους αὐτοῦ, ἔστω ὁ κύριος αὐτοῦ μετ' αὐτοῦ, καὶ ἀναβὰς εἰς τὴν Ἱερουσαλημ τὴν ἐν τῇ Ἰουδαίᾳ οἰκοδομήτω τὸν οἶκον τοῦ κυρίου τοῦ Ἰσραὴλ (οὗτος ὁ κύριος ὁ κατασκηνώσας ἐν Ἱερουσαλημ). ὅσοι οὖν κατὰ τόπους οἰκοῦσιν, βοηθεῖτωσαν αὐτῷ οἱ ἐν τῷ τόπῳ αὐτοῦ ἐν χρυσίῳ καὶ ἐν ἀργυρίῳ ἐν δόσεσιν μεθ' ἵππων καὶ κτηνῶν σὺν τοῖς ἄλλοις τοῖς κατ' εὐχὰς προστεθειμένοις εἰς τὸ ἱερὸν τοῦ κυρίου τὸ ἐν Ἱερουσαλημ.

No primeiro ano em que Ciro dos persas reinava, **com o objetivo de cumprir palavra do Senhor pela boca de Jeremias**, o Senhor despertou o espírito de Ciro, rei dos persas, e **proclamou** em todo o seu reino e **ao mesmo tempo, por escrito, dizendo**: “É isto que Ciro, rei dos persas, diz: O Senhor de Israel, o

Altíssimo, nomeou-me rei do mundo, e ele me indicou que eu deveria construir para ele uma casa em Jerusalém, na Judeia. Se, pois, qualquer um de vós é da sua nação, esteja o seu Senhor com ele, e quando eles forem para Jerusalém, que está em Judeia, edifique a casa do Senhor de Israel. Este é o Senhor que acampa em Jerusalém. Então, quantos que habitem em lugares, que os que estão em seu lugar ajudem-no com ouro e prata, com presentes, juntamente com cavalos e gado, junto com as outras coisas adicionadas como ofertas voluntárias para o templo do Senhor que está em Jerusalém.” (1ESDRAS 2, 1-4, tradução nossa)

O texto de *Esdras* faz uma citação do decreto que também aparece citado nos versículos finais de *2Crônicas* como uma referência explícita ao texto que teria sido promulgado pelo rei Ciro. Dessa maneira, ele é uma citação do texto de *2Crônicas* e uma citação do decreto de Ciro. Talvez seja assim uma citação de uma citação. Isso faz com que os livros pareçam ter sido escritos numa continuidade e/ou reescritos em algum momento para causar o efeito de continuidade da história. Um livro retoma o final do outro para compartilhar de sua autoridade.

O livro de *1Esdras* faz uma reescritura maior ainda que o livro de *Esdras*. Ele faz uma paráfrase dos dois últimos capítulos do livro de *2Crônicas*. Enquanto o livro de *Esdras* inicia apenas com o decreto. Por outro lado, o livro de *2Crônicas* também faz referência ao livro dos reis de Israel e Judá, busca nele também uma fonte de autoridade, se caracterizando como uma paráfrase desse livro anterior e composta de citações e reformulações desse livro:

וְדָבָר יְיָ הָרִאשִׁוֹנִים וְהָאַחֲרֹנִים הֵנָּה כְּתוּבִים עַל־סֵפֶר מַלְכֵי־יִשְׂרָאֵל וְיְהוּדָה:

udevarav [E as ações dele,] harishonim [as primeiras] vaha'akharonim [e as últimas;] hinam [eis que elas] ketuvim [as que escritas] al-sefer [no livro] malkhei-Yisra'el [dos reis de Israel] viYhudah [e de Judá].

καὶ οἱ λόγοι αὐτοῦ οἱ πρῶτοι καὶ οἱ ἔσχατοι ἰδοὺ γεγραμμένοι ἐπὶ βιβλίῳ βασιλέων Ἰσραὴλ καὶ Ἰουδα.

E os seus atos, tanto os primeiros como os últimos, eis que estão escritos no livro dos reis de Israel e de Judá. (BÍBLIA, *2Crônicas* 35, 27)

Ademais, o livro de primeiro *1Esdras* também se refere ao mesmo livro como fonte, mas essa referência é mais prolífica nas palavras, apresenta mais material próprio,

enquanto a citação da fonte em *2Crônicas* é bem direta ao ponto, *IEsdras* tem um tom maior de uma elegia para o rei Josias:

ταῦτα δὲ ἀναγράφονται ἐν τῇ βύβλῳ τῶν ιστορουμένων περὶ τῶν βασιλέων τῆς Ἰουδαίας· καὶ τὸ καθ' ἐν πραχθὲν τῆς πράξεως Ἰωσίου καὶ τῆς δόξης αὐτοῦ καὶ τῆς συνέσεως αὐτοῦ ἐν τῷ νόμῳ κυρίου, τὰ τε προπραχθέντα ὑπ' αὐτοῦ καὶ τὰ νῦν, ἰστόρηται ἐν τῷ βυβλίῳ τῶν βασιλέων Ἰσραὴλ καὶ Ἰουδα.

Estas coisas estão escritas **no livro das histórias dos reis da Judeia**. E cada um dos atos de Josias, e **seu esplendor, seu entendimento da lei de Deus**, e as coisas que fez antes destas que agora são contadas, estão registradas no livro dos reis de Israel e Judá. (1ESDRAS 1, 31, tradução nossa)

Ao falarmos do reinado de Josias em nossa tradução de *IEsdras*, estamos realizando uma tradução e uma paráfrase de um livro que é uma tradução e uma paráfrase que apresenta trechos de citação direta, escrito a partir de um outro livro que é já uma paráfrase que também apresenta trechos de citação direta. Isso sem contar as prováveis transformações sofridas pelos textos com o passar do tempo. Uma reescritura sempre altera alguma coisa seja pela alteridade do tempo, do lugar ou do sujeito.

O decreto de Ciro é retomado como um memorando que apresenta as dimensões do templo e o material necessário para a reconstrução. Esta segunda versão é interpretada como a versão original do decreto, escrita em aramaico, como uma citação direta sem paráfrase. O memorando aparece citado tanto no texto canônico aramaico como no deutero-canônico grego:

בִּשְׁנַת חֲדָשָׁה לְכוֹרֶשׁ מֶלֶךְ כּוֹרֶשׁ מֶלֶךְ אֲשֶׁר טָעַם בֵּית־אֱלֹהִים בִּירוּשָׁלַם בְּיַמֵּי יְהוֹנָתָן אֶתֶר דִּי־
דְּבַחְיוֹ דְּבַחְיוֹ וְאִשְׁוֵהִי מְסוֹבְלִין רוּמָה אֲמִין שְׁתִּין פְּתִיגָה אֲמִין שְׁתִּין:

נְדָבְכִין דִּי־אֲבָן גְּלֵל־תְּלֵמָא וְנְדָבְךָ דִּי־אֲעָע חֲדָת וְנִפְקָתָא מוֹ־בֵּית מֶלֶךְ תְּתִיבָה:

אִף מְאִין בֵּית־אֱלֹהִים דִּי דִּהְבָּה וְכִסְפָּא דִּי נְבוּכַדְנֶצַּר הִנְפִּק מוֹ־הִיכְלָא דִּי־בִירוּשָׁלַם וְהִיבֵל לְכַבְּל
יְהִיתִיבֵן וְיִהְיֶה לְהִיכְלָא דִּי־בִירוּשָׁלַם לְאַתְרָהּ וְחַתָּת בְּבֵית אֱלֹהִים: (ס)

3. Bishnat [Em ano] khada [um] leKhoresh [de Ciro,] malka [o rei,] Koresh [Ciro,] malka [o rei,] sam [pôs] teem [determinação:] bet-elaha [A casa de Deus] viYrushelem [em Jerusalém,] bayta [a casa] yitbene [que seja reedificada,] atar [lugar] di-davkhin [que os que sacrificam] divkhin [sacrifícios,] veushohi [e os alicerces dela] mesovlin [os que são restaurados,] rume [a altura dela] amin [côvados] shitin [sessenta,] petaye [a largura dela] amin [côvados] shitin [sessenta,].

4. nidbakhin [Fileiras] di-even [de pedra de] gelal [rolamento] telata [três] venidbakh [e fileira] di-a [de madeira] khadat [nova,] venifqeta [e a expensa] min-bet [desde a casa de] malka [o rei] tityehiv [seja custeada,].

5. ve'af [E também,] mane [os utensílios de] vet-elaha [a casa de Deus] di [que] dahava [o ouro] vekhaspa [e a prata] di [que] Nevukhadnetsar [Nabucodonosor] hanpeq [fez sair] min-heikhela [desde o templo] di-viYrushelem [que em Jerusalém] vehevel [e fez levar] leVavel [para a Babilônia;] yahativun [que retornem] vihakh [e que vá] lehekhela [para o templo] di-viYrushelem [que em Jerusalém] leatre [para o lugar deles.] vetachet [E depositará] bevet [na casa de] elaha [o Deus.].

ἐν ἔτει πρώτῳ Κύρου βασιλέως Κῦρος ὁ βασιλεὺς ἔθηκεν γνώμην περὶ οἴκου τοῦ θεοῦ τοῦ ἐν Ἱερουσαλημ· οἶκος οἰκοδομηθήτω καὶ τόπος, οὗ θυσιάζουσιν τὰ θυσιάσματα· καὶ ἔθηκεν ἔπαρμα ὕψος πήγεις ἐξήκοντα, πλάτος αὐτοῦ πήγεων ἐξήκοντα· καὶ δόμοι λίθινοι κραταιοὶ τρεῖς, καὶ δόμος ξύλινος εἷς· καὶ ἡ δαπάνη ἐξ οἴκου τοῦ βασιλέως δοθήσεται· καὶ τὰ σκεύη οἴκου τοῦ θεοῦ τὰ ἀργυρᾶ καὶ τὰ χρυσᾶ, ἃ Ναβουχοδοноσορ ἐξήνεγκεν ἀπὸ οἴκου τοῦ ἐν Ἱερουσαλημ καὶ ἐκόμισεν εἰς Βαβυλῶνα, καὶ δοθήτω καὶ ἀπελθάτω εἰς τὸν ναὸν τὸν ἐν Ἱερουσαλημ ἐπὶ τόπου, οὗ ἔτέθη ἐν οἴκῳ τοῦ θεοῦ.

No primeiro ano do rei Ciro, este baixou o seguinte decreto: A casa de Deus, em Jerusalém, se reedificará para lugar em que se ofereçam sacrifícios, e seus fundamentos serão firmes; a sua altura de sessenta côvados, e a sua largura de sessenta côvados; Com três carreiras de grandes pedras, e uma carreira de madeira nova; e a despesa se fará da casa do rei. Além disso, os utensílios de ouro e de prata da casa de Deus, que Nabucodonosor transportou do templo que estava em Jerusalém, e levou para Babilônia, serão restituídos, para que voltem ao seu lugar, ao templo que está em Jerusalém, e serão postos na casa de Deus. (BÍBLIA, Esdras 6, 3-5)

Ἔτους πρώτου βασιλεύοντος Κύρου· βασιλεὺς Κῦρος προσέταξεν τὸν οἶκον τοῦ κυρίου τὸν ἐν Ἱερουσαλημ οἰκοδομησάτω, ὅπου ἐπιθύουσιν διὰ πυρὸς ἐνδελεχοῦς, οὗ τὸ ὕψος πήγεων ἐξήκοντα, πλάτος πήγεων ἐξήκοντα, διὰ δόμων λιθίνων ξυστῶν τριῶν καὶ δόμου ξυλίνου ἐγχωρίου καινοῦ ἐνός, καὶ τὸ δαπάνημα δοθῆναι ἐκ τοῦ οἴκου Κύρου τοῦ βασιλέως· καὶ τὰ ἱερὰ σκεύη τοῦ οἴκου κυρίου, τὰ τε χρυσᾶ καὶ τὰ ἀργυρᾶ, ἃ ἐξήνεγκεν Ναβουχοδοноσορ ἐκ τοῦ οἴκου τοῦ ἐν Ἱερουσαλημ καὶ ἀπήνεγκεν εἰς Βαβυλῶνα, ἀποκατασταθῆναι εἰς τὸν οἶκον τὸν ἐν Ἱερουσαλημ, οὗ ἦν κείμενα, ὅπως τεθῆ ἐκεῖ.

No primeiro ano do reinado de Ciro: o rei Ciro ordenou edificar a casa do Senhor em Jerusalém onde fazem oferendas por fogo continuamente, cuja altura deve ser 60 côvados e sua largura 60 côvados, com três linhas de pedras lisas e uma linha de madeira nova nativa, e o custo deve ser pago pela casa do rei Ciro. E os utensílios sagrados da casa do Senhor, tanto os de ouro como também os de prata, os quais Nabucodonosor tirou da casa em Jerusalém e levou para Babilônia, deveriam ser restaurados para a casa em Jerusalém, onde eles costumavam estar guardados, para que eles sejam colocados lá. (1ESDRAS 6, 23-25, tradução nossa)

Além disso, aparecem correspondências entre os governadores das províncias vizinhas com os reis persas se contrapondo à reconstrução do templo e da cidade. Aparecem ainda várias listas com nomes e número dos regressantes separados por classe, família paterna, tribo, ou cidade de origem.

As listas, as cartas e o decreto de Ciro parecem ter sido documentos separados que serviram de fonte para a escrita de várias versões do livro de *Esdras* como também para o livro de *Neemias*. Os livros podem até ser lidos como uma sequência temática que não organiza muito bem a cronologia dos fatos. Uma memória cronista que foi sendo continuada por quem tivesse acesso às versões anteriores. Muitas vezes embaralhando os fatos para poder incluir material novo sem causar uma quebra de continuidade brusca. Os documentos anteriores passavam por uma interpretação, uma tradução e uma reescritura.

Os nomes de pessoas e lugares que aparecem nas listas são problemáticos para a tradução, pois o alfabeto grego é o primeiro a representar as vogais com letras de uma forma mais consistente. Outras línguas como o hebraico e o fenício utilizavam letras que representavam as consoantes e davam pistas sobre o valor das vogais pela distribuição recorrente das consoantes. Dessa maneira algumas consoantes podiam representar vogais ou ditongos, ou visto de outra forma, serem consideradas mudas ou pouco perceptíveis, mas marcarem a presença de uma vogal ou de um ditongo.

Alguns nomes já são consagrados na sua tradução para o português como Esdras, Neemias, Zorobabel, Ciro, Nabucodonosor, Dario, Artaxerxes, Moisés, Davi, Salomão, Zacarias, entre outros. Por outro lado, existem nomes que possuem várias versões como o de Jesus, que é um sacerdote e um dos primeiros líderes dos que retornaram para Jerusalém. Seu nome pode ser vertido como Josué, Jesua, ou Jesuá. A alcunha de Jesus seria apropriada, mas pode causar confusão com o nome de Jesus, o messias cristão. Josué causa confusão com o nome do líder sucessor de Moisés. Enquanto Jesua e Jesuá perdem o -s que é uma marca de substantivos masculinos em grego no caso nominativo e se aproxima mais do hebraico *Yeshua* (יֵשׁוּעַ) ou *Yehoshua* (יְהוֹשֻׁעַ):

אֲשֶׁר-בָּאוּ עִם-זְרֻבָבֶל יֵשׁוּעַ נְחֵמְיָהוּ שְׂרָיָהוּ רְעֵלָיָהוּ מֹרְדֹכַי בִּלְשָׁן מִסְפָּר בְּגֵי רְחֻם בְּעֵגְהָ מִסְפָּר
אֲשֶׁר עִם יִשְׂרָאֵל: ם

asher-bau [que vieram] im-Zerubavel [com Zorobabel,] Yeshua [Jesua,] Nechemya [Neemias,] Seraya [Seraías] Reelaya [Reelaías] Mordokhai [Mordecai,] Bilshan [Bilsaã,] Mispar [Mispar,] Bigvai [Bigvai,] Rechum[Reum] Baana [Baaná,] mispar [O número de] anshei [os homens de] am [o povo de] Yisra'el [Israel].

οἱ ἦλθον μετὰ Ζοροβαβελ· Ἰησοῦς, Νεεμιας, Σαραιας, Ρεελιας, Μαρδοχαιος, Βαλασαν, Μασφαρ, Βαγουι, Ρεουμ, Βαανα. ἀνδρῶν ἀριθμὸς λαοῦ Ἰσραηλ· 3υῖοι Φορος δισχίλιοι ἑκατὸν ἑβδομήκοντα δύο.

tetragrama YHWH. O tetragrama יהוה normalmente não é pronunciado pelos judeus em forma de tabu e de honra à divindade, porém uma das formas de vocalização que os estudiosos do hebraico admitem é Yahweh ou Iahweh. Ele é aportuguesado nas traduções *Nova Bíblia Pastoral* (2014) e *Bíblia Sagrada de Aparecida* (2006) como Javé. Na *BÍBLIA DE JERUSALÉM* (2002), usa-se Yahweh e na *Bíblia Sagrada King James atualizada* (2012), usa-se Iahweh. Assim *Iá* ou *Já* seriam formas abreviadas do tetragrama que aparecem em muitos nomes e expressões de origem hebraica como Neemias e Aleluia.

Por outro lado, a ARA e outras versões traduzem o tetragrama por Senhor, seguindo uma tradição que parte do grego κύριος, *kýrios*, “que tem autoridade”, “que é senhor de”, “senhor soberano”, “imperador”, “Deus”, “chefe de família”, “senhor de escravos”, “que tem plena autoridade” (PEREIRA, 1998, p.338), utilizado na LXX para traduzir o tetragrama. Seguimos esta tradição e utilizamos Senhor na tradução de *IEsdras* e além disso procuramos manter as terminações de nomes que fazem referência à divindade como “Neemias”, “Zaraías”, “Reesaías” e “Ananias”.

A nossa tradução do livro de *IEsdras* é só mais um passo nesse processo de ressignificação do texto. Ela tenta ser formal no sentido de nos forçar a ler o grego como a chave de leitura, porém este processo sempre exige questionamentos de interpretação do texto traduzido e observações da tradição nas traduções de nomes para o português.

A nossa leitura do texto faz com que compreendamos como poderia ter ocorrido a reconstrução de uma cidade e de um santuário. Os seus cidadãos e líderes buscam nas lideranças religiosas uma forma de coesão social e ao reconstruírem o templo e a cidade, buscam reconstruir a sua própria identidade.

As famílias patriarcais que aparecem nas listas de nomes e números no decorrer do texto revelam a importância da linhagem da casa paterna e da tribo para a identidade do povo hebreu. Este livro nos fala do problema de manter esta linhagem e manter a identidade ao mesmo tempo. Já que as famílias acabaram tendo contato com mulheres de outras etnias e a linhagem acabou se misturando.

65Καὶ τούτων τελεσθέντων προσήλθοσαν μοι οἱ ἡγούμενοι λέγοντες 66Οὐκ ἔχωρισαν τὸ ἔθνος τοῦ Ἰσραηλ καὶ οἱ ἄρχοντες καὶ οἱ ἱερεῖς καὶ οἱ Λευῖται τὰ

ἀλλογενῆ ἔθνη τῆς γῆς καὶ τὰς ἀκαθαρσίας αὐτῶν, Χαναναίων καὶ Χετταίων καὶ Φερεζαίων καὶ Ιεβουσαίων καὶ Μωαβιτῶν καὶ Αἰγυπτίων καὶ Ἰδομαίων· 67 συνόκησαν γὰρ μετὰ τῶν θυγατέρων αὐτῶν καὶ αὐτοὶ καὶ οἱ υἱοὶ αὐτῶν, καὶ ἐπεμίγη τὸ σπέρμα τὸ ἅγιον εἰς τὰ ἀλλογενῆ ἔθνη τῆς γῆς, καὶ μετεῖχον οἱ προηγούμενοι καὶ οἱ μεγιστᾶνες τῆς ἀνομίας ταύτης ἀπὸ τῆς ἀρχῆς τοῦ πράγματος.

65 E essas coisas tendo sido feitas, os governantes vieram até mim dizendo: 66 “A nação de Israel, os príncipes, os sacerdotes e os levitas, não se afastaram do povo estranho da terra, nem das poluições dos gentios, dos cananeus, dos heteus, dos ferezeus, dos jebuseus, dos moabitas, dos egípcios e edomitas. 67 Porque ambos eles e seus filhos se casaram com suas filhas, e a semente sagrada se misturou com o povo estranho da terra; e desde o início desta coisa, os governantes e os grandes homens foram participantes desta iniquidade. (1ESDRAS, 8, 65-67, tradução nossa)

A identidade deste povo neste livro é uma identidade masculina. As mulheres cidadãs quase não são citadas por nome. As mulheres estrangeiras não são consideradas cidadãs. Elas são consideradas uma ameaça pela sua força, seu poder. Já que representam uma alteridade que se opõe a identidade masculina que é representada pelos líderes políticos e religiosos.

Zorobabel aparece como líder do primeiro grupo de exilados babilônicos que retornam a Jerusalém e posteriormente Esdras aparece como grande figura religiosa que serve como símbolo das origens do judaísmo, patrono dos escribas e leitores da lei. A identidade judaica se funda na linhagem paterna, no templo e na lei.

A lei de Moisés é uma lei religiosa e por isso ela é tolerada pelos reis persas que dominam de fato e governam a Jerusalém como uma parte de um grande império. Os governadores das cidades vizinhas mais próximas que também representam inimigos e estrangeiros são também ameaças à mínima independência de Jerusalém.

4.2 O discurso *Contra Neera* e *1Esdras*

Um ponto importante da leitura do livro de *1Esdras* é o *status* de mulher estrangeira dentro da comunidade do povo israelita, retornando do cativeiro na Babilônia. Nos episódios que concluem o livro se desenrola um arrependimento com a miscigenação (1Esdras 8,68-90) e a expulsão das esposas e filhos estrangeiros (1Esdras 8,91 - 9,36).

Esses episódios ligam-se ao episódio dos três jovens (1Esdras 3,4 - 4,4) que parece ter sido interpolado para apoiar retoricamente a decisão final da expulsão das mulheres estrangeiras. Estes problemas éticos ligam-se à questão da cidadania para os povos antigos e remetem ao discurso do processo *Contra Neera*, que nos serve de contraponto entre a visão israelense pós-cativeiro e a visão da Atenas do período Clássico.

O discurso *Katà Neaira*, *Contra Neera*, integra o *Corpus Demosthenicum* e é atribuído pela maioria da crítica contemporânea ao orador Apolodoro. Ele retrata o passado da hetaira Neera e representa uma rica fonte para o conhecimento do mundo feminino de Atenas da primeira metade do século IV a. C. Também é um testemunho de aspectos dos sistemas institucionais e processuais da pólis ateniense dos séculos V e IV a.C.

Embora, na Grécia antiga, a prostituição fosse parte da vida em sociedade e fosse tida como algo comum e corriqueiro, sendo legalizada e fonte de impostos. Assim as prostitutas eram divididas em três classes: *pórnai*, que trabalhavam em bordéis públicos, *hetaîrai*, que eram estrangeiras, cultas e sofisticadas, donas de muitos atributos, e as *hieródouloi*, prostitutas sagradas, que praticavam a prostituição nos templos dedicados à deusa Afrodite, deusa do amor. Este processo contra uma prostituta foi marcante e seu registro sobreviveu ao tempo. O seu contexto histórico conflituoso pode ter contribuído para isso.

A ação processual contra os acusados Neera e Estéfanos se deu numa época em que o cenário político estava mobilizado pela ameaça de Filipe da Macedônia. Depois da derrota na guerra do Peloponeso, na qual Esparta saiu vencedora, Atenas se via diante da possibilidade de seus aliados desacreditarem de sua capacidade militar, abandonando-a, o que faria com que a pólis tivesse seus domínios comprometidos. O processo versou sobre a *Xenías graphé*, a usurpação de cidadania. Personalidades importantes surgiram com acusações de ordem política, ética e moral; assim a questão da cidadania ateniense voltou a ser discutida na *Ekklēsia*. Os costumes e a tradição da pólis ateniense se viram ameaçados pela desestruturação e pela desagregação (ONELLEY, 2011 e 2012; PETERS e CERQUEIRA, 1982; DA SILVA, 2015).

O orador Apolodoro faz um discurso neste processo relatando a vida de Neera, uma mulher que mora em Atenas com Estéfano. Ele tenta provar que ela não era ateniense e fingia ser casada com Estéfano. Ele acusa Estéfano de casar Fano, a filha de Neera, com Teógenes, um homem pobre que fora escolhido por sorteio como arconte-basileu, como se Fano fosse cidadã de Atenas. O arconte-basileu era a posição de maior importância na condução dos ritos religiosos do Estado ateniense. Dessa maneira, Fano ia conduzir um sacrifício para o deus patrono local. Se isso acontecesse os atenienses acreditavam que perderiam a proteção por causa da intrusão dos estrangeiros.

De maneira semelhante, a lei de Moisés interpretada pelo escriba Esdras proibia os casamentos mistos ou exogâmicos. As mulheres que não pertencessem a uma linhagem paterna ligada aos hebreus ou aos israelitas não tinham direitos de cidadãs nem seus filhos. Estes casamentos e o nascimento destes filhos eram considerados pecados, transgressões diante de Deus.

A cidadania das mulheres estrangeiras e de seus filhos foi questionada e gerou um conflito étnico, ético e moral na narrativa de *IEsdras*. Os casamentos tinham sido válidos, mas foram declarados pecaminosos. O método de separação foi a expulsão forçada. O caso das esposas e de seus filhos que se tornaram prosélitos e abraçaram a religião israelita não é levado em consideração. Outro fato a ser observado é que os nomes das mulheres não são citados, mas o nome dos maridos sim, formando uma lista de culpados.

Assim, os contextos de ambas as obras se aproximam pelo discurso de justificação das decisões tomadas, mas se distanciam pela justificativa religiosa de *IEsdras* que não se sustenta sem recurso a uma espécie de parábola, na qual a “verdade” e o “deus da verdade” justificariam a expulsão das mulheres, pois seriam as únicas coisas imparciais e “mais poderosas” que tudo, mais fortes que o vinho, mais fortes que o rei, mais fortes que o povo e até mais importantes do que as mulheres.

33καὶ τότε ὁ βασιλεὺς καὶ οἱ μεγιστᾶνες ἐνέβλεπον ἕτερος πρὸς τὸν ἕτερον.—
 34καὶ ἤρξατο λαλεῖν περὶ τῆς ἀληθείας Ἰσχυροὶ αἱ γυναῖκες;
 μεγάλη ἡ γῆ, καὶ ὑψηλὸς ὁ οὐρανός, καὶ ταχὺς τῷ δρόμῳ ὁ ἥλιος, ὅτι στρέφεται
 ἐν τῷ κύκλῳ τοῦ οὐρανοῦ καὶ πάλιν ἀποτρέχει εἰς τὸν ἑαυτοῦ τόπον ἐν μιᾷ
 ἡμέρᾳ. 35οὐχὶ μέγας ὡς ταῦτα ποιεῖ; καὶ ἡ ἀλήθεια μεγάλη καὶ ἰσχυροτέρα
 παρὰ πάντα. 36πᾶσα ἡ γῆ τὴν ἀλήθειαν καλεῖ, καὶ ὁ οὐρανὸς αὐτὴν εὐλογεῖ,
 καὶ πάντα τὰ ἔργα σείεται καὶ τρέμει, καὶ οὐκ ἔστιν μετ’ αὐτοῦ ἄδικον οὐθέν.
 37 ἄδικος ὁ οἶνος, ἄδικος ὁ βασιλεὺς, ἄδικοι αἱ γυναῖκες, ἄδικοι πάντες οἱ

υιοὶ τῶν ἀνθρώπων, καὶ ἄδικα πάντα τὰ ἔργα αὐτῶν, πάντα τὰ τοιαῦτα· καὶ οὐκ ἔστιν ἐν αὐτοῖς ἀλήθεια, καὶ ἐν τῇ ἀδικίᾳ αὐτῶν ἀπολοῦνται. 38 ἡ δὲ ἀλήθεια μένει καὶ ἰσχύει εἰς τὸν αἰῶνα καὶ ζῆ καὶ κρατεῖ εἰς τὸν αἰῶνα τοῦ αἰῶνος. 39 καὶ οὐκ ἔστιν παρ’ αὐτῇ λαμβάνειν πρόσωπα οὐδὲ διάφορα, ἀλλὰ τὰ δίκαια ποιεῖ ἀπὸ πάντων τῶν ἀδίκων καὶ πονηρῶν· καὶ πάντες εὐδοκοῦσι τοῖς ἔργοις αὐτῆς, καὶ οὐκ ἔστιν ἐν τῇ κρίσει αὐτῆς οὐθέν ἄδικον. 40 καὶ αὐτῇ ἡ ἰσχύς καὶ τὸ βασίλειον καὶ ἡ ἐξουσία καὶ ἡ μεγαλειότης τῶν πάντων αἰῶνων. εὐλογητὸς ὁ θεὸς τῆς ἀληθείας. 41 καὶ ἐσιώπησεν τοῦ λαλεῖν· καὶ πᾶς ὁ λαὸς τότε ἐφώνησεν, καὶ τότε εἶπον Μεγάλη ἡ ἀλήθεια καὶ ὑπερισχύει.

33 E então o rei e os nobres olharam um para o outro. 34 E ele começou a falar sobre **verdade**: “Homens, não **são fortes as mulheres**? Grande é a terra, e alto o céu, e veloz no seu curso o sol, pois gira no círculo do céu e retorna novamente ao seu próprio lugar em um dia. 35 Não é grande quem faz estas coisas? E a **verdade** também é **grande** e **mais forte** do que **todas as coisas**. 36 Toda a terra invoca a **verdade**, e o céu a abençoa, e toda sua obra estremece e treme, e não há com ela nada **injusto**. 37 **Injusto** é o vinho; **injusto** é o rei; **injustas** são as **mulheres**; todos os filhos dos homens são **injustos**, e todas suas obras são **injustas** - todas essas coisas; e não há **verdade** nelas, e na **injustiça** delas perecerão. 38 Mas a **verdade** perdura e é **forte** para sempre e vive e domina para sempre e sempre. 39 E com ela não há parcialidade ou preferência, mas faz o que é justo, em vez de todas as coisas **injustas** ou **más**. E todos aprovam suas obras, e não há nada **injusto** em seu julgamento. 40 E a ela pertence a força e o reinado e a autoridade e a majestade de todas as idades. Bendito seja o Deus da **verdade**!” 41 E ele parou de falar, e todo o povo então gritou e disse então: “Grande é a verdade e é superior!”. (1Esdras 4, 33-41, tradução nossa)

A verdade em grego se diz ἀληθεία, *alētheía*, em outras palavras uma revelação, um desvelamento. Ela é formada α- que é um prefixo que é uma negação e λήθω, *lēthō*, que é um verbo que significa “esquecer”, e está relacionado com λανθάνω, *lantháno*, que é “passar despercebido, ser ignorado” (PEREIRA, 1998). Então *alētheía* é uma percepção da realidade, uma lembrança do que foi esquecido. O Deus da verdade não necessariamente é identificado com o Deus judaico cristão. Ele parece uma figura ecumênica, filosófica e retórica. Se confunde com a própria realidade com o próprio ser em si. A Injustiça (ἀδικία, *adikíai*) é colocada como sinônimo de mentira, maldade, inconsciência, desordem e caos.

O argumento do conto dos três jovens é o de que a realidade não pode ser negada ou falseada pela intoxicação do vinho, ou pela autoridade absoluta do rei, ou pela paixão gerada pelas mulheres nos homens. Porém, dentro do contexto de *1Esdras*, a verdade não se identifica com a realidade. Ela se resume a letra da lei, ao respeito à religião e ao costume. A divindade recebe os atributos de autoridade que a realidade detém devido a

sua necessidade. A cultura e a natureza são confundidas neste argumento para gerar a conclusão de que é necessário manter a identidade étnica para preservar a ordem cultural e dessa forma preservar a ordem natural.

4.3 As mulheres de Aristófanes e *IESdras*

Todos os discursos proferidos pelas personagens femininas em Aristófanes têm um certo tom de ironia, porque não era aceitável que uma mulher grega discursasse numa assembleia para a Atenas clássica. Poderia até parecer um absurdo a ideia de uma assembleia de mulheres como nas comédias *Lisístrata* e *Assembleia de Mulheres*, mas essa é uma forma de criticar a política grega que não chegava a uma resolução para as guerras.

A cidadania grega para as mulheres era muito limitada. Elas não tinham direito a voto nas assembleias nem podiam representar a si mesmas em processos judiciais que envolvessem seu nome. Por isso, Estéfano é quem foi para o julgamento defender Neera como uma espécie de *kýrios* dela.

Podemos buscar nas comédias de Aristófanes indícios da importância do papel da cidadã ateniense como geradora dos legítimos cidadãos e mantenedora das tradições religiosas como a festa das Tesmofórias. Na comédia *Lisístrata*, a líder da greve de sexo para pôr fim à guerra do Peloponeso, que dá nome a peça, faz declarações audazes sobre papel da cidadã dentro cidade-estado grega através suas manifestações religiosas e na exaltação à paz.

εἰ δ' ἐγὼ γυνὴ πέφυκα, τοῦτο μὴ φθονεῖτέ μοι,
ἦν ἀμείνω γ' εἰσενέγκω τῶν παρόντων πραγμάτων. 650
τοῦράνου γάρ μοι μέτεστι: καὶ γὰρ ἄνδρας ἐσφέρω,
Mas se eu nasci mulher, disto não me recrimineis, quando proponho coisas
melhores do que as do presente. Eu pago a minha parte, pois forneço homens
(ARISTÓFANES, *Lisístrata*, v. 649-652)

ἑπτὰ μὲν ἔτη γεγῶσ' εὐθύς ἡρρηφόρου:
εἴτ' ἄλετρις ἢ δεκέτις οὔσα τάρχηγέτι:
καὶ τ' ἔχουσα τὸν κροκωτὸν ἄρκτος ἢ Βραυρωνίους: 645
κάκανηφόρου ποτ' οὔσα παῖς καλὴ 'χουσ'
ισχάδων ὀρμαθόν:
desde os sete anos de idade eu era arréfora, depois fui moleira, aos dez anos,
para nossa patrona, e deixando cair a túnica amarela era ursa nas Braurônias;

e enfim fui canéfora quando era uma bela moça, portando um colar de figos secos. (ARISTÓFANES, *Lisístrata*, v. 643-647).

Na comédia *Tesmoforiantes*, um Eurípides ficcional é condenado à morte pelo Conselho de Mulheres, por falar mal delas em suas tragédias. Da mesma forma, o Parente do tragediógrafo também é aprisionado por tentar defender aquele a quem elas execravam. Quando chega ao *Tesmofórion*. As mulheres agem como homens na assembleia e nos tribunais. Um forte tom político toma conta da primeira parte da peça, em que as mulheres empregam termos do universo tipicamente masculino. Referem-se ao festival como uma assembleia (v.374), consideram-se um Conselho de Mulheres (vv.372-3), comparam-se a oradores (vv.382-3) e discutem decretos e leis (v.361). O festival das Tesmofórias é marcadamente religioso, mas Aristófanes o representa funcionando como um corpo democrático ateniense (FARIA, 2010, p.51-52).

Comparando os textos vemos como o religioso e o político não estão tão separados dentro da cultura helenista como um todo. A lei e os deuses estão sempre relacionados à manutenção da linhagem como uma forma de direito. A figura da mulher aparece sempre como central nessa manutenção, pois ela representa os mistérios da vida e da morte nas figuras femininas divinas, como Deméter e Perséfone, figuras arquetípicas principais presentes nas Tesmofórias.

Por outro lado, as mulheres são importantes também para esta outra cultura, a hebraica. Elas são uma força que deve ser controlada para poder manter-se a religiosidade patriarcal através de uma cidadania baseada na descendência paterna que se materializa discursivamente nas leis sagradas.

Há uma preocupação constante em controlar as mulheres e alertar sobre o perigo do poder feminino. Nesta visão, as mulheres já têm muito poder e é preciso limitá-lo para que possa haver uma manutenção do poder patriarcal, da política patriarcal, da religião patriarcal. Isso se manifesta tanto nas comédias de forma subvertida quanto no processo jurídico *Contra Neera* e permanece no discurso dos três jovens em *IEsdras*. A cultura hebraica e a cultura helenística são patriarcais e ambas acabam focando nesta questão de

uma crítica à mulher. Por vezes podendo parecer até uma certa misoginia, só às vezes atenuada.

4.4 As mulheres de Eurípedes e *IEsdras*

Nas tragédias de Eurípedes, encontramos mulheres em situações de disputa de poder com os homens e para procurar destacar este tema recorrente, buscamos as ocorrências da palavra *ισχύω*, *iskhyó*, em suas obras. A passagem seguinte d'*As Troianas* mostra um confronto entre um mensageiro chamado Taltíbio e a princesa troiana Andrômaca sobre a decisão dos gregos de matar Astianax, o bebê herdeiro da família real troiana, após o fim da guerra de Troia (EUR. *As Troianas*, v. 709-739, tradução nossa):

Ταλθύβιος

Φρυγῶν ἀρίστου πρὶν ποθ' Ἔκτορος δάμαρ,
μή με στυγῆσης; οὐχ ἐκὼν γὰρ ἀγγελῶ. 710
Δαναῶν δὲ κοινὰ Πελοπιδῶν τ' ἀγγέλματα ...

Ἀνδρομάχη

τί δ' ἔστιν; ὧς μοι φροϊμίων ἄρχη κακῶν.

Ταλθύβιος

ἔδοξε τόνδε παῖδα ... πῶς εἶπω λόγον;

Ἀνδρομάχη

μῶν οὐ τὸν αὐτὸν δεσπότην ἡμῖν ἔχειν;

Ταλθύβιος

οὐδεὶς Ἀχαιῶν τοῦδε δεσπόσει ποτέ. 715

Ἀνδρομάχη

ἀλλ' ἐνθάδ' αὐτοῦ λείψανον Φρυγῶν λιπεῖν;

Ταλθύβιος

οὐκ οἶδ' ὅπως σοι ραδίως εἶπω κακά.

Ἀνδρομάχη

ἐπήνεσ' αἰδῶ, πλὴν ἐὰν λέγῃς καλά.

Ταλθύβιος

κτενοῦσι σὸν παῖδ', ὡς πύθη κακὸν μέγα.

Ἀνδρομάχη

οἴμοι, γάμων τόδ' ὡς κλύω μείζον κακόν. 720

Ταλθύβιος

νικᾷ δ' Ὀδυσσεὺς ἐν Πανέλλησιν λέγων ...

Ἀνδρομάχη

αἰαὶ μάλ': οὐ γὰρ μέτρια πάσχομεν κακά.

Ταλθύβιος

λέξας ἀρίστου παῖδα μὴ τρέφειν πατρὸς ...

Ἀνδρομάχη

τοιαῦτα νικήσειε τῶν αὐτοῦ πέρι.

Ταλθύβιος

ῥῖψαι δὲ πύργων δεῖν σφε Τρωικῶν ἄπο. 725

ἀλλ' ὡς γενέσθω, καὶ σοφωτέρα φανῆ:

μήτ' ἀντέχου τοῦδ', εὐγενῶς δ' ἄλγει κακοῖς,

μήτε σθένουσα μηδὲν ἰσχύειν δόκει.

ἔχεις γὰρ ἀλκὴν οὐδαμῆ. σκοπεῖν δὲ χρή:
 πόλις τ' ὄλωλε καὶ πόσις, κρατῆ δὲ σύ, 730
 ἡμεῖς δὲ πρὸς γυναῖκα μάρνασθαι μίαν
 οἰοί τε. τούτων οὖνεκ' οὐ μάχης ἔρᾶν
 οὐδ' αἰσχρὸν οὐδὲν οὐδ' ἐπίφθονόν σε δρᾶν,
 οὐδ' αὖ σ' Ἀχαιοῖς βούλομαι ρίπτειν ἄρας.
 εἰ γάρ τι λέξεις ὅν χολώσεται στρατός, 735
 οὔτ' ἂν ταφείη παῖς ὄδ' οὔτ' οἴκτου τύχοι.
 σιγῶσα δ' εὖ τε τὰς τύχας κεκτημένη
 τὸν τοῦδε νεκρὸν οὐκ ἄθραπτον ἂν λίποις
 αὐτῆ τ' Ἀχαιῶν πρηνεμενεστέρων τύχοις.

Taltúbio

Você que um dia foi a esposa de Heitor, o mais bravo dos frígios, [710] não me odeie, pois eu não sou um mensageiro voluntário. Os danaos e os filhos de Pélops ambos comandam...

Andrômaca

O que é isso? Seu prelúdio traz más notícias.

Taltúbio

Está decretado que seu filho... Como posso contar minhas notícias?

Andrômaca

Certamente não para terá um mestre diferente de mim?

Taltúbio

[715] Nenhum dos chefes da Acaia jamais terá domínio sobre ele.

Andrômaca

Será que desejam deixá-lo aqui, um remanescente da raça da Frígia?

Taltúbio

Não conheço palavras para quebrar a tristeza levemente para você.

Andrômaca

Agradeço sua consideração, a menos que tenha boas notícias para contar.

Taltúbio

Eles pretendem matar seu filho; esta é a minha mensagem odiosa para você.

Andrômaca

[720] Ai de mim! Esta é uma notícia pior do que meu casamento forçado.

Taltúbio

Assim falou Odisseu aos helenos reunidos, e sua palavra prevaleceu.

Andrômaca

Ai! Ai! Infeliz! Não há medida nas aflições que carrego.

Taltúbio

Ele disse que não deveriam criar um filho de pai tão corajoso.

Andrômaca

Que tais conselhos prevaleçam sobre seus filhos!

Taltúbio

[725] Ele deve ser lançado das ameias de Troia. Deixe assim, e você mostrará mais sabedoria; não se apegue a ele, mas suporte as suas dores com coragem, nem **pense que você é forte na sua fraqueza**. Em nenhum lugar você tem ajuda; você deve considerar isso; [730] O teu marido e a tua cidade já não existem, pelo que você está nas nossas mãos e eu sozinho sou páreo para uma mulher; portanto, não quero vê-la empenhada em contendas ou qualquer atitude que lhe traga vergonha ou ódio, nem quero ouvir você amaldiçoar precipitadamente os aqueus. [735] Pois, se disseres alguma coisa para enfurecer o exército, esta criança não encontrará sepultura nem lamento. Mas se você ficar quieta e com compostura assumir seu destino, você não deixará o cadáver dele insepulto, e você mesma encontrará mais favores com os aqueus.

Andrômaca é subjulgada por Taltíbio e sua condição de fraqueza como mulher da nação derrotada prevalece nas palavras acima. O homem afirma que a mesma não deve pensar que é forte. Ela não deve resistir aos comandos do exército dos aqueus, já que está desamparada após a guerra. A ameaça está declarada e Andrômaca terá agora seu filho Astianax morto. Caso ela deixasse de cumprir as ordens dadas pelos gregos, a pobre criança não teria direito nem a um funeral digno.

A fala do personagem Taltíbio expressa uma certa antítese dentro da colocação pensar ser forte sendo fraco. Nesta passagem, aparece a colocação *ἰσχύειν δόκει*, que significa considerar-se forte, considerar ser forte. Essa colocação põe em dúvida a força que a mulher assume ter. É um homem na posição de homem que nega a posição de força e poder a uma mulher. Sendo assim, há uma negação da força que uma mulher pode exercer na posição de mulher.

Nas tragédias de Eurípedes, cenas parecidas se repetem, porque há uma preocupação em criar um discurso que diminua a força da mulher dentro da sociedade ou que reafirme essa fraqueza. Mas que, por outro lado, acaba deixando subentendido que a mulher tem uma força que é inerente a posição dela na sociedade.

As colocações lexicais também nos levaram a realizar leituras de passagens das tragédias de Eurípedes onde se discutem a força da riqueza, a força da palavra, a força da necessidade, mas sempre ligadas ao destino das mulheres, que é um dos temas favoritos do tragediógrafo.

Na tragédia *Andrômaca* de Eurípedes, encontramos duas passagens que debatem a força da riqueza e a força das palavras, enquanto uma narrativa, um mito, uma mentira.

Ἀνδρομάχη

ὦ δόξα δόξα, μυρίοισι δὴ βροτῶν
οὐδὲν γεγῶσι βίσιον ὄγκωσας μέγαν. 320

[εὐκλεία δ' οἷς μὲν ἔστ' ἀληθείας ὕπο,
εὐδαιμονίζω: τοὺς δ' ὑπὸ ψευδῶν, ἔχειν
οὐκ ἀξιόσω, πλὴν τύχη φρονεῖν δοκεῖν.]
σὺ δὴ στρατηγῶν λογάσιν Ἑλλήνων ποτὲ
Τροίαν ἀφείλου Πρίαμον, ὧδε φαῦλος ἦν; 325
ὅστις θυγατρὸς ἀντίπαιδος ἐκ λόγων
τοσόνδ' ἔπνευσας, καὶ γυναικὶ δυστυχεῖ
δούλῃ κατέστης εἰς ἀγῶν'; οὐκ ἀξιῶ
οὔτ' οὖν σὲ Τροίας οὔτε σοῦ Τροίαν ἔτι.
[ἔξωθεν εἰσὶν οἱ δοκοῦντες εὖ φρονεῖν 330

λαμπροί, τὰ δ' ἔνδον πᾶσιν ἀνθρώποις ἴσοι,
 πλὴν εἴ τι **πλούτω**: τοῦτο δ' **ἰσχύει** μέγα.
 Μενέλαε, φέρε δὴ διαπεράνωμεν λόγους:
 τέθνηκα τῇ σῆι θυγατρὶ καὶ μ' ἀπώλεσε:
 μαιφόνον μὲν οὐκέτ' ἂν φύγοι μύσος. 335
 ἐν τοῖς δὲ πολλοῖς καὶ σὺ τόνδ' ἀγωνιῆ
 φόνον: τὸ συνδρῶν γάρ σ' ἀναγκάσει χερρός.
 ἦν δ' οὖν ἐγὼ μὲν μὴ θανεῖν ὑπεκδράμω,
 τὸν παῖδά μου κτενεῖτε; κᾶτα πῶς πατὴρ
 τέκνου θανόντος ῥαδίως ἀνέξεται; 340
 οὐχ ᾧδ' **ἄνανδρον** αὐτὸν ἢ Τροία καλεῖ:
 ἀλλ' εἴσιν οἱ χρή, Πηλέως γὰρ **ἄξια**
 πατρός τ' Ἀχιλλέως ἔργα δρῶν φανήσεται
 ᾧσει δὲ σὴν παῖδ' ἐκ δόμων: σὺ δ' ἐκδιδοὺς
 ἄλλω τί λέξεις; πότερον ὡς κακὸν πόσιν 345
 φεύγει τὸ ταύτης σῶφρον; ἀλλ' οὐ πείσεται.
 γαμει δὲ τίς νιν; ἢ σφ' **ἄνανδρον** ἐν δόμοις
 χήραν καθέξεις πολίον; ᾧ τλήμων ἀνήρ,
 κακῶν τοσοῦτων οὐχ ὄρας ἐπιρροάς;
 πόσας ἂν εὐνάς θυγατέρ' ἠδίκημένην 350
 βούλοιοι' ἂν εὐρεῖν ἢ παθεῖν ἀγὼ λέγω;]

Andrômaca

Ó glória, glória, você inchou a vida [320] de incontáveis mortais que são nulos! [Boa fama, têm aqueles através da **verdade**, eu considero bem-aventurados, enquanto àqueles que a derivam da **falsidade**, não os **considerarei dignos** dela, exceto que o acaso os faz parecer **bem pensar**.] Você, que é tão perverso, uma vez serviu como general [325] sobre as tropas da Grécia e arrancou Troia de Príamo? Ao ouvir a **palavra** de sua filha, uma mera criança, você chega com grande orgulho e entra em competição com uma pobre escrava. Eu não **considero** você como **digno** de Troia ou Troia como digna de você. [330] [É de fora que aqueles com a reputação de **bem pensar** são esplêndidos, enquanto por dentro eles não são mais do que o resto da humanidade, exceto em **riqueza**: ainda assim, esta **tem** grande **força**. Menelau, venha agora, vamos conversar. Suponha que eu tenha morrido pelas mãos de sua filha e ela me destruiu. [335] A partir desse ponto ela não escapará da poluição do assassinato. Mas, aos olhos da maioria, você também será julgado por este assassinato, pois a cumplicidade de sua mão o compelirá. Mas se eu escapar da morte, você matará meu filho? E então como seu pai [340] alegremente tolerará que seu filho seja morto? Troia não o chama de **covarde**. Mas ele irá aonde for preciso e deixará claro que está praticando atos **dignos** de Peleu e de seu pai Aquiles e expulsará sua filha de casa. E se você tentar casá-la [345] com outro marido, o que você dirá? Que ela, sendo moderada e casta, fugiu de um marido ruim? Mas ele não vai acreditar em você. Quem vai se casar com ela? Ou você vai mantê-la grisalha e **sem marido** em sua própria casa? Ó homem infeliz, você não vê que desastres estão se abatendo sobre você? [350] Em quantos leitões matrimoniais você não veria sua filha prejudicada em vez de sofrer o que estou descrevendo?]

(EUR., *Andrômaca*, v. 319-351, tradução nossa)

Nesta passagem, a personagem Andrômaca critica Menelau por ser cúmplice de sua filha na intenção de matá-la e a seu filho. Andrômaca era princesa em Troia, teve o marido Heitor e o filho Astíanax mortos na guerra e tornou-se escrava do filho de Aquiles,

Neoptólemo. Agora ela tem um filho com Neoptólemo, chamado Molosso. Na tragédia, a filha de Menelau, Hermíone, é dada em casamento a Neoptólemo, mas, por não ter filhos, deseja a morte de Andrômaca e Molosso. Andrômaca questiona a glória (δόξα, *dóxa*) conquistada por Menelau, por ter tomado Troia, põe em dúvida o seu interior (ἔνδον, *éndon*) e em oposição a seu exterior (ἔξωθέν, *éxōthén*).

Andrômaca ironiza dizendo que a riqueza (πλούτω, *ploutōi*) tem força (ἰσχύει, *iskhýei*). A riqueza pode causar um efeito de aparência positiva. No entanto, a glória, a dignidade (ἀξιῶσω, *axiōsō*, ἀξιῶ, *axiō*, ἄξια, *áxia*) de Menelau se perderiam se ele decidisse cometer os crimes de assassinato de uma mulher na posição inferior de escravidão e de uma criança que tinha pai e avô nobres que poderiam se vingar da sua morte. Andrômaca acredita no socorro de Peleu e na ameaça de uma vingança de Neoptólemo. Ela critica Menelau também por se deixar influenciar pelas palavras (λόγων, *lógon*) da filha, isso negaria sua capacidade de “bem pensar” (φρονεῖν, *phroneîn*, εὖ φρονεῖν, *eû phroneîn*), qualidade esperada de um general. Esta mesma filha poderia também ser rejeitada por Neoptólemo e envelhecer sem marido (ἄνανδρον, *ánandron*). Há aí um jogo com a polissemia da palavra ἄνανδρον (*ánandron*) entre Neoptólemo não ser “covarde”, “não-homem” e Hermíone ficar “sem marido”, “sem homem”.

Ἄγγελος

ἐπεὶ τὸ κλεινὸν ἦλθομεν Φοίβου πέδον, 1085

τρεις μὲν φαεινὰς ἠλίου διεξόδους
θεὰ διδόντες ὄμματ' ἐξεπίπλαμεν.
καὶ τοῦθ' ὑποπτον ἦν ἄρ': ἐς δὲ συστάσεις
κύκλους τ' ἐχώρει λαὸς οἰκίητων θεοῦ.

Ἀγαμέμνωνος δὲ παῖς διαστείχων πόλιν 1090

ἐς οὓς ἐκάστω δυσμενεῖς ἠὔδα λόγους:
Ὅρατε τοῦτον, ὃς διαστείχει θεοῦ
χρυσοῦ γέμοντα γύαλα, θησαυροὺς βροτῶν,
τὸ δεῦτερον παρόντ' ἐφ' οἷσι καὶ πάρος
δεῦρ' ἦλθε, Φοίβου ναὸν ἐκπέρσαι θέλων; 1095

κακὰ τοῦδ' ἐχώρει ρόθιον ἐν πόλει κακόν:
ἀρχαὶ δ' ἐπληροῦντ' ἐς τὰ βουλευτήρια,
ἰδίᾳ θ' ὅσοι θεοῦ χρημάτων ἐφέστασαν,
φρουρὰν ἐτάξαντ' ἐν περιστύλοις δόμοις.
ἡμεῖς δὲ μῆλα, φυλλάδος Παρνασίας 1100

παιδεύματ', οὐδὲν τῶνδ' ἐπὶ πεπυσμένοι,
λαβόντες ἡμεν ἐσχάραις τ' ἐφέσταμεν
σὺν προξένοισι μάντεσίν τε Πυθικοῖς.
καὶ τις τόδ' εἶπεν: "ἜΩ" νεανία, τί σοι
θεῶν κατευξώμεσθα; τίνος ἦκεις χάριν; 1105
ὁ δ' εἶπε: Φοίβω τῆς πάροισι ἁμαρτίας
δίκας παρασχεῖν βουλόμεσθ': ἤτησα γὰρ

πατρός ποτ' αὐτὸν αἵματος δοῦναι δίκην.
 κάνταῦθ' Ὀρέστου μῦθος ἰσχύων μέγα
 ἐφαίνεθ', ὡς ψεύδοιτο δεσπότης ἐμός, 1110
 ἦκων ἐπ' αἰσχροῖς, ἔρχεται δ' ἀνακτόρων
 κρηπίδος ἐντός, ὡς πάρος χρηστηρίων
 εὐξαιτο Φοῖβω: τυγχάνει δ' ἐν ἐμπύροις:
 τῷ δὲ ξιφήρης ἄρ' ὑφειστήκει λόχος
 δάφνη σκιασθείς: ὃν Κλυταιμῆστρας τόκος 1115
 εἷς ἦν ἀπάντων τῶνδε μηχανορράφος.

Mensageiro

[1085] Quando chegamos à gloriosa terra de Febo, passamos três dias contemplando a nossa plenitude. Isso, ao que parece, gerou suspeitas: as pessoas que moram na terra do deus se aglomeraram em nós e em círculos. [1090] O **filho de Agamémnon** percorreu a cidade e disse aos ouvidos de cada um, estas palavras hostis: “Vês este homem, que percorre os recintos de ouro do deus e os tesouros dados pelos mortais? Ele veio aqui uma segunda vez com o mesmo propósito de sua visita anterior [1095] e pretende saquear o templo de Febo”. Depois disso, o tumulto percorreu a cidade. As autoridades aglomeraram-se na câmara do conselho e, por sua própria iniciativa, os responsáveis pelas propriedades do deus colocaram uma guarda nos corredores com pórticos. [1100] Nós, nada sabendo ainda destas coisas, apanhamos ovelhas, crias da erva do Parnaso, e continuamos o nosso caminho junto aos altares, juntamente com os adivinhos de Delfos e os encarregados de cuidar dos estrangeiros. Alguém disse: “Jovem, o que [1105] devemos pedir ao deus em seu nome? Por que você veio aqui?” E ele respondeu: “Desejo dar satisfação a Febo por meu pecado anterior. Pois eu exigi uma vez que o deus pagasse a pena pela morte de meu pai”. Nesse ponto, ficou claro que a **história** de Orestes estava **tendo** uma grande **força** [1110], a **história** de que meu mestre **estava mentindo** e tinha vindo com um propósito vergonhoso. Ele subiu os degraus e entrou no templo para que diante do santuário pudesse fazer uma oração a Febo. (Acontece que ele estava no lugar onde os holocaustos são feitos.) . Mas havia, ao que parece, homens armados de emboscada para ele [1115], escondidos à sombra dos ramos de louro, e o **filho de Clitemestra** era o único planejador de todas essas ações. (EUR., *Andrômaca*, v. 1085-1116, tradução nossa).

Nesta outra passagem acima, é relatado o plano de Orestes, filho de Agamémnon, para provocar a morte de Neoptólemo, o filho de Aquiles. Orestes espalha um boato, uma história, um mito de que Neoptólemo pretendia saquear novamente o templo de Febo. Dessa forma, os habitantes de Delfos acreditam na versão de Orestes e montam uma emboscada. Então o filho de Aquiles morre e de fato a Hermíone fica sem marido. O trecho é interessante porque fala do poder das palavras do mito, das histórias, das mentiras. Nisso é um texto que se opõe ao conto dos três jovens, que exaltam a verdade como algo mais forte.

Na tragédia *Hécuba* de Eurípedes, também observamos uma passagem na qual há uma negação da força das palavras diante das ações, ou do estado das coisas. É uma passagem que parece ter um certo tom de provérbios de sabedoria popular. Ela segue uma linha de argumentação semelhante à história dos três jovens guarda-costas do rei Dario.

Ἑκάβη

Ἀγάμεμνον, ἀνθρώποισιν οὐκ ἐχρῆν ποτε
τῶν **πραγμάτων** τὴν **γλῶσσαν ἰσχύειν** πλέον:
ἀλλ', εἶτε χρήστ' ἔδρασε, χρήστ' ἔδει λέγειν,
εἴτ' αὖ πονηρά, τοὺς λόγους εἶναι σαθρούς, 1190
καὶ μὴ δύνασθαι τὰδικ' εὖ λέγειν ποτέ.
σοφοὶ μὲν οὖν εἰς' οἱ τὰδ' ἠκριβωκότες,
ἀλλ' οὐ δύνανται διὰ τέλους εἶναι σοφοί,
κακῶς δ' ἀπώλοντ': οὔτις ἐξήλυξέ πω.

Hecuba

Nunca as **palavras** deveriam **ser mais fortes** que as ações neste mundo, Agamenon. Não! Se as ações de um homem eram boas, suas palavras também deveriam ter sido; [1190] se, pelo contrário, eram más, as suas palavras deviam ser erradas, em vez de, por vezes, ser possível falar bem da injustiça. Existem, é verdade, pessoas inteligentes que fizeram disso uma ciência, mas sua inteligência não pode durar para sempre; um fim miserável os espera; ninguém jamais escapou. (EUR., *Hécuba*, v. 1187-1194, tradução nossa).

Na tragédia *Helena* de Eurípedes, aparece também uma passagem que tem também um tom de provérbio, sabedoria popular. Essa passagem aparece dentro da fala do rei Menelau, que se encontra como náufrago no Egito. Dentro dessa situação, ele faz um discurso exaltando a força da necessidade.

ἀνὴρ γὰρ οὐδεὶς ὧδε **βάρβαρος** φρένας,
ὃς ὄνομ' ἀκούσας τοῦμόν οὐ δώσει βοράν.
κλεινὸν τὸ Τροίας πῦρ ἐγὼ θ' ὃς ἦνά νιν,
Μενέλαος, οὐκ ἄγνωστος ἐν πάσῃ χθονί.
δόμων ἄνακτα προσμενῶ: δισσὰς δέ μοι 505
ἔχει φυλάξεις: ἦν μὲν ὠμόφρων τις ἦ,
κρύψας ἐμαυτὸν εἴμι πρὸς ναύαγια:
ἦν δ' ἐνδιδῶ τι μαλθακόν, τὰ πρόσφορα
τῆς νῦν παρούσης συμφορᾶς αἰτήσομαι.
κακῶν μὲν ἡμῖν ἔσχατον τοῖς ἀθλίοις, 510
ἄλλους **τυράννους** αὐτὸν ὄντα **βασιλέα**
βίον προσαιτεῖν: ἀλλ' ἀναγκαίως ἔχει.
λόγος γὰρ ἐστὶν οὐκ ἐμός, σοφὸν δ' ἔπος,
δεινῆς **ἀνάγκης** οὐδὲν **ισχύειν** πλέον.

pois nenhum homem é tão **bárbaro** no coração a ponto de recusar-me o comer, depois de ouvir meu nome. O incêndio de Tróia é famoso e eu, Menelau, que o ateei, sou conhecido em todos os países. [505] Esperarei pelo dono da casa; duas precauções tomarei: se ele for uma pessoa cruel, vou me esconder e voltar para os destroços do meu naufrágio; mas se ele se mostrar um homem brando,

pedirei ajuda no meu estado atual. [510] Este é o pior mal para mim na minha miséria, mendigar **os meios de vida** a outros **reis**, quando **eu mesmo sou rei**; mas é necessário. O dito não é meu, mas é uma palavra sábia: “Nada é **mais forte** do que a terrível **necessidade**”. (EUR., *Helena*, v. 501-514, tradução nossa).

A necessidade (ἀνάγκη, *anánkēs*) seria então colocada como mais forte que a posição poder de rei. A sobrevivência e “os meios de vida” (βίον, *bíon*) nem sempre estão disponíveis para o rei. É interessante também a oposição entre βασιλέα (*basiléa*) e τυράννου (*tyránnous*) que podem ser traduzidas em português como “rei”, porém são diferentes para um grego antigo. O βασιλεύς representa melhor a sua identidade em oposição à alteridade do homem bárbaro (βάρβαρος, *bárbaros*) e dos outros reis τύραννοι. É interessante que em *IEsdras* se use βασιλεύς tanto para os reis de Judá quanto para os reis persas. Talvez a conotação negativa de τυράννου já houvesse se cristalizado.

Chama a atenção também a fórmula para introduzir um provérbio anônimo “λόγος γάρ ἐστίν οὐκ ἐμός, σοφὸν δ’ ἔπος”, *lógos gár estin ouk emós, sophòn d’ épos*, [O dito não é meu, mas é uma palavra sábia. (EUR., *Helena*, v. 513, tradução nossa)], já que há uma preocupação de ao se pronunciar uma máxima de sabedoria negar a si mesmo a autoria para aumentar a sua autoridade diante da audiência.

Na tragédia *Orestes* de Eurípedes, encontramos uma passagem que de certa forma também debate a força das palavras. Nesse caso específico, a força da imprudência, da ousadia e da temeridade ao falar são criticadas. Na peça, um mensageiro relata para Electra um julgamento do destino de Orestes e da própria Electra após terem cometido o matricídio. O mensageiro relata o discurso de um determinado orador invertendo a expressão ἰσχύος θράσος, *iskhyos thrasos*, que significa “confiante na sua força” e caracterizando o orador como ἰσχύων θράσει (*iskhýōn thrásei*), que significa “sendo forte na sua temeridade”, “sendo forte na ousadia excessiva”.

[...] καὶ τῷδ’ ἀνίσταται
 ἀνὴρ τις ἀθυρόγλωσσος, **ἰσχύων θράσει**,
 Ἄργεϊος οὐκ Ἄργεϊος, ἠναγκασμένος,
 θορύβῳ τε πίσυνοσ κάμαθεῖ παρρησία, 905
 πιθανὸς ἔτ’ αὐτοὺς περιβαλεῖν κακῶ τινι:
 ὅταν γὰρ ἡδύς τις λόγοις φρονῶν κακῶσ
 πείθη τὸ πλῆθος, τῇ πόλει κακὸν μέγα:
 ὅσοι δὲ σὺν νῶ χρηστὰ βουλευούουσ’ αἰεί,
 κᾶν μὴ παραυτίκ’, αὐθίς εἰσι χρήσιμοι 910

πόλει. θεᾶσθαι δ' ὄδε χρῆ τὸν προστάτην
 ἰδόνθ': ὅμοιον γὰρ τὸ χρῆμα γίγνεται
 τῷ τοὺς λόγους λέγοντι καὶ τιμωμένῳ.
 ὃς εἶπ' Ὀρέστην καὶ σὲ ἀποκτεῖναι πέτροις
 βάλλοντας: ὑπὸ δ' ἔτεινε Τυνδάρεως λόγους 915
 τῷ σφῶ κατακτείνοντι τοιοῦτους λέγειν.

Em seguida levantou-se um sujeito tagarela; aquele cuja **temeridade é sua força**; um argivo, mas não de Argos, imposto a nós; [905] confiante em fanfarronice e liberdade de expressão ignorante, e plausível o suficiente para envolvê-los em alguma desgraça mais cedo ou mais tarde; [pois sempre que um homem com um truque de linguagem agradável, mas de princípios doentios, persuade a turba, é um grave mal para a cidade; mas aqueles que dão conselhos sólidos e sensatos em todas as ocasiões, [910] se não imediatamente úteis para a cidade, provam isso depois. E esta é a maneira de considerar um líder; pois a posição é quase a mesma no caso de um orador e um magistrado.] Ele queria apedrejar você e Orestes até a morte, [915] mas era Tíndaro que sugeria falar tais argumentos sobre matar vocês dois. (EUR., *Orestes*, v. 902-916, tradução nossa).

A expressão “ὑπὸ δ' ἔτεινε ... λόγους”, *hypò d' éteine ... lógous*, “estendia por baixo palavras”, nos é interessante por indicar a origem dos argumentos ou das palavras num debate público de um julgamento de matricídio simulado. Tíndaro era o pai da vítima e seria o autor da sugestão de pena de morte por apedrejamento dos netos que era defendida pelo orador anônimo da tragédia.

4.5 Sófocles e *IEsdras*

Nas ocorrências da palavra *ισχύω*, encontramos esta passagem da tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, na qual Édipo discute com o adivinho Tirésias sobre a força de suas revelações. Tirésias confia na verdade da sua profecia, enquanto Édipo duvida das intenções por trás das palavras proferidas.

Οιδίπους
 οὕτως ἀναιδῶς ἐξεκίνησας τόδε
 355 τὸ ῥῆμα; καὶ ποῦ τοῦτο φεύξεσθαι δοκεῖς;
Τειρεσίας
 πέφενγα: τάληθές γὰρ **ισχύον** τρέφω.
Οιδίπους
 πρὸς τοῦ διδαχθεῖς; οὐ γὰρ ἔκ γε τῆς **τέχνης**.
Τειρεσίας
 πρὸς σοῦ: σὺ γάρ μ' ἄκοντα προυτρέψω λέγειν.
Οιδίπους
 ποῖον λόγον; λέγ' αὐθις, ὡς μᾶλλον μάθω.
Τειρεσίας

360 οὐχὶ ξυνήκας πρόσθεν; ἢ ἔκπειρᾷ λέγων;

Οἰδίπους

οὐχ ὥστε γ' εἰπεῖν γνωστόν: ἀλλ' αὐθις φράσον.

Τειρεσίας

φονέα σε φημι τάνδρὸς οὗ ζητεῖς κυρεῖν.

Οἰδίπους

ἀλλ' οὐ τι χαίρων δὶς γε πημονὰς ἐρεῖς.

Τειρεσίας

εἶπω τι δῆτα κάλλ', ἴν' ὀργίζη πλέον;

Οἰδίπους

365 ὄσον γε χρήσεις: ὡς μάτην εἰρήσεται.

Τειρεσίας

λεληθέναι σε φημι σὺν τοῖς φιλάτοις
αἰσχισθ' ὀμιλοῦντ', οὐδ' ὄρᾶν ἴν' εἶ κακοῦ.

Οἰδίπους

ἦ καὶ γεγηθὼς ταῦτ' ἀεὶ λέξειν δοκεῖς;

Τειρεσίας

εἴπερ τί γ' ἐστὶ τῆς ἀληθείας σθένος.

Οἰδίπους

370 ἀλλ' ἔστι, πλὴν σοί: σοὶ δὲ τοῦτ' οὐκ ἔστ' ἐπεὶ

τυφλὸς τά τ' ὄτα τὸν τε νοῦν τά τ' ὄμματ' εἶ.

Τειρεσίας

σὺ δ' ἄθλιός γε ταῦτ' ὀνειδίζων, ἂ σοὶ

οὐδεὶς ὅς οὐχὶ τῶνδ' ὀνειδιεῖ τάχα.

Οἰδίπους

μῖα τρέφει πρὸς νυκτός, ὥστε μήτ' ἐμὲ

375 μήτ' ἄλλον, ὅστις φῶς ὄρᾷ, βλάψαι ποτ' ἄν.

Τειρεσίας

οὐ γάρ σε μοῖρα πρὸς γ' ἐμοῦ πεσεῖν, ἐπεὶ

ἱκανὸς Ἀπόλλων, ὃ τάδ' ἐκπράξει μέλει.

Οἰδίπους

Κρέοντος ἢ σοῦ ταῦτα τάξευρήματα;

Τειρεσίας

Κρέων δέ σοι πῆμ' οὐδέν, ἀλλ' αὐτὸς σὺ σοί.

Édipo

Tão descarado com sua provocação ruidosa? Para onde você pensa em fugir?

Tirésias

Eu escapei. Pois cresço a força na verdade.

Édipo

Quem te ensinou isso? Pois não foi sua arte mesmo.

Tirésias

Você mesmo. Pois você me estimulou a falar contra minha vontade.

Édipo

O que você disse? Fale novamente, para que eu possa aprender melhor.

Tirésias

[360] Você não entendeu antes ou está falando para me testar?

Édipo

Não posso dizer que entendi totalmente. Diga-me de novo.

Tirésias

Eu digo que você é o assassino do homem cujo assassino você procura.

Édipo

Agora você vai se arrepender de ter dito essas palavras terríveis duas vezes.

Tirésias

[365] Devo dizer-lhe mais, para que possa ficar mais zangado?

Édipo

Diga o quanto quiser: será dito em vão.

Tirésias

Eu digo que você tem vivido em uma vergonha incalculável com seus parentes mais próximos e não vê em que desgraça você caiu.

Édipo

Você acha que sempre será capaz de falar assim sem se lamentar?

Tirésias

Sim, se realmente houver alguma **força na verdade**.

Édipo

[370] Mas existe, exceto para você. Você não tem essa força, já que está cego em seus ouvidos, em sua mente e em seus olhos.

Tirésias

E você é um pobre desgraçado a proferir insultos que todos os homens aqui irão em breve lançar contra você.

Édipo

A noite engrossa sobre você, para que nunca possa me machucar, [375] ou qualquer homem que vê a luz do sol.

Tirésias

Não, não é seu destino cair em minhas mãos, já que Apolo, a quem este assunto é uma preocupação, é suficiente.

Édipo

Esses dispositivos são de Creonte ou são seus?

Tirésias

Creonte não é problema para você, mas você mesmo.

(SÓF., *Édipo Rei*, vv. 354-379, tradução nossa)

Édipo, rei de Tebas, havia enviado seu cunhado, Creonte, para pedir conselho ao oráculo de Delfos, a respeito de uma praga que assolava Tebas. Creonte voltou relatando que a praga era resultado da poluição religiosa, já que o assassino de seu ex-rei, Laio, nunca fora preso. Édipo jurou encontrar o assassino e o amaldiçoou por causar a praga. Édipo convocou o profeta cego Tirésias em busca de ajuda. Quando Tirésias chegou, afirmou saber as respostas às perguntas de Édipo, mas se recusou a falar, dizendo-lhe para abandonar a busca. Édipo ficou furioso com a recusa de Tirésias e o acusou de cumplicidade no assassinato de Laio. Indignado, Tirésias disse ao rei que o próprio Édipo seria o assassino. Édipo não conseguiu ver como isso poderia ser e concluiu que o profeta devia ter sido pago por Creonte numa tentativa de tomar o poder.

Na passagem observada, os dois personagens discutem veementemente, enquanto Édipo zomba da falta de visão de Tirésias, e Tirésias retruca que o próprio Édipo é cego. Tirésias acusa o rei de ser não só o assassino procurado, mas também irmão e pai de seus próprios filhos, e filho e marido de sua própria mãe.

A verdade é apresentada como uma revelação de um profeta que tem a liberdade de responsabilizar o rei pelos problemas do povo. A força deste método de revelação não é questionada por Édipo, porém ele nega a origem da fala na arte (τέχνης, *tékhnēs*) da adivinhação, mas o profeta é questionado quanto a sua capacidade de revelação ou sua “força na verdade” (τάληθές ισχύων, *talēthēs iskhyon*; ἀληθείας σθένος, *alētheías sthénos*).

A revelação do destino é representada como um dom divino e os homens não podem escapar ao predeterminado pelos deuses. Essa é uma das mensagens mais fortes nessa tragédia de Sófocles. Em outra ocorrência da palavra ισχύω, presente na tragédia *Electra*, de Sófocles, encontramos um personagem fazendo um relato enganador, porém dentro deste discurso encontramos uma argumentação sobre a origem divina dos males que recaem sobre os homens mais fortes e capazes como o personagem Orestes é representado dentro deste discurso.

Παιδαγωγός

680 κάπεμπίμην πρὸς ταῦτα καὶ τὸ πᾶν φράσω.
 κεῖνος γὰρ ἔλθων εἰς τὸ κλεινὸν Ἑλλάδος
 πρόσχημ' ἀγῶνος Δελφικῶν ἄθλων χάριν,
 ὅτ' ἦσθετ' ἀνδρὸς ὀρθίων κηρυγμάτων
 δρόμον προκηρύξαντος, οὗ πρώτη κρίσις,
 685 εἰσηλθε λαμπρὸς, πᾶσι τοῖς ἐκεῖ σέβας:
 δρόμου δ' ἰώσας τάφεσει τὰ τέρματα
 νίκης ἔχων ἐξήλθε πάντιμον γέρας.
 χῶπως μὲν ἐν πολλοῖσι παῦρά σοι λέγω
 οὐκ οἶδα τοιοῦδ' ἀνδρὸς ἔργα καὶ κράτη:
 690 ἐν δ' ἴσθ' ὅσων γὰρ εἰσεκήρυξαν βραβῆς
 δρόμων διαύλων πένταθλ' ἃ νομίζεται,
 τούτων ἐνεγκὼν πάντα τὰ πινίκια
 ὠλβίζετ', Ἀργεῖος μὲν ἀνακαλούμενος,
 ὄνομα δ' Ὀρέστης, τοῦ τὸ κλεινὸν Ἑλλάδος
 695 Ἀγαμέμνονος στρατεύμ' ἀγείραντός ποτε.
 καὶ ταῦτα μὲν τοιαῦθ' ὅταν δέ τις **θεῶν**
βλάβη, δύναιτ' ἂν οὐδ' ἂν **ισχύων** φυγεῖν.
 κεῖνος γὰρ ἄλλης ἡμέρας, ὅθ' ἵπικῶν
 ἦν ἡλίου τέλλοντος ὠκύπους ἀγών,
 700 εἰσηλθε πολλῶν ἀρματηλατῶν μέτα.
 εἷς ἦν Ἀχαιός, εἷς ἀπὸ Σπάρτης, δύο
 Λίβυες ζυγωτῶν ἀρμάτων ἐπιστάται:
 κάκεῖνος ἐν τούτοισι, Θεσσαλὰς ἔχων
 ἵππους, ὁ πέμπτος: ἔκτος ἐξ Αἰτωλίας
 705 ξανθαῖσι πάλαισι: ἔβδομος Μάγνης ἀνὴρ:
 ὁ δ' ὄγδοος λεύκιππος, Αἰνιᾶν γένος:
 ἔνατος Ἀθηνῶν τῶν θεομήτων ἄπο:
 Βοιωτὸς ἄλλος, δέκατον ἐκπληρῶν ὄχον.
 στάντες δ' ἴν' αὐτοῦς οἱ τεταγμένοι βραβῆς

710 κλήροις ἔπηλαν καὶ κατέστησαν δίφρους,
 χαλκῆς ὑπαὶ σάλπιγγος ἦξαν: οἱ δ' ἅμα
 ἵπποις ὁμοκλήσαντες ἠνίας χεροῖν
 ἔσεισαν: ἐν δὲ πᾶς ἐμεστώθη δρόμος
 κτύπου κροτητῶν ἀρμάτων: κόνις δ' ἄνω
 715 φορεῖθ': ὁμοῦ δὲ πάντες ἀναμεμιγμένοι
 φεῖδοντο κέντρων οὐδέν, ὡς ὑπερβάλοι
 χνόας τις αὐτῶν καὶ φρυάγμαθ' ἵππικᾶ.
 ὁμοῦ γὰρ ἀμφὶ νῶτα καὶ τροχῶν βάσεις
 ἤφριζον, εἰσέβαλλον ἵππικαὶ πνοαί.
 720 κεῖνος δ' ὑπ' αὐτὴν ἐσχάτην στήλην ἔχων
 ἔχριμπτ' ἀεὶ σύριγγα, δεξιὸν δ' ἀνεῖς
 σειραῖον ἵππον εἶργε τὸν προσκειμένον.
 καὶ πρὶν μὲν ὀρθοὶ πάντες ἔστασαν δίφροι:
 ἔπειτα δ' Αἰνιᾶνος ἀνδρὸς ἄστομοι
 725 πῶλοι βία φέρουσιν: ἐκ δ' ὑποστροφῆς
 τελοῦντες ἔκτον ἐβδομόν τ' ἤδη δρόμον
 μέτωπα συμπαίουσι Βαρκαίοις ὄχοις:
 κάντεῦθεν ἄλλος ἄλλον ἐξ ἐνὸς κακοῦ
 ἔθρανε κἀνέπιπτε, πᾶν δ' ἐπίμπλατο
 730 ναυαγίων Κρισαῖον ἵππικῶν πέδον.

Pedagogo

[680] Fui enviado para esse fim e vou contar tudo. Tendo ido ao concurso que é a glória da Grécia a fim de competir pelos prêmios em Delfos e tendo ouvido a convocação do arauto para a corrida a pé, a primeira competição, [685] ele entrou, uma forma brilhante, uma maravilha aos olhos de todos lá. Quando ele terminou a corrida, ele saiu com a gloriosa honra da vitória. Para dizer o máximo com o mínimo de palavras, não conheço tal homem cujas ações e triunfos se igualaram aos dele. [690] Mas uma coisa deve saber: em todos os concursos anunciados (no duplo curso, no pentatlo, nas corridas, que eram julgados), ele levou o prêmio, e os homens o consideraram feliz com a mesma frequência que o arauto o proclamou argivo, de nome Orestes, filho de [695] Agamenon, que já comandou a famosa expedição da Grécia. Até agora Orestes se saíra como descrevi. Mas quando um **deus** envia dano, nem mesmo o **homem forte** pode escapar. Pois em outro dia, quando com o sol nascente foi realizada a corrida dos cavalos de patas velozes, [700] ele entrou junto com muitos cocheiros. Um era um aqueu, um de Esparta; dois mestres de carros articulados eram líbios; Orestes, conduzindo éguas tessálias, ficou em quinto lugar; o sexto era da Etólia, [705] com potros castanhos; um magnésio era o sétimo; o oitavo, com cavalos brancos, era de origem Eniana; o nono veio de Atenas, fundada pelos deuses; havia um beócio também, perfazendo a décima carruagem. Eles tomaram seus postos onde os árbitros nomeados [710] os colocaram por sorteio e distribuíram os carros. Então, ao som da trombeta de bronze, eles começaram. Todos gritaram para seus cavalos e sacudiram as rédeas nas mãos; todo o curso foi preenchido com o barulho de carros chacoalhando; e a poeira voou para cima. [715] Todos eles em uma multidão confusa continuaram a usar seus agulhões impiedosamente, para que um deles pudesse passar pelos eixos das rodas e pelos corcéis bufantes de seus rivais; pois tanto em suas costas quanto em suas rodas giratórias, o hálito dos cavalos espumava e dilacerava. [720] Orestes, dirigindo perto da borda do poste de viragem, quase roçou com sua roda a cada vez e, dando rédea ao cavalo de rastro da direita, ele verificou o cavalo no lado interno. Até este ponto, todas as bigas ainda estavam de pé. Mas então os potros de boca dura do Eniano [725] o deixaram fora de controle enquanto eles saíam da curva da sexta para a sétima volta e bateram contra os carros barquenses. Em seguida, como

resultado desse acidente, os carros continuaram se esmagando e colidindo uns com os outros, e todo o campo de corrida [730] de Crisa encheu-se com carruagens naufragadas. (SÓF., *Electra*, vv. 680-730, tradução nossa)

Assim como a divindade em *IESdras* é apresentada como representante da verdade, que coloca o poder do vinho, do rei e das mulheres em posição inferior, nessas tragédias, a verdade é exaltada como revelação da divindade. A figura do deus Apolo e dos deuses em geral são relacionadas a esta força da verdade que pode enviar danos sobre os homens, mesmo que eles sejam considerados nobres, atletas e heróis como Orestes e Édipo. Na tragédia de Édipo, há questão da cegueira que o homem pode ter em relação a verdade. A verdade pode ser fatal quando revelada, pois Édipo não suporta a verdade do seu erro. Esta verdade leva sua mãe Jocasta a suicidar-se e leva Édipo a cergar-se e a exilar-se. Enquanto Orestes usa de uma mentira sobre sua morte como um estratagema para despistar seus inimigos, incluindo também sua mãe Clitemnestra que será morta por ele posteriormente. A morte das mulheres é então uma constante nas tragédias de Sófocles diante de revelações.

4.6 Ésquilo e *IESdras*

Outra passagem encontrada em nossa pesquisa de ocorrências da palavra *ισχύει* que faz referência à questão da força e do poder é esta de Ésquilo. O coro anuncia que Prometeu *ισχύσειν* “será forte” no futuro, embora no presente se encontre acorrentado e dominado pelas personificações do Controle (*Κράτος*, *Krátos*) e da Violência (*Βία*, *Bía*), a mando de Zeus, o novo monarca dos deuses (ESQ., *Prometeu Acorrentado*, v. 507-525, tradução nossa):

Χορός

μή νυν βροτοὺς μὲν ὠφέλει καιροῦ πέρα,
σαυτοῦ δ' ἀκήδει δυστυχοῦντος. ὡς ἐγὼ
εὐελπίς εἰμι τῶνδέ σ' ἐκ δεσμῶν ἔτι
λυθέντα μηδὲν μείον **ισχύσειν** Διός. 510

Προμηθεύς

οὐ ταῦτα ταύτη **Μοῖρά** πω τελεσφόρος
κρᾶναι πέπρωται, μυρίαῖς δὲ πημοναῖς
δύαις τε καμφθεῖς ὄδε δεσμὰ φυγγάνω:
τέχνη δ' **ἀνάγκης ἀσθενεστέρα** μακρῶ.

Χορός

τίς οὖν **ἀνάγκης** ἐστὶν οἰακοστρόφος; 515

Προμηθεύς

Μοῖραι τρίμορφοι μνήμονές τ' Ἐρινύες

Χορός

τούτων ἄρα **Ζεὺς** ἐστὶν **ἀσθενέστερος**;

Προμηθεύς

οὐκ οὐκ ἂν ἐκφύγοι γὰρ τὴν **πεπρωμένην**.

Χορός

τί γὰρ πέπρωται **Ζηνὶ** πλὴν ἀεὶ **κρατεῖν**;

Προμηθεύς

τοῦτ' οὐκέτ' ἂν πύθοιο μηδὲ λιπάρει. 520

Χορός

ἦ πού τι σεμνόν ἐστὶν ὁ ξυναμπέχεις.

Προμηθεύς

ἄλλου λόγου μέμνησθε, τόνδε δ' οὐδαμῶς

καιρὸς γεγωνεῖν, ἀλλὰ συγκαλυπτέος

ὅσον μάλιστα: τόνδε γὰρ σφάζων ἐγὼ
δεσμοὺς ἀεικέϊς καὶ δῦαζ ἐκφυγγάνω 525

Coro

Não beneficie os mortais além da razão e desconsidere seu próprio sofrimento; no entanto, estou confiante de que você será libertado dessas correntes e **será forte** de modo algum inferior a Zeus.

Prometeu

Não é desta forma que a Moira, que traz tudo à realização, destinou completar este curso. Somente quando eu for dobrado por dores e torturas infinitas, poderei escapar de minha escravidão. A habilidade é muito **mais fraca** do que a **necessidade**.

Coro

Quem é então o timoneiro da **necessidade**? [515]

Prometeu

As Moiras de três formas e as Erínias atentas.

Coro

Será que **Zeus** é **mais fraco** do que elas?

Prometeu

Sim, nisso mesmo ele não pode escapar do que é **predito**.

Coro

Ora, o que está destinado a **Zeus**, exceto sempre **manter o controle**?

Prometeu

Isso ainda não debes aprender; não sejam ansiosas demais. [520]

Coro

É algum segredo solene, com certeza, que você envolve em mistério.

Prometeu

Pense em algum outro assunto, pois não é o momento adequado para falar sobre isso. Não importa o que aconteça, isso deve ser mantido oculto; pois é protegendo-o que devo escapar de meus laços desonrosos e ultraje.

Nesta passagem **ισχύσειν** (*iskhýsein*) está associado ao titã Prometeu, mas a força e o poder que lhe estão vinculados logo se ligam também com as Moiras, “os Destinos” (**Μοῖραι**, *Moîrai*) e as Erínias, que personificam a “vingança”, o “castigo” dos crimes de sangue como também a “loucura” do “remorso” por estes crimes. Também a necessidade (**ἀνάγκης**, *anánkēs*) e o predito (**πεπρωμένην**, *peprōménēn*) são fortes. Dessa forma,

Prometeu, embora seja anunciado que será mais forte que Zeus, tem consciência de um poder maior a que está subordinado. Ele precisa passar pela força do destino representado pelas Moiras e as Erínias e também sofrer os castigos pelo seu ato de desafiar a Zeus. Até o poder de Zeus está limitado por essas forças (ἀσθενέστερος, *asthenésteros*, é mais fraco), já que ele não pode escapar do que lhe é predito.

Já em outra passagem da tragédia *Eumênides* de Ésquilo, pela voz do personagem do deus Apolo, o tragediógrafo nos fala da força da justiça, dos juramentos dos juízes e dos oráculos, que agora são considerados como decisões de Zeus. Zeus é caracterizado como pai dos olímpicos (Ὀλυμπίων πατήρ, *Olymπίων patēr*). Nesta passagem, há um discurso patriarcal em que Zeus é mais forte (ισχύει, *iskhýei*) que o juramento (ὄρκος, *hórkos*) dos juízes.

Ἀπόλλων

λέξω πρὸς ὑμᾶς τόνδ' Ἀθηναίαις μέγαν
θεσμὸν δικαίως,—μάντις ὦν δ' οὐ ψεύσομαι. 615
οὐπόποτ' εἶπον μαντικοῖσιν ἐν θρόνοις,
οὐκ ἀνδρός, οὐ γυναικός, οὐ πόλεως πέρι,
ὃ μὴ κελεύσαι Ζεὺς Ὀλυμπίων πατήρ.
τὸ μὲν **δίκαιον** τοῦθ' ὅσον **σθένει** μαθεῖν,
βουλή πιφαύσκω δ' ὑμῖν ἐπισπέσθαι πατρός: 620
ὄρκος γὰρ οὔτι **Ζηνὸς ἰσχύει** πλέον.

Χορός

Ζεὺς, ὡς λέγεις σύ, τόνδε χρησμὸν ὥπασε,
φράζειν Ὀρέστη τῷδε, τὸν πατὸς φόνον
πράξαντα μητρὸς μηδαμοῦ τιμᾶς νέμειν;

Ἀπόλλων

οὐ γὰρ τι ταῦτὸν **ἄνδρα γενναῖον** θανεῖν 625
δισσόδοις σκήπτροισι τιμαλφούμενον,
καὶ ταῦτα πρὸς γυναικός, οὐ τι θουρίοις
τόξοις ἐκηβόλοισιν, ὥστ' Ἀμαζόνος,
ἀλλ' ὡς ἀκούσῃ, Παλλὰς οἷ τ' ἐφήμενοι
ψήφῳ διαιρεῖν τοῦδε πράγματος πέρι. 630
ἀπὸ στρατείας γὰρ νιν ἠμποληκότα
†τὰ πλεῖστ' ἄμεινον εὐφροσιν δεδεγμένη,
δροίτη περῶντι λουτρὰ κάπι τέρματι
φᾶρος περυσκῆνωσεν †, ἐν δ' ἀτέρμονι
κόπτει πεδήσασ' ἄνδρα δαιδάλω πέπλω. 635
ἀνδρὸς μὲν ὑμῖν οὗτος εἴρηται μόρος
τοῦ παντοσέμνου, τοῦ στρατηλάτου νεῶν.
ταύτην τοιαύτην εἶπον, ὡς δηχθῆ ἰερός,
ὅσπερ τέτακται τήνδε κυρῶσαι δίκην.

Apolo

Falarei com justiça diante de vocês, o grande tribunal de Atenas, visto que sou um vidente, não posso mentir. [615] Ainda nunca, no meu trono oracular, disse nada sobre um homem, uma mulher ou uma cidade que **Zeus, o pai dos olímpicos**, não me tivesse ordenado que dissesse. Aprendam o quanto **forte** é

este apelo de **justiça**; e eu digo a vocês para obedecerem a vontade de meu pai; [620] pois um **juramento** não é **mais forte** do que Zeus.

Coro

Zeus, como você diz, deu-lhe esta ordem oracular, dizer a Orestes aqui para vingar o assassinato de seu pai, mas não levar em conta a honra devida à mãe?

Apolo

Sim, pois não é a mesma coisa - o assassinato de **um homem nobre**, [625] homenageado por um cetro dado por Deus, e seu assassinato na verdade por uma mulher, não por flechas disparadas de longe, como se por uma amazona, mas como você ouvirá, Palas, e aqueles que estão sentados para decidir por votação neste assunto. [630] Ela o recebeu da expedição, na qual ele obteve em sua maior parte um sucesso além das expectativas, no julgamento daqueles que lhe eram favoráveis; então, quando ele estava saindo da banheira, na beira dela, ela jogou uma capa como uma tenda sobre ela, prendeu o marido com uma túnica bordada e cortou-o. [635] Esta foi a sua morte, como eu disse a vocês, a morte de um homem totalmente majestoso, comandante de frota. Quanto a essa mulher, eu a descrevi de maneira a aguçá-la a indignação das pessoas que foram designadas para decidir este caso (ESQ., *Eumênides*, v. 614-639, tradução nossa).

Diferente da passagem de *Prometeu Acorrentado*, nesta passagem a divindade masculina e patriarcal é avaliada como tendo o domínio, o poder, o controle, ou melhor, se considera que ela tenha mais força porque possui esses atributos. No *Prometeu Acorrentado*, Zeus, mesmo sendo o novo governante, não pode escapar do domínio da necessidade, do destino, da lei da causa e consequência. Enquanto que em *Eumênides*, os oráculos são decisões que partem de Zeus, sua decisão é uma lei.

A peça *Eumênides* fala do julgamento de Orestes, que cometeu matricídio, pois ele matou sua mãe Clitemnestra para vingar a morte do pai Agamêmnon. O personagem deus Apolo argumenta na sua fala que Clitemnestra merecia morrer por ter matado Agamêmnon de forma premeditada, dolosa, sem dar chance que ele se defendesse. O argumento exalta as qualidades do agrida como líder de frota, bem-sucedido na guerra. Sua nobreza, representada por um cetro dado por deus, deriva-se da nobreza de Zeus.

A indignação maior é que com tantos feitos heroicos, após vencer a guerra de Troia e voltar vitorioso para casa, Agamêmnon não pode ter uma morte gloriosa. Tendo em vista que ele caiu numa cilada de sua mulher, que não era guerreira, não tinha prestígio e o matou de forma tão voraz com uma túnica e um gládio, quando este tomava banho em sua banheira.

4.7 Os diálogos de Platão e *IEsdras*

As colocações lexicais da palavra *ισχύω* provocaram em nossa pesquisa uma busca por relações de intertextualidade. Depois da busca de ocorrências dessa palavra, encontramos passagens como esta do diálogo de Platão intitulado *Político* (Πολιτικός, Politikós), que é um diálogo socrático que descreve uma conversa entre Sócrates, o matemático Teodoro, outra pessoa chamada Sócrates (referido como “Sócrates, o Jovem”) e um filósofo não identificado de Elea referido como “o estrangeiro” (ξένος, *xénos*). É uma tentativa de chegar a uma definição de “político”, em oposição a “sofista” ou a “filósofo”, e é apresentado como seguindo a ação do diálogo intitulado *Sofista*. O *Sofista* havia começado com a questão de saber se o sofista, o político e o filósofo eram um ou três, levando o estrangeiro a argumentar que eram três, mas que isso só poderia ser verificado por meio de relatos completos de cada um (*Sofista* 217b). Na passagem o estrangeiro discute a força das leis (PLA., *Político*, 294a, tradução nossa):

[294a] γάρ σε διερωτήσῃ ταῦτα πότερον ἀποδέχη πάντα, ἢ τι καὶ δυσχεραίνεις τῶν λεχθέντων: νῦν δ' ἤδη φανερόν ὅτι τοῦτο βουλευσόμεθα τὸ περὶ τῆς τῶν ἄνευ νόμων ἀρχόντων ὀρθότητος διελεθεῖν ἡμᾶς.

Νεώτερος Σωκράτης

πῶς γὰρ οὐ;

Ξένος

τρόπον τινὰ μέντοι δῆλον ὅτι **τῆς βασιλικῆς** ἐστὶν ἡ **νομοθετικῆ**: τὸ δ' ἄριστον οὐ τοὺς **νόμους** ἐστὶν **ισχύειν** ἀλλ' **ἄνδρα** τὸν μετὰ **φρονήσεως βασιλικόν**. οἴσθ' ὅπη;

[294a] pois eu ia apenas perguntar se você aceitou tudo o que eu disse ou não gostou de alguma coisa. Mas agora está claro que vamos querer discutir a questão da correção de um governo sem leis.

Sócrates o jovem

Pois como não?!

Estrangeiro

Em certo sentido, entretanto, é claro que a **elaboração de leis** pertence à **ciência da realeza**; mas o melhor não é as leis **serem fortes**, mas o homem prudente e de natureza real. Você sabe por quê?

Nesta passagem acima, destacamos em negrito “*ισχύειν*”, “serem fortes”, pois percebemos um debate semelhante sobre a força do “homem prudente” (φρονήσεως, *phonēseōs*), que teria “natureza real” (βασιλικόν, *basilikón*), e sobre a força das leis (νόμους, *nómous*). A ocorrência da palavra no debate filosófico grego nos faz contrapor o discurso religioso judeu de *IEsdras* com o filosófico grego. Não bastaria ser rei, para este argumento, o rei precisaria ser prudente e conhecedor da “ciência da realeza” (τῆς

βασιλικῆς, *tēs basilikēs*), da qual pertenceria a técnica da “elaboração de leis” (νομοθετική, *nomothetikē*).

Outra passagem encontrada é esta do diálogo *Críton* (Κρίτων, *Kritōn*), que também é conhecido como “*Do dever*”. Ele é um diálogo entre Sócrates e seu amigo rico Críton, tendo como matéria a justiça (δική) e a injustiça (ἀδικία), e a resposta apropriada à injustiça. Sócrates acha que a injustiça não pode ser respondida com a injustiça e se recusa a oferta de Críton de financiar sua fuga da prisão.

[50β] τῷ ἔργῳ ᾧ ἐπιχειρεῖς διανοῆ τούς τε νόμους ἡμᾶς ἀπολέσαι καὶ σύμψασαν τὴν πόλιν τὸ σὸν μέρος; ἢ δοκεῖ σοι οἷόν τε ἔτι ἐκείνην τὴν πόλιν εἶναι καὶ μὴ ἀνατετράφθαι, ἐν ἣ ἂν αἱ γενόμεναι δίκαι μηδὲν ἰσχύωσιν ἀλλὰ ὑπὸ ἰδιωτῶν ἄκυροί τε γίνωνται καὶ διαφθείρωνται; τί ἐροῦμεν, ὦ Κρίτων, πρὸς ταῦτα καὶ ἄλλα τοιαῦτα; πολλὰ γὰρ ἂν τις ἔχοι, ἄλλως τε καὶ ῥήτωρ, εἰπεῖν ὑπὲρ τούτου τοῦ νόμου ἀπολλυμένου ὃς τὰς δίκας τὰς δικασθείσας προστάττει κυρίας εἶναι.

[50b] Que coisa medita, com a façanha que intenta, senão destruir-nos a nós, as leis e a toda a cidade, na medida das suas forças? Ou você acha que tal cidade pode ainda existir e não ser derrubada, em que **as decisões proferidas pelos tribunais não têm força**, mas são invalidadas e anuladas por particulares? O que devemos dizer, Críton, em resposta a esta pergunta e outras do mesmo tipo? Pois se poderia dizer muitas coisas, especialmente se fosse um orador, sobre a destruição daquela lei que estabelece que as decisões tomadas pelos tribunais serão válidas. (Plat. Crit. 50b, tradução nossa).

Na passagem, Sócrates argumenta contra a proposta de fuga de Críton. O argumento segue o raciocínio segundo o qual se Sócrates fugisse da prisão e de sua execução, contribuiria para a destruição da cidade e das leis. Já que ele havia sido condenado à morte, esta decisão tinha sido resolvida pelo tribunal e ele já havia preferido a morte a outras opções como o exílio. Ele devia aceitar a morte e cumprir a pena estabelecida para não invalidar as leis e agir de modo injusto.

4.8 O *Avesta* e *IEsdras*

Nosso trabalho buscou também relações com um outro texto sagrado: o livro *Avesta*, sagrado para os zoroastristas. O zoroastrismo é uma religião fundada nos tempos antigos pelo profeta Zaratustra, conhecido pelos gregos como Zoroastro. Sua data é incerta, mas provavelmente é algo em torno de 1200 a.C. Ele viveu e pregou nas estepes

da Ásia Interior. Zaratustra recebeu suas revelações diretamente de *Ahura Mazda* e de seus seis arcanjos (*Amesha Spentas*). O zoroastrismo era a religião mundial dominante durante o império persa (559 a.C. a 651 d.C.). Teve uma grande influência em outras religiões. Ainda é praticado em todo o mundo, especialmente no Irã e na Índia.

Para Mary Boyce (1979, p. 17), o profeta Zaratustra, filho de Pourushaspa, da família Spitaman, é conhecido por nós principalmente pelos *Gathas*, dezessete grandes hinos que ele compôs e que foram preservados por sua comunidade. Estes não são trabalhos de instrução, mas apaixonadas declarações dirigidas diretamente a Deus; e sua forma poética muito antiga foi rastreada (por meio de paralelos nórdicos) aos tempos indo-europeus. Parece ter sido ligada a uma tradição mântica, isto é, ter sido cultivada por videntes sacerdotais que procuravam expressar em sua apreensão pessoal do divino, e é marcado por sutilezas de alusão e grande riqueza e complexidade de estilo. Seus ensinamentos foram transmitidos oralmente. Finalmente foram registradas por escrito sob os sassânidas, governantes do terceiro império iraniano. A língua então falada era o persa médio, também chamado Pálavi; e os livros em Pálavi fornecem chaves para interpretar as obscuridades dos próprios *Gathas*.

Alguns dos principais princípios do Zoroastrismo incluem o ser supremo que é chamado *Ahura Mazda*, que significa “Senhor da Sabedoria”. *Ahura Mazda* é totalmente bom e criou o mundo e todas as coisas boas, incluindo as pessoas. Ele se opõe a *Anghra Mainyu*, que significa “Espírito Destrutivo”, a personificação do mal e criador de todas as coisas más. A batalha cósmica entre o bem e o mal acabaria por levar à destruição de todo o mal. O fogo, como símbolo de *Asha* (a verdade, a retidão, a ordem mundial, a lei eterna, a aptidão) e da luz original de Deus, ocupa um lugar especial de estima na religião. A oração é frequentemente feita em frente ao fogo, e fogos consagrados são mantidos acesos perpetuamente nos templos principais.

A escritura central é o *Avesta*. As seções mais sagradas do *Avesta* são os *Gathas* ou Hinos de Zaratustra; eles também são os mais enigmáticos. A literatura sagrada posterior inclui os *Textos em Pálavi*, que contêm citações e paráfrases extensas de textos avésticos perdidos. O credo está resumido no *Yasna* 12. É provável que tenha sido composto pelo próprio Zaratustra e tenha sido usado como uma confissão de fé pelos

primeiros convertidos. O Avesta tem cerca de mil páginas. Algumas partes, incluindo os Gathas, estão em um dialeto antigo chamado Avéstico antigo ou Avéstico gático. O avesta possui algumas divisões. Yasna é a liturgia sagrada e Gathas são os hinos de Zaratustra. Khorda Avesta é o livro de oração comum, incluindo Yashts (hinos aos seres sagrados), Niyayeshes (ladainhas ao Sol, a Mitra, à Água, ao Fogo e à Lua), Gahs (orações para os cinco períodos do dia), Afrinagans (cerimônias de bênção), e outras orações. Visperad são extensões à liturgia. Vendidad são principalmente leis de pureza, mitos e alguns textos médicos. Há ainda os Fragmentos. O cânone original do Avesta compreendia vinte e dois livros (litúrgicos, históricos, médicos e jurídicos). Sua existência no século IX d.C. está bem documentada. Desde então, muitos dos textos não litúrgicos foram perdidos.

Abaixo podemos citar uma transliteração do credo zoroástrico do *Yasna* 12 baseada na edição de Karl F. Geldner (1896) e uma tradução baseada naquelas de Joseph H. Peterson (1997) e Maneck Furdooji Kanga (1993, p.329) para o inglês e na de Arnaldo Alberti (2013, p.124) para o italiano:

1. nâismî daêvô, fravarânê mazdayasnô zarathushtrish vîdaêvô ahura-tkaêshô staotâ ameshanâm speñtanâm ýashtâ ameshanâm speñtanâm, ahurâi mazdâi vanghavê vohumaitê vîspâ vohû cinahmî ashâunê raêvaitê hvarenanguhaitê ýâ-zî cîcâ vahishtâ ýenghê gâush ýenghê ashem ýenghê raocâ ýenghê raocêbîsh rôithwen hvâthrá.
2. speñtâm ârmaitîm vanguhîm verenê, hâ-môi astû, us gêush stuyê tâyâatcâ hazanghatcâ, us mazdayasnanâm vîsâm zyânayaêcâ vîvâpatcâ.
3. ferâ manyaêibyô rânghê vasê- ýaitîm vasê-sheitîm ýaish upairî âya-zemâ gaobîsh shyeñtî, nemanghâ ashâi uzdatâ paitî avat stuyê, nôit ahmât âzyânîm nôit vîvâpem xshtâ mâzdayasnîsh aoi vîsô nôit astô nôit ushtânâhê cinmânî.
4. vî daêvâish akhâish avanghûsh anaretâish akô-dâbîsh sarem mruyê hâtâm draojishtâish hâtâm paoshishtâish hâtâm avanghutemâish vî daêvâish vî daêvavatbîsh vî ýâtush vî ýâtumatbîsh vî kahyâcît hâtâm âtarâish vî manêbîsh vî vacêbîsh vî shyaothanâish vî cithrâish, vî zî anâ sarem mruyê ýathanâ dregvâtâ râxshayañtâ.
5. athâ athâ côit ahurô mazdâ zarathushtrêm adhaxshayaêtâ vîspaêshû ferashnaêshû vîspaêshû hañjamanaêshû ýaish aperesaêtem mazdâscâ zarathushtrascâ,
6. athâ athâ côit zarathushtrô daêvâish sarem vyâmrvîtâ vîspaêshû ferashnaêshû vîspaêshû hañjamanaêshû ýaish aperesaêtem mazdâscâ zarathushtrascâ, athâ azêmcît ýô mazdayasnô zarathushtrish daêvâish sarem vîmruyê ýathâ anâish vyâmrvîtâ ýê ashavâ zarathushtrô.
7. ýâ-varaná âpô ýâ- varaná urvarâ ýâ-varaná gâush hudâ ýâvaranô ahurô mazdâ ýê gâm dadâ ýê narem ashavanem ýâvaranô as zarathushtrô ýâvaranô kavâ vîshtâspô ýâvaranâ ferashaoshtrâ jâmâspâ ýâvaranô kascît saoshyañtâm haithyâvarezâm ashâunâm tâ varenâcâ tkaêshâcâ (râspî,) mazdayasnô ahmî!
8. mazdayasnô zarathushtrish fravarânê âstûtascâ fravaretascâ, âstuyê humatem manô âstuyê hûxtem vacô âstuyê hvarshstem shyaothanem.

9. âstuyê daênâm mâzdayasnîm fraspâyaoxedhrâm nidhâsnaitishem hvaêtvadathâm ashaonîm ýâ hâitinâmcâ bûshyeiñtinâmcâ mazishtâcâ vahishtâcâ sraêstâcâ ýâ âhûirish zarathushtrish, ahurâi mazdâi vîspâ vohû cinahmî. aêshâ astî daênayâ mâzdayasnôish âstûtish!!

1. Eu amaldiçoo os daevas. Eu me declaro um adorador de Mazda, um apoiador de Zaratustra, hostil aos daevas, apreciador dos ensinamentos de Ahura, um elogiador dos Amesha Spentas, um adorador dos Amesha Spentas. Eu atribuo tudo de bom a Ahura Mazda, “e tudo de melhor”, dotado de Asha, esplêndido, dotado de xwarena, de quem é a vaca, de quem é Asha, de quem é a luz, “cujas áreas bem-aventuradas sejam preenchidas com luz”.

2. Eu escolho a boa Spenta Armaiti para mim; que ela seja minha. Eu renuncio ao furto e ao roubo da vaca, e ao dano e à pilhagem dos assentamentos mazdayasnianos.

3. Eu quero liberdade de movimento e liberdade de moradia para aqueles que possuem propriedades, para aqueles que moram nesta terra com seu gado. Com reverência pela Asha e (ofertas) oferecidas, eu juro o seguinte: Nunca mais danificarei ou saquearei os assentamentos mazdayasnianos, mesmo se eu tiver que arriscar minha vida.

4. Eu rejeito a autoridade dos daevas, os perversos, não bons, sem lei, mal-conhecedores, os mais semelhantes à Druj dos seres, os mais repulsivos dos seres, os mais prejudiciais dos seres. Eu rejeito os daevas e seus camaradas, eu rejeito os demônios (yatu) e seus camaradas; eu rejeito qualquer um que faça mal aos seres. Eu os rejeito com meus pensamentos, palavras e ações. Eu os rejeito publicamente. Assim como rejeito o chefe (autoridades), também rejeito os seguidores hostis da Druj.

5. Como Ahura Mazda ensinou Zaratustra em todas as discussões, em todas as reuniões, nas quais Mazda e Zaratustra conversaram;

6. como Ahura Mazda ensinou Zaratustra em todas as discussões, em todas as reuniões, nas quais Mazda e Zaratustra conversaram - assim como Zaratustra rejeitou a autoridade dos daevas, então eu também rejeito, como adorador de Mazda e apoiador de Zaratustra, a autoridade dos daevas, assim como ele, o Zaratustra dotado de Asha, os rejeitou.

7. Como a crença das águas, a crença das plantas, a crença da Vaca (Original) bem feita; como a crença de Ahura Mazda, que criou a vaca e o Homem dotado de Asha; como a crença de Zaratustra, a crença de Kavi Vishtaspa, a crença de Frashaostra e Jamaspa; como a crença de cada um dos Saoshyants (salvadores) - cumprindo o destino e dotados de Asha - portanto, sou um adorador de Mazda dessa crença e ensinamento.

8. Eu me declaro um adorador de Mazda, um zoroastriano, tendo jurado e professado isso. Eu me comprometo com o pensamento bem pensado, eu me comprometo com a palavra bem falada, eu me comprometo com a ação bem feita.

9. Eu me comprometo com a religião mazdayasniana, que faz com que o ataque seja adiado e as armas baixadas; [que sustenta khvaetvadatha], dotado de Asha; qual, de todas as religiões que existem ou que existirão, é a maior, a melhor e a mais bela: Aúrico, Zoroastriano. Eu atribuo tudo de bom a Ahura Mazda. Este é o credo da religião Mazdayasniana.

Nessa passagem do *Avesta* percebemos como os conceitos de *Asha* e *Druj* se opõem de maneira semelhante ao conceito de Verdade e Mentira, porém mais amplos semelhantes aos conceitos de ἀλήθεια, *alētheia*, e ἀδικία, *adikíai*, em *1Esdras*:

καὶ ἡ ἀλήθεια μεγάλη καὶ ἰσχυροτέρα παρὰ πάντα. Ὁ πᾶσα ἡ γῆ τὴν ἀλήθειαν καλεῖ, καὶ ὁ οὐρανὸς αὐτὴν εὐλογεῖ, καὶ πάντα τὰ ἔργα σεῖεται καὶ τρέμει, καὶ οὐκ ἔστιν μετ' αὐτοῦ ἄδικον οὐθέν. 37 ἄδικος ὁ οἶνος, ἄδικος ὁ βασιλεὺς, ἄδικοι αἱ γυναῖκες, ἄδικοι πάντες οἱ υἱοὶ τῶν ἀνθρώπων, καὶ ἄδικα πάντα τὰ ἔργα αὐτῶν, πάντα τὰ τοιαῦτα· καὶ οὐκ ἔστιν ἐν αὐτοῖς ἀλήθεια, καὶ ἐν τῇ ἀδικίᾳ αὐτῶν ἀπολοῦνται.

E a **verdade** também é grande e mais forte do que todas as coisas. 36 Toda a terra invoca a **verdade**, e o céu a abençoa, e toda sua obra estremece e treme, e não há com ela nada **injusto**. 37 **Injusto** é o vinho; **injusto** é o rei; **injustas** são as mulheres; todos os filhos dos homens são **injustos**, e todas suas obras são **injustas** - todas essas coisas; e não há **verdade** nelas, e na **injustiça** delas perecerão. (1Esdras 4, 35-37)

A Injustiça (ἀδικία, *adikíai*) é colocada como sinônimo de mentira, maldade, inconsciência, desordem e caos. Semelhantemente aos “daevas, os perversos, não bons, sem lei, mal-conhecedores, os mais semelhantes à Druj dos seres, os mais repulsivos dos seres, os mais prejudiciais dos seres” que são caracterizados como se opondo à Asha, que representa a verdade, a retidão, a ordem mundial, a lei eterna e a aptidão.

Nossa leitura deste livro buscou perceber como o divino é descrito nestes textos, focamos principalmente no uso do superlativo e das figuras relacionadas ao céu e às grandes alturas. Comparamos este trecho do *Yasna* 1,1 em nossa versão:

nivaêdhayemi hañkârayemi dathushô ahurahe mazdâ raêvatô
hvarenanguhatô mazishtaheca vahishtaheca sraêshtaheca xraozhdishtaheca
xraithwishtaheca hukereptemaheca ashât apanôtemaheca hudhâmanô vouru-
rafnanghô
ýô nô dadha ýô tatasha
ýô tuthrüyê ýô mainyush speñtôtêmô.

Anuncio (e) celebro [este Yasna] em louvor do Criador Ahura Mazda, o resplandecente e glorioso, o maior e o melhor, o mais belo, o mais forte e o mais sábio, aquele que tem as formas mais perfeitas, o mais firme, o mais sábio, aquele que se dispõe da maneira mais infalível graças à Asha, e em louvor daquele que organiza nossos pensamentos para a justiça, daquele que envia sua graça, doador de alegria, daquele que nos criou e forjou, nutriu e protegeu, que é o Espírito mais benéfico, que possui da melhor maneira Spenta Mainiyu, o espírito benéfico.

Percebemos como o Deus hebreu é descrito como “o Altíssimo” no texto grego de *IEsdras* de modo diferente do texto de *Esdras* (ARA) que o descreve como “dos céus”, assim vemos como essas expressões podem servir de alusão para o texto sagrado persa:

Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor Deus **dos céus** me deu todos os reinos da terra, e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá. (BÍBLIA, Esdras 1, 2)

É isso que Ciro, rei dos persas, diz: O Senhor de Israel, o **Altíssimo**, nomeou-me rei do mundo, e ele me indicou que eu deveria construir para ele uma casa em Jerusalém, na Judéia. (1Esdras 2:2, tradução nossa)

O uso de superlativos para caracterizar o divino e da imagem de um Deus celeste poderoso podem servir para identificar o Senhor Deus judaico-cristão com o *Ahura Mazda* persa. O uso do superlativo altíssimo cria uma metáfora entre a altura e a proximidade da divindade. A imagem do céu e do sol como portadores da luz concretizam também os conceitos de verdade e ordem ou mesmo justiça. Assim como *Asha* personifica a verdade, a ordem e a justiça também em *IEsdras* faz referência ao Deus da verdade concretizado pelas figuras do céu e do sol:

μεγάλη ἡ γῆ, καὶ ὑψηλὸς ὁ οὐρανός, καὶ ταχὺς τῷ δρόμῳ ὁ ἥλιος, ὅτι στρέφεται ἐν τῷ κύκλῳ τοῦ οὐρανοῦ καὶ πάλιν ἀποτρέχει εἰς τὸν ἑαυτοῦ τόπον ἐν μιᾷ ἡμέρᾳ. 35 οὐχὶ μέγας ὡς ταῦτα ποιεῖ; καὶ ἡ ἀλήθεια μεγάλη καὶ ἰσχυροτέρα παρὰ πάντα.

Grande é a terra, e alto o céu, e veloz no seu curso o sol, pois gira no círculo do céu e retorna novamente ao seu próprio lugar em um dia. 35 Não é **grande** quem faz estas coisas? E a **verdade** também é **grande** e **mais forte** do que todas as coisas.

40 καὶ αὐτῇ ἡ ἰσχὺς καὶ τὸ βασίλειον καὶ ἡ ἐξουσία καὶ ἡ μεγαλειότης τῶν πάντων αἰώνων. εὐλογητὸς ὁ θεὸς τῆς ἀληθείας. 41 καὶ ἐσιώπησεν τοῦ λαλεῖν· καὶ πᾶς ὁ λαὸς τότε ἐφώνησεν, καὶ τότε εἶπον **Μεγάλη ἡ ἀλήθεια** καὶ **ὑπερισχύει**.

40 E a ela pertence a **força** e o **reinado** e a **autoridade** e a **majestade** de todas as idades. Bendito seja o Deus da **verdade!** 41 E ele parou de falar, e todo o povo então gritou e disse então: “**Grande** é a **verdade** e é **superior!**” (1Esdras 4, 34-35; 40-41, tradução nossa)

Portanto, a figura de um deus da verdade é uma figura ecumênica e uma forma de sincretismo religioso. Este argumento relaciona a ordem cósmica com a ordem social. Embora a figura de uma divindade feminina como a verdade ou como a sabedoria às vezes

apareçam como um dos aspectos da figura do divino tanto na cultura pérsica como na cultura judaica. Ambas as culturas acabam elegendo figuras masculinas como representações maiores. Em *IEsdras* toda essa configuração mítica apoia a justificação da perda de direito das mulheres. O poder das mulheres é considerado uma forma de injustiça. O patriarcado acaba sendo superlativizado.

4.9 O Novo Testamento cristão e *IEsdras*

Quando relacionamos as colocações lexicais de *IEsdras* com passagens do *Novo Testamento*, encontramos 28 ocorrências do verbo ισχύω (*ischýō*) que são reconhecidas pelo número 2480 na *Concordância Fiel do Novo Testamento* (1994, p. 406):

Mt 5:13 Para nada mais **presta** senão para, lançado
 8:28 ninguém **podia** passar por aquele caminho.
 9:12 Os **sãos** não precisam de médico, e, sim, os
 26:40 Então, nem uma hora **pudestes** vós vigiar
 Mc 2:17 Os **sãos** não precisam de médico, e, sim, os
 5: 4 despedaçados. E ninguém **podia** subjugar-lo.
 9:18 que o expelissem, e eles não **puderam**.
 14:37 tu dormes? Não **pudeste** vigiar nem uma hora?
 Lc 6:48 a **pôde** abalar, por ter sido bem construída.
 8:43 e a quem ninguém tinha **podido** curar [e que
 13:24 que muitos procurarão entrar e não **poderão**.
 14: 6 A isto nada **puderam** responder.
 29 lançado os alicerces e não a **podendo** acabar,
 30 começou a construir e não **pôde** acabar.
 16: 3 Trabalhar na terra, não **posso**; também de
 20:26 Não **puderam** apanhá-lo em palavra alguma
 Jo 21: 6 e já não **podiam** puxar a rede, tão grande era
 At 6:10 e não **podiam** sobrepor-se à sabedoria e ao
 15:10 jugo que nem nossos pais **puderam** suportar,
 19:16 e, de tal modo **prevaleceu** contra eles, que,
 20 a palavra do Senhor crescia e **prevalecia**
 25: 7 ele, as quais, entretanto, não **podiam** provar.
 27:16 Cauda, a custo **conseguimos** recolher o bote,
 Gl 5: 6 incircuncisão, **tem valor** algum, mas a fé que
 Fp 4:13 tudo **posso** naquele que me fortalece.
 Hb 9:17 visto que de maneira nenhuma **tem força de**
 Tg 5:16 Muito **pode**, por sua eficácia, a súplica do
 Ap 12: 8 não **prevaleceram**; nem mais se achou no céu

A lista não serve para interpretar as passagens de forma completa porque não apresenta nenhuma frase completa. Ela apresenta um contexto imediato que varia mais ou menos entre 7 e 10 palavras. Em outras versões essa lista da concordância apresenta

apenas a referência do capítulo e do versículo. No entanto, esse contexto imediato de poucas palavras é suficiente para um leitor que leia constantemente o *Novo Testamento* lembrar uma passagem que ele tenha na memória.

Fazer a leitura desse tipo de concordância é um exercício interessante para um tradutor, porque possibilita que ele perceba estratégias de tradução que ora buscam uma relação palavra por palavra e outras buscam perífrases e paráfrases variadas. Essas estratégias são utilizadas mesmo numa tradução como a ARA, que busca uma equivalência formal maior.

Analisando algumas dessas passagens, podemos perceber como o *Novo Testamento* debate o tema do poder e que relações ele estabelece através das colocações lexicais com ἰσχύω (*ischýō*). As expressões de poder às vezes se ligam a força física (Mc 5,4; Jo 21,6; At 27,16), mas em outras se referem a força da sabedoria (At 6,10; At 19,16) ou a força da nova mensagem (At 19,20; Hb 9,17) espalhada por Cristo e pelos cristãos. O movimento cristão manifesta sua força pela transmissão da sabedoria dos ensinamentos de Jesus e Paulo, que por vezes relativizam os costumes judeus reforçados pela lei mosaica, entre eles a circuncisão (Gl 5,6) e o divórcio.

A força da fé também acaba sendo exaltada acima dos costumes e da lei. A busca pela identidade judaica através da oposição entre judeus e gentios é relativizada também. O evangelho busca alcançar os doentes e os pobres (Mt 9,12; Mc 2,17), ou em outras palavras, os que não podem, os que não têm força.

A primeira referência da lista do índice da concordância é uma referência ao evangelho de *Mateus* capítulo 5, versículo 13. Este capítulo é muito rico, pois contém diversos ensinamentos como as bem-aventuranças que fazem parte do sermão da montanha. Nele se propõe a reinterpretação dos livros do *Antigo Testamento* como representações de uma antiga aliança entre Deus e os homens que seria substituída por uma nova aliança centrada na pessoa de Jesus. A seguir podemos analisar passagens maiores desse capítulo e outra relacionada a ele para poder alcançar uma compreensão mais abrangente e poder contrapor o *Novo Testamento* com o livro de *IEsdras*.

13 Ὑμεῖς ἐστε τὸ ἅλας τῆς γῆς· ἐὰν δὲ τὸ ἅλας μωρανθῇ, ἐν τίνι ἀλισθήσεται; εἰς οὐδὲν ἰσχύει ἔτι εἰ μὴ βληθὲν ἔξω καταπατεῖσθαι ὑπὸ τῶν ἀνθρώπων.

14 Ὑμεῖς ἐστε τὸ φῶς τοῦ κόσμου. οὐ δύναται πόλις κρυβῆναι ἐπάνω ὄρους κειμένη 15 οὐδὲ καίουσιν λύχνον καὶ τιθέασιν αὐτὸν ὑπὸ τὸν μόδιον ἀλλ' ἐπὶ τὴν λυχνίαν, καὶ λάμπει πᾶσιν τοῖς ἐν τῇ οἰκίᾳ. 16 οὕτως λαμψάτω τὸ φῶς ὑμῶν ἔμπροσθεν τῶν ἀνθρώπων, ὅπως ἴδωσιν ὑμῶν τὰ καλὰ ἔργα καὶ δοξάσωσιν τὸν πατέρα ὑμῶν τὸν ἐν τοῖς οὐρανοῖς.

Vós sois **o sal da terra**; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais **presta** senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus. (BÍBLIA, Mateus 5,13-16)

O “sal da terra” presta, tem força, é potente para realizar algo. O sabor do sal seria a sua força e seu poder, assim como os cristãos buscam através da sua fé e de suas obras propagar uma mensagem a respeito da divindade, representada por um pai celestial. Esta mensagem parece uma mensagem universal direcionada a todo o mundo pelas expressões “sal da terra” e “luz do mundo”.

17 Μὴ νομίσητε ὅτι ἦλθον καταλῦσαι τὸν νόμον ἢ τοὺς προφῆτας· οὐκ ἦλθον καταλῦσαι ἀλλὰ πληρῶσαι. 18 ἀμὴν γὰρ λέγω ὑμῖν· ἕως ἂν παρέλθῃ ὁ οὐρανὸς καὶ ἡ γῆ, ἰῶτα ἐν ἡ μία κεραία οὐ μὴ παρέλθῃ ἀπὸ τοῦ νόμου, ἕως ἂν πάντα γένηται. 19 ὃς ἐὰν οὖν λύσῃ μίαν τῶν ἐντολῶν τούτων τῶν ἐλαχίστων καὶ διδάξῃ οὕτως τοὺς ἀνθρώπους, ἐλάχιστος κληθήσεται ἐν τῇ βασιλείᾳ τῶν οὐρανῶν· ὃς δ' ἂν ποιήσῃ καὶ διδάξῃ, οὗτος μέγας κληθήσεται ἐν τῇ βασιλείᾳ τῶν οὐρανῶν. 20 λέγω γὰρ ὑμῖν ὅτι ἐὰν μὴ περισσεύσῃ ὑμῶν ἡ δικαιοσύνη πλεῖον τῶν γραμματέων καὶ Φαρισαίων, οὐ μὴ εἰσέλθητε εἰς τὴν βασιλείαν τῶν οὐρανῶν.

Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para **cumprir**. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado **mínimo** no **reino dos céus**; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado **grande** no **reino dos céus**. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no **reino dos céus**. (BÍBLIA, Mateus 5,17-20)

Em seguida, há um esforço de ligar a mensagem nova a mensagens da tradição. A “Lei e os Profetas” seriam “cumpridos” ou complementados (πληρῶσαι, plērōsai) por esta nova mensagem. Há uma preocupação de reinterpretar, mas ao mesmo tempo, reescrever com cada i e cada sinal as mesmas mensagens, agora dando a interpretação cristã, na qual Jesus cumpre os mandamentos da lei mosaica e realiza as predições das

profecias. No entanto, a passagem parece se aplicar a todos os homens, para que todos sigam a mesma lei. O debate sobre a justiça dos escribas e fariseus faz parecer que estes não cumpriam esta lei da qual eram os porta-vozes. Há comparações entre o “mínimo” e o “grande” no “reino dos céus”. Esta metáfora entre a altura e a proximidade com a divindade assemelhasse aos termos superlativos do *Avesta*.

O Novo Testamento pode ser encarado em conjunto como uma forma de reescritura das obras do *Antigo Testamento*. Ao citar as leis e os profetas, os livros do *Novo Testamento* se colocam como uma continuação e como uma nova interpretação para os textos mais antigos que possuem uma autoridade já consolidada. Invertendo um pouco o raciocínio, toda tradução estabelece um novo testamento, uma nova aliança, um novo conjunto de crenças que serve para interpretar os textos mais antigos. A nossa leitura e tradução dos livros do *Novo Testamento* em relação ao livro de *IEsdras* nos provoca um questionamento da legitimidade dos divórcios.

Destacamos dentro do discurso sobre essa nova mensagem, dentro do mesmo capítulo do livro de *Mateus*, um argumento lançado sobre essa nova interpretação do divórcio:

31 Ἐρρέθη δέ, Ὃς ἂν ἀπολύσῃ τὴν γυναῖκα αὐτοῦ, δότω αὐτῇ ἀποστάσιον. 32 ἐγὼ δὲ λέγω ὑμῖν ὅτι πᾶς ὁ ἀπολύων τὴν γυναῖκα αὐτοῦ παρεκτὸς λόγου **πορνείας** ποιεῖ αὐτὴν μοιχευθῆναι, καὶ ὡς ἐὰν ἀπολελυμένην γαμήσῃ, μοιχᾶται.

Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de **relações sexuais ilícitas**, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério. (BÍBLIA, Mateus 5,31-32)

Mais na frente no capítulo 19 de *Mateus*, o divórcio é novamente condenado de modo geral, embora fizesse parte da lei de Moisés. Destacamos a passagem acima e a seguinte que contrastam com o livro de *IEsdras* no argumento a favor do divórcio, que na prática desta cultura desamparava as mulheres e deixava os homens livres de obrigações.

3 Καὶ προσῆλθον αὐτῷ Φαρισαῖοι πειράζοντες αὐτὸν καὶ λέγοντες, Εἰ ἕξεστιν ἀνθρώπῳ ἀπολῦσαι τὴν γυναῖκα αὐτοῦ κατὰ πᾶσαν αἰτίαν; 4 ὁ δὲ ἀποκριθεὶς εἶπεν, Οὐκ ἀνέγνωτε ὅτι ὁ κτίσας ἀπ’ ἀρχῆς ἄρσεν καὶ θῆλυ ἐποίησεν αὐτούς; 5 καὶ εἶπεν, Ἔνεκα τούτου καταλείπει ἄνθρωπος τὸν πατέρα καὶ τὴν μητέρα

καὶ κολληθήσεται τῇ γυναικὶ αὐτοῦ, καὶ ἔσονται οἱ δύο εἰς σάρκα μίαν. ὥστε οὐκέτι εἰσὶν δύο ἀλλὰ σὰρξ μία. ὁ οὖν ὁ θεὸς συνέζευξεν ἄνθρωπος μὴ χωριζέτω. 7λέγουσιν αὐτῷ, Τί οὖν Μωϋσῆς ἐνετείλατο δοῦναι βιβλίον ἀποστασίου καὶ ἀπολῦσαι [αὐτήν]; 8λέγει αὐτοῖς ὅτι Μωϋσῆς πρὸς τὴν σκληροκαρδίαν ὑμῶν ἐπέτρεπεν ὑμῖν ἀπολῦσαι τὰς γυναῖκας ὑμῶν, ἀπ' ἀρχῆς δὲ οὐ γέγονεν οὕτως. 9λέγω δὲ ὑμῖν ὅτι ὅς ἂν ἀπολύσῃ τὴν γυναῖκα αὐτοῦ μὴ ἐπὶ **πορνεία** καὶ γαμήσιον ἄλλην μοιχᾶται. 10λέγουσιν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ [αὐτοῦ], Εἰ οὕτως ἐστὶν ἡ αἰτία τοῦ ἀνθρώπου μετὰ τῆς γυναικός, οὐ συμφέρει γαμήσιον. 11ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς, Οὐ πάντες χωροῦσιν τὸν λόγον [τοῦτον] ἀλλ' οἷς δέδοται. 12εἰσὶν γὰρ εὐνοῦχοι οἵτινες ἐκ κοιλίας μητρὸς ἐγεννήθησαν οὕτως, καὶ εἰσὶν εὐνοῦχοι οἵτινες εὐνοχίσθησαν ὑπὸ τῶν ἀνθρώπων, καὶ εἰσὶν εὐνοῦχοι οἵτινες εὐνούχισαν ἑαυτοῦς διὰ τὴν βασιλείαν τῶν οὐρανῶν. ὁ δυνάμενος χωρεῖν χωρεῖτω.

Vieram a ele alguns fariseus e o experimentavam, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo? Então, respondeu ele: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. Replicaram-lhe: Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar? Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio. Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de **relações sexuais ilícitas**, e casar com outra comete adultério [e o que casar com a repudiada comete adultério]. Disseram-lhe os discípulos: Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar. Jesus, porém, lhes respondeu: Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado. Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para o admitir admita. (BÍBLIA, Mateus 19,3-12)

É estranho a conclusão de que a opção para o casamento sem possibilidade de divórcio seria o celibato. Isso parece implicar que os divórcios seriam muito comuns. Talvez porque o adultério fosse muito comum, ou as relações sexuais consideradas ilícitas fossem variadas. No caso de *IEsdras*, os casamentos mistos foram considerados ilegais, mas não eram exatamente relações sexuais ilícitas (*πορνεία, pornéia; πορνεία, pornéiai*), ou em outras palavras, “fornicação”, “prostituição”. Essas relações ilícitas às vezes são interpretadas como relações incestuosas, outras vezes como adultério. Outra interpretação é a de que toda relação sexual que não tivesse como objetivo a procriação ou nascimento de filhos fosse considerada uma relação ilícita.

Outra passagem em *Mateus* discute as relações entre casamento e a interpretação da “Lei e dos Profetas”. Nessa passagem, destacamos as palavras sugerindo a relação da divindade com o verdadeiro e a verdade que remetem ao discurso de *IEsdras* e à

personificação da verdade *Asha* como um dos atributos e dos enviados de *Ahura Mazda*. Destacamos também as palavras que marcam as relações de poder e apresentam as metáforas da altura e da primazia como uma forma de superlativo relacionado ao divino:

16καὶ ἀποστέλλουσιν αὐτῷ τοὺς μαθητὰς αὐτῶν μετὰ τῶν Ἡρωδιανῶν λέγοντες· διδάσκαλε, οἶδαμεν ὅτι **ἀληθῆς** εἶ καὶ τὴν ὁδὸν τοῦ θεοῦ ἐν **ἀληθείᾳ** διδάσκεις καὶ οὐ μέλει σοι περὶ οὐδενός· οὐ γὰρ βλέπεις εἰς πρόσωπον ἀνθρώπων, 17εἰπὲ οὖν ἡμῖν τί σοι δοκεῖ· ἔξεστιν δοῦναι κῆνσον Καίσαρι ἢ οὐ; 18γνοὺς δὲ ὁ Ἰησοῦς τὴν πονηρίαν αὐτῶν εἶπεν· τί με πειράζετε, ὑποκριταί; 19ἐπιδείξατέ μοι τὸ νόμισμα τοῦ κήνσου. οἱ δὲ προσήνεγκαν αὐτῷ δηνάριον. 20καὶ λέγει αὐτοῖς· τίνας ἢ εἰκῶν αὕτη καὶ ἡ ἐπιγραφή; 21λέγουσιν αὐτῷ· Καίσαρος. τότε λέγει αὐτοῖς· ἀπόδοτε οὖν τὰ Καίσαρος Καίσαρι καὶ τὰ τοῦ θεοῦ τῷ θεῷ. 22καὶ ἀκούσαντες ἐθαύμασαν, καὶ ἀφέντες αὐτὸν ἀπῆλθαν.

23Ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ προσῆλθον αὐτῷ Σαδδουκαῖοι, λέγοντες μὴ εἶναι ἀνάστασις, καὶ ἐπρώτησαν αὐτὸν 24λέγοντες· διδάσκαλε, Μωϋσῆς εἶπεν· ἐάν τις ἀποθάνῃ μὴ ἔχων τέκνα, ἐπιγαμβρεύσει ὁ ἀδελφὸς αὐτοῦ τὴν γυναῖκα αὐτοῦ καὶ ἀναστήσει σπέρμα τῷ ἀδελφῷ αὐτοῦ. 25ἦσαν δὲ παρ' ἡμῖν ἑπτὰ ἀδελφοί· καὶ ὁ πρῶτος γήμας ἐτελεύτησεν, καὶ μὴ ἔχων σπέρμα ἀφῆκεν τὴν γυναῖκα αὐτοῦ τῷ ἀδελφῷ αὐτοῦ· 26ὁμοίως καὶ ὁ δεύτερος καὶ ὁ τρίτος ἕως τῶν ἑπτὰ. 27ὕστερον δὲ πάντων ἀπέθανεν ἡ γυνή. 28ἐν τῇ ἀναστάσει οὖν τίνας τῶν ἑπτὰ ἔσται γυνή; πάντες γὰρ ἔσχον αὐτήν· 29Ἀποκριθεὶς δὲ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτοῖς· πλανᾶσθε μὴ εἰδότες τὰς γραφὰς μηδὲ τὴν **δύναμιν** τοῦ θεοῦ. 30ἐν γὰρ τῇ ἀναστάσει οὔτε γαμοῦσιν οὔτε γαμίζονται, ἀλλ' ὡς ἄγγελοι ἐν τῷ οὐρανῷ εἰσιν. 31περὶ δὲ τῆς ἀναστάσεως τῶν νεκρῶν οὐκ ἀνέγνωτε τὸ ῥηθὲν ὑμῖν ὑπὸ τοῦ θεοῦ λέγοντος· 32ἐγὼ εἰμι ὁ θεὸς Ἀβραάμ καὶ ὁ θεὸς Ἰσαὰκ καὶ ὁ θεὸς Ἰακώβ; οὐκ ἔστιν [ὁ] θεὸς νεκρῶν ἀλλὰ ζώντων. 33καὶ ἀκούσαντες οἱ ὄχλοι ἐξεπλήσσοντο ἐπὶ τῇ διδαχῇ αὐτοῦ.

34Οἱ δὲ Φαρισαῖοι ἀκούσαντες ὅτι ἐφίμωσεν τοὺς Σαδδουκαίους συνήχθησαν ἐπὶ τὸ αὐτό, 35καὶ ἐπρώτησεν εἰς ἐξ αὐτῶν [νομικὸς] πειράζων αὐτόν· 36διδάσκαλε, ποία **ἐντολὴ μεγάλη** ἐν τῷ **νόμῳ**; 37ὁ δὲ ἔφη αὐτῷ· ἀγαπήσεις κύριον τὸν θεόν σου ἐν ὅλῃ τῇ καρδίᾳ σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ ψυχῇ σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ διανοίᾳ σου· 38αὕτη ἐστὶν ἡ **μεγάλη** καὶ **πρώτη ἐντολή**. 39δευτέρα δὲ ὁμοία αὐτῇ· ἀγαπήσεις τὸν πλησίον σου ὡς σεαυτόν. 40ἐν ταύταις ταῖς **δυσὶν ἐντολαῖς** ὅλος ὁ **νόμος** κρέμαται καὶ **οἱ προφῆται**.

E enviaram-lhe discípulos, juntamente com os herodianos, para dizer-lhe: Mestre, sabemos que és **verdadeiro** e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a **verdade**, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens. Dize-nos, pois: que te parece? É lícito pagar tributo a César ou não? Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Por que me experimentais, hipócritas? Mostrei-me a moeda do tributo. Trouxeram-lhe um denário. E ele lhes perguntou: De quem é esta efígie e inscrição? Responderam: De César. Então, lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Ouvindo isto, se admiraram e, deixando-o, foram-se.

Naquele dia, aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram: Mestre, Moisés disse: Se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido. Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro, tendo casado, morreu e, não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão; o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até ao sétimo; depois de todos eles, morreu também a mulher. Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? Porque todos a desposaram. Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o **poder** de Deus. Porque, na ressurreição, nem

casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu. E, quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos. Ouvindo isto, as multidões se maravilhavam da sua doutrina.

Entretanto, os fariseus, sabendo que ele fizera calar os saduceus, reuniram-se em conselho. E um deles, intérprete da Lei, experimentando-o, lhe perguntou: Mestre, qual é o **grande mandamento** na **Lei**? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o **grande e primeiro mandamento**. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes **dois mandamentos** dependem toda a **Lei** e **os Profetas**. (BÍBLIA, Mateus 22,16-40)

Nessa passagem a verdade é relacionada a separação entre o poder político e poder divino. O poder político é relacionado ao poder econômico através do uso da moeda corrente e da cobrança de impostos. O casamento é questionado em relação à ressurreição para uma outra vida. Há uma preocupação com a monogamia na vida eterna. Assim as mulheres são apresentadas de um modo igualitário aos homens na ressurreição. O discurso de Jesus acaba separando o casamento como uma instituição humana e finita. O “poder de Deus”, δύναμιν τοῦ θεοῦ, é apresentado como passível de ser conhecido, embora ignorado por aqueles que dizem conhecer as “Escrituras”. Os mandamentos da lei de Moisés são resumidos em dois grandes princípios: a devoção à divindade, o “grande e primeiro”, μεγάλη καὶ πρώτη, e o segundo, o amor aos outros de modo equivalente ao amor próprio. A interpretação apregoada é menos legalista e mais adaptativa.

5 TRADUÇÃO DE *IESDRAS*

A Páscoa de Josias (2Reis 23,21-23; 2Crônicas 35,1-19)

1 E conduziu Josias a Páscoa em Jerusalém ao seu Senhor e sacrificou o pascal ao décimo quarto dia do primeiro mês. 2 Tendo colocado os sacerdotes de acordo com jornadas, vestidos em suas estolas, no templo do Senhor. 3 E disse aos levitas, os servos do templo de Israel, para se santificarem aos Senhor e colocarem a santa arca do Senhor na casa que construiu Salomão, o filho do rei Davi, “Não deverão mais carregá-la sobre ombros. 4 E agora, adorem ao Senhor, seu Deus, e tratem do povo dele, Israel, e preparem-se de acordo com as famílias paternas e as suas tribos, de acordo com o escrito por Davi, rei de Israel e de acordo com a magnificência de Salomão, o filho dele. 5 E colocando-se no templo de acordo com a sua parte no governo, a sua família paterna, a dos levitas, diante dos seus irmãos, dos filhos de Israel, em ordem. 6 Sacrifiquem o pascal e preparem os sacrifícios para os seus irmãos e façam a páscoa de acordo com o mandamento do Senhor, o dado a Moisés”.

7 E presenteou Josias ao povo que lá se encontrava trinta mil cordeiros e cabritos e três mil bezerros; estes dos bens do rei foram dados, de acordo com a promessa, ao povo e aos sacerdotes e levitas. 8 E deram Hilquias e Zacarias e Jeiel, os superiores da casa, aos sacerdotes para a páscoa duas mil e seiscentas ovelhas e e trezentos bezerros. 9 E Jeconias e Semaías e Natanael, o irmão, e Asabias e Oquiel e Joram, capitães de milhares, deram aos levitas para a páscoa quinhentas ovelhas e setecentos bezerros.

10 E estes foram os acontecimentos: foram adequadamente posicionados os sacerdotes e os levitas, 11 tendo os pães asmos, de acordo com as tribos, 12 e de acordo com as partes no governo das famílias-paternas diante do povo para oferecer ao Senhor de acordo com os escritos no livro de Moisés e assim fizeram pela manhã. 13 E assaram o pascal no fogo como devido e os sacrifícios ferveram em potes e panelas de bronze com cheiro agradável e levaram para todos aqueles do povo. 14 Depois disto prepararam para eles mesmos e para os sacerdotes, irmãos deles, filhos de Arão, pois os sacerdotes ofereciam a gordura até tarde da noite e os levitas prepararam para eles mesmos e para os sacerdotes, irmãos deles, filhos de Arão. 15 E os cantores do templo, filhos de Asafe, estavam na ordenação deles de acordo com o arranjado por Davi, e por Asafe, e por Zacarias, e por Édino, os

quais representavam o rei, e estavam os porteiros em cada portão, não era preciso afastarem-se cada um de sua própria tarefa diária, pois os irmãos deles, os levitas preparavam para eles.

16 E foram finalizadas as obras do sacrifício do Senhor naquele dia, foi conduzida a páscoa e foram oferecidos os sacrifícios sobre o altar do Senhor de acordo com a condução do rei Josias. 17 E conduziram os filhos de Israel, os que estavam presentes naquela oportunidade, a páscoa e a festa dos pães asmos por sete dias. 18 E não fora conduzida a páscoa assim em Israel desde os tempos de Samuel, o profeta. 19 E todos os reis de Israel não conduziram a páscoa assim como conduziu Josias e os sacerdotes e os levitas e os judeus e todo Israel, os se encontravam na habitação deles em Jerusalém. 20 No décimo oitavo ano reinando Josias, foi conduzida esta páscoa. 21 E foram corretas as obras de Josias diante do Senhor com seu coração cheio de bondade. 22 Também quanto às coisas sobre ele, foram escritas nos primeiros tempos, concernentes àqueles que pecaram e agiram mal contra o Senhor acima de todas as gentes e reinos, e que o entristeceram excessivamente, e as palavras do Senhor levantaram-se contra Israel.

Morte de Josias na batalha do vale de Megido contra o faraó do Egito

(2Reis 23,28-30; 2Crônicas 35,20-27)

23 E depois de toda essa atividade de Josias, aconteceu que Faraó, rei do Egito, tendo vindo incitar a guerra em Carquemis, no Eufrates, e saiu para confrontá-lo Josias. 24 E enviou um despacho o rei do Egito para ele, dizendo: “Que problema eu e tu temos, ó rei da Judéia? 25 Não fui enviado contra ti pelo Senhor Deus, pois a minha guerra está no Eufrates. E agora, o Senhor está comigo, e o Senhor comigo está me apressando; afasta-te e não te oponhas ao Senhor.”

26 E não voltou-se para longe Josias na carruagem dele, mas a guerrear contra ele atacou, não atentando às palavras do profeta Jeremias da boca do Senhor. 27 Mas juntou-se a batalha contra ele na planície de Megido, e vieram os governantes contra o rei Josias. 28 E disse o rei aos seus servos: “Tirai-me da batalha, pois estou muito fraco”. E imediatamente tiraram-no os seus servos da linha de batalha. 29 E foi levado ao seu segundo carro e, depois de ser levado a Jerusalém, mudou a sua vida e foi sepultado no túmulo de seus pais.

30 E todos na Judeia prantearam por Josias. O profeta Jeremias lamentou por Josias e os principais homens, com as mulheres, fizeram lamentação por ele neste dia. E foi ordenado que isso sempre fosse feito em toda a nação de Israel.

31 Estas coisas estão escritas no livro das histórias dos reis da Judeia. E cada um dos atos de Josias, e seu esplendor, seu entendimento da lei de Deus, e as coisas que fez antes destas que agora são contadas, estão registradas no livro dos reis de Israel e Judá.

Sucessores de Josias (2Reis 23,31-24,19; 2Crônicas 36,1-16)

32 E tomando, os que eram do povo, Jeconias, filho de Josias, o apontaram rei em lugar de Josias, seu pai, tendo vinte e três anos. 33 E reinou em Judá e Jerusalém três meses. E o rei do Egito o depôs do reinado em Jerusalém. 34 E impôs à nação o pagamento de cem talentos de prata e um talento de ouro. 35 E o rei do Egito apontou como rei a Jeoaquim, irmão dele, rei da Judeia e de Jerusalém. 36 E Jeoaquim colocou os nobres na prisão, e trouxe o seu irmão Zario do Egito, a quem sequestrou.

37 Jeoaquim tinha vinte e cinco anos quando começou a reinar na Judeia e em Jerusalém, e fez o que era mau diante do Senhor. 38 E veio contra ele, Nabucodonozor, rei da Babilônia, e o prendeu com grilhão de bronze e o levou para a Babilônia. 39 Nabucodonozor tendo tomado alguns dos utensílios sagrados do Senhor e tendo levado-os embora, os depositou em seu santuário na Babilônia. 40 Mas as coisas que estão registradas sobre Jeoaquim e sua impureza e impiedade estão escritas no livro de crônicas dos reis.

41 E reinou no lugar dele Joaquim, o filho dele; pois quando ele foi apontado, tinha dezoito anos. 42 Reinou por três meses e dez dias em Jerusalém e fez o que era mau diante do Senhor. 43 E, depois de um ano, Nabucodonozor enviando mandou conduzi-lo para a Babilônia, com os utensílios sagrados do Senhor. 44 E apontou Zedequias rei de Judá e Jerusalém. Zedequias tinha vinte e um anos e reinou por onze anos.

45 E ele fez o que era mau diante do Senhor e não sentiu nenhuma hesitação decorrente das palavras vindas da boca do Senhor por intermédio do profeta Jeremias. 46 E apesar de ter sido obrigado a jurar, pelo rei Nabucodonosor, pelo nome do Senhor, ele quebrou o juramento, rebelou-se e, endurecendo a serviz e o coração, transgrediu os preceitos do Senhor, Deus de Israel. 47 E os líderes do povo e dos sacerdotes cometeram

muitos atos de impiedade e ilegalidade, mais do que todos os atos impuros de todas as nações, e profanaram o templo do Senhor que havia sido santificado em Jerusalém. 48 E enviou o Deus de seus pais uma mensagem através do seu mensageiro para chamá-los de volta, porque ele tentou poupá-los e ao seu tabernáculo.

O cativoiro de Judá

(2Reis 25,8-12; Jeremias 39, 8-10 e 52,12-16; 2Crônicas 36,17-21)

49 Mas eles escarneceram de seus mensageiros; e no dia em que o Senhor falou-lhes, eles fizeram graça de seus profetas: até que ele, estando indignado contra os seus povos por sua grande impiedade, mandou que os reis dos Caldeus subissem contra eles; 50 Que mataram seus jovens com a espada, sim, dentro do âmbito do seu santo templo, e não poupou nem jovem, nem moça, nem velho, nem criança; pois ele entregou tudo em suas mãos. 51 E eles tomaram todos os utensílios sagrados do Senhor, grandes e pequenos, os utensílios da arca de Deus, e os tesouros do rei, e os levaram para Babilônia 52 e queimaram a casa do Senhor e destruíram os muros de Jerusalém, e atearam fogo em cima de suas torres; 53 e acabaram todas as suas coisas gloriosas, até se tornarem inúteis, e trouxe as pessoas que não foram mortas com espada para a Babilônia; 54 e se tornaram servos dele e de seus filhos, até que os persas reinassem, para cumprir a palavra do Senhor proferida pela boca de Jeremias: 55 “Até que a terra goze dos seus sábados, durante todo o tempo de sua desolação, ela descansará, até que se completem setenta anos”.

Ciro decreta a construção do templo em Jerusalém

(2Crônicas 36,22-23; Esdras 1,1-4)

2 1 No primeiro ano em que Ciro dos persas reinava, com o objetivo de cumprir palavra do Senhor pela boca de Jeremias, o Senhor despertou o espírito de Ciro, rei dos persas, e proclamou em todo o seu reino e ao mesmo tempo, por escrito,

2 “É isso que Ciro, rei dos persas, diz: O Senhor de Israel, o Altíssimo, nomeou-me rei do mundo, e ele me indicou que eu deveria construir para ele uma casa em Jerusalém, na Judéia. 3 Se, pois, qualquer um de vós é da sua nação, esteja o seu Senhor

com ele, e quando eles forem para Jerusalém, que está em Judéia, edifique a casa do Senhor de Israel. Este é o Senhor que acampa em Jerusalém 4. Então, quantos que habitem em lugares, que os que estão em seu lugar ajudem-no com ouro e prata, com presentes, juntamente com cavalos e gado, junto com as outras coisas adicionadas como ofertas voluntárias para o templo do Senhor que está em Jerusalém.”

5 E surgiram os chefes de tribo das famílias paternas da tribo de Judá e Benjamim e os sacerdotes e os levitas e todos cujo espírito o Senhor despertou para subir para construir para o Senhor a casa que está em Jerusalém, 6 e os vizinhos deles ajudaram em tudo, com prata e ouro, com cavalos e gado e com um grande número de ofertas voluntárias dos muitos cuja mente fora incitada. 7 E o rei Ciro trouxe os sagrados utensílios do Senhor que Nabucodonozor havia levado de Jerusalém e os colocados no templo do seu próprio ídolo. 8 Trouxe-os Ciro, rei dos persas, e entregou-os a Mitridate, seu próprio tesoureiro, por meio do qual foram dados a Sesbazar, governador da Judeia. 9 O número destes era mil copos de ouro, mil copos de prata, vinte e nove incensários de prata, 10 trinta bacias de ouro, duas mil, quatrocentas e dez bacias de prata e mil outros utensílios. 11 Todos os utensílios foram entregues, de ouro e de prata, foram cinco mil, quatrocentos e sessenta e nove e foram levados de volta por Sesbazar, justamente com os exilados que voltavam da Babilônia para Jerusalém.

Oposição à reconstrução do templo e das muralhas da cidade

12 Mas no tempo de Artaxerxes, rei dos persas, escreveram a ele contra os que estavam vivendo na Judeia e em Jerusalém: Bislão, Mitredate, Tabeel, Reum, e Sinsai, o escriba, estes outros companheiros deles que viviam em Samaria e em outros lugares; esta foi a carta que fora escrita:

“Ao senhor rei Artaxerxes, os teus servos Reum, o, e Sinsai, o escriba, e os outros do concelho destes juízes na Síria e Fenícia. 14 E agora saiba o senhor rei que os judeus que vieram de vós para nós foram a Jerusalém e estão edificando esta rebelde e maligna cidade, reparando seu mercado e seus muros e lançando os fundamentos de um templo. 15 Portanto, se esta cidade for edificada e os muros forem terminados, não apenas se recusariam a pagar tributo, mas também resistirão aos reis. 16 E desde que a obra do templo vai bem adiantada, achamos melhor não negligenciar isto, mas falar ao senhor rei,

para que, se te parecer bem, fazer uma pesquisa nos registros de teus pais. 17 E descobrireis nas crônicas o que foi escrito sobre eles e vereis que esta cidade foi rebelde, perturbando reis e outras cidades, e que os judeus foram rebeldes e ficaram levantando bloqueios nela ainda desde sempre, motivo pelo qual também esta cidade foi devastada. 18 Portanto, agora, apontamos-te senhor rei que se esta cidade for edificada e estes muros levantados não mais tereis acesso à Síria e à Fenícia.

19 Então o rei escreveu de volta a Reum, o comandante, e a Beltemus e a Sinsai, o escriba, e aos seus outros companheiros que viviam em Samaria, na Síria e na Fenícia, isto é o que foi escrito:

“Tendo lido a carta que enviastes para mim, 21 ordenei, então, que a pesquisa fosse feita e descobriu-se que aquela cidade, desde sempre, tem lutado contra reis e as pessoas nela eram dadas à rebeldia e à guerra. 22 E reis poderosos e cruéis existiam em Jerusalém e sendo senhores e cobrando tributo da Síria e da Fenícia. 23 Por isso, agora, dei ordens para que aquelas pessoas sejam impedidas de construir a cidade. 24 E para cuidar que nada mais disto seja feito e que tais procedimentos cheios de maldade não prossigam para o aborrecimento dos reis”.

25 Então tendo lido a carta do rei Artaxerxes, Reum e Sinsai, o escriba, e seus companheiros foram a Jerusalém com cavaleiros e uma multidão pronta para batalha e começaram a obstruir os trabalhadores. 26 E a edificação do templo em Jerusalém cessou até o segundo ano do reinado de Dario, rei dos persas.

O concurso dos três jovens guarda-costas do rei Dario

3 1 E o rei Dario fez uma grande festa para todos os companheiros dele, e todos da casa dele e todos os primeiros do estado de Média e Pérsia. 2 E para todos os sátrapas, generais e governadores que estavam abaixo dele, da Índia até a Etiópia em cento e vinte e sete províncias. 3 E após terem comido e bebido, e estando satisfeitos foram para casa, então o rei Dario foi para o seu quarto de dormir e dormiu e mais tarde acordou.

4 Então os três jovens que eram da guarda que cuidava do corpo do rei falaram um para o outro: 5 “Falemos cada um de nós uma sentença, o que será mais forte; e aquele

cuja expressão se mostrar mais sábia do que do outro, o rei Dario dará grandes presentes, grandes epinícios, 6 e se vestirá de púrpura, beberá em ouro, dormirá sobre ouro, terá uma carruagem com freios de ouro e um descanso de cabeça de fina linha e uma corrente em torno do seu pescoço. 7 E se sentará perto de Dario por causa da sabedoria dele e será chamado parente de Dario”.

8 E então cada um tendo escrito a sua sentença selou-a e colocou-a embaixo da almofada do rei Dario e disseram: 9 “Quando o rei acordar, darão a ele o texto, e de quem julgar o rei e os três príncipes da Pérsia que a sentença é mais sábia, a ele será dada a vitória como está escrito”. 10 O primeiro escreveu que o vinho é mais forte. 11 O segundo já escreveu que o rei era mais forte. 12 O terceiro escreveu que eram mais fortes as mulheres, mas sobre tudo vence a verdade.

13 E quando o rei despertou, levaram os escritos a ele, e leu. 14 E ele enviou a todos os grandes da Pérsia e da Média e aos homens ricos e aos sátrapas, senhores e cônsules e os fez sentar na banca e foi lido o texto diante deles. 15 E disse “chamai os jovens”, e eles mostraram suas sentenças; e foram chamados e entraram. 16 E disseram-lhes: “Declarai-nos sobre o que escreveram”.

17 E começou o primeiro que falou sobre a força do vinho e dizia assim: 18 “Homens, como o vinho é mais forte? A todos que o bebem, desencaminha a mente. 19 Do rei e do órfão, faz a mente uma só, a do escravo e a do que é livre, a do pobre e a do rico, 20 e toda mente ele desvia para boa vida e alegria e não lembra toda tristeza e toda dívida. 21 E todos os corações, faz ricos e não lembra reino ou governo e tudo por talentos faz falar. 22 E não se lembram, quando bebem, de ser amigos dos amigos e irmãos, e não muito depois arrastam facas; 23 e quando longe do vinho estão, não lembram o que fizeram. 24 Ó homens, não é mais forte o vinho, que assim obriga a fazer? E calou-se tendo assim falado.

4 1 O segundo, que falou sobre a força do rei, começou a falar: 2 “Ó homens, não são mais fortes os humanos, uma vez que governam a terra e o mar e tudo o que há neles? 3 Mas o rei é mais forte e é o senhor deles e é mestre deles, e tudo que diz a eles, prestam atenção. 4 Se ele disser para fazer guerra um contra o outro, eles fazem isso, e se envia-os contra inimigos, eles procedem e conquistam

montanhas e paredes e torres. 5 Eles matam e são mortos e não transgridem a palavra do rei, e se eles são vitoriosos, eles trazem tudo para o rei - qualquer espólio que eles tomem e todas as outras coisas. 6 E quantos não servem no exército ou vão para a guerra, mas cultivam o solo; por sua vez, sempre que plantam e colhem, enviam algo para o rei, e um obriga o outro a trazer impostos para o rei. 7 E ele é um só! Se ele disser para matar, eles matam. Ele diz para eles soltarem, eles soltam. 8 Ele diz para ferir, eles ferem; ele diz para assolar, eles assolam; ele diz para construir, eles constroem. 9 Ele diz para cortar fora, eles cortam fora; ele diz para plantar, eles plantam. 10 E todo o seu povo e suas forças militares o escutam. 11 Além disso, ele próprio reclinase, come e bebe e dorme, mas eles vigiam a sua volta e ninguém pode ir embora e cuidar de seus próprios assuntos, nem desobedecem a ele. 12 Ó homens, como não é o rei o mais forte, já que assim ele é obedecido?” e ele silenciou.

13 Em seguida, o terceiro, que falou sobre as mulheres e a verdade, (este foi Zorobabel) começou a falar: 14 “Homens, não é grande o rei, nem muitos os homens, também não é o vinho forte? Quem é, então, que os domina, ou quem é o senhor deles? Não são as mulheres? 15 As mulheres geraram o rei e todo o povo que é senhor do mar e da terra; 16 Também delas vieram os seres humanos; e elas alimentaram estes, os que plantam as vinhas, das quais provém o vinho. 17 Estas também fazem as roupas dos homens; e estas trazem glória aos homens; e os homens não podem existir sem as mulheres. 18 Ainda se os homens reunissem ouro e prata, ou toda coisa bela, e vissem uma mulher que é boa na aparência e na beleza? 19 Então deixando todas essas coisas, para ela, embasbacaram-se e escancarando a boca, fixam os olhos nela; e todos a ela escolhem mais do que o ouro e a prata e toda coisa bela. 20 Um homem abandona seu próprio pai que o criou, e seu próprio país, e à sua própria mulher se apega. 21 E com sua mulher, ele libera sua alma e nem se lembra de pai nem de mãe nem da terra. 22 E como resultado, vós deveis perceber que as mulheres são senhores sobre vós. Não fazeis trabalho e labuta e tudo vós trazeis e dais às mulheres? 23 E um homem leva sua espada e vai sair para viajar e roubar e furtar e navegar no mar e rios. 24 E ele enfrenta o leão, e anda na escuridão, e quando ele rouba e furta e saqueia, ele traz de volta para a mulher desejada. 25 E um homem ama sua própria mulher mais do que a seu pai e a sua mãe. 26 E muitos foram conduzidos a distração por suas próprias mentes por causa das mulheres

e têm se tornado escravos por causa delas. 27 E muitos pereceram e tropeçaram e pecaram por causa das mulheres. 28 E agora, não acreditais em mim? O rei não é grande em sua autoridade? Todas as terras não temem tocá-lo? 29 Assisti-o e Apame, a filha do maravilhoso Bartacos, a concubina do rei, sentada à direita do rei. 30 E tomando a coroa da cabeça do rei, colocou-a em si mesma, e deu um tapa no rei com a mão esquerda. 31 E além disso, o rei com boca aberta olhava para ela; e se ela sorrisse para ele, ele ria, mas se ela se azedava com ele, ele a elogiava de modo que ela se reconciliasse com ele. 32 Ó homens, como não são as mulheres fortes, uma vez que, assim, elas agem?”

33 E então o rei e os nobres olharam um para o outro. 34 E ele começou a falar sobre verdade: “Homens, não são fortes as mulheres? Grande é a terra, e alto o céu, e veloz no seu curso o sol, pois gira no círculo do céu e retorna novamente ao seu próprio lugar em um dia. 35 Não é grande quem faz estas coisas? E a verdade também é grande e mais forte do que todas as coisas. 36 Toda a terra invoca a verdade, e o céu a abençoa, e toda sua obra estremece e treme, e não há com ela nada injusto. 37 Injusto é o vinho; injusto é o rei; injustas são as mulheres; todos os filhos dos homens são injustos, e todas suas obras são injustas - todas essas coisas; e não há verdade nelas, e na injustiça delas perecerão. 38 Mas a verdade perdura e é forte para sempre e vive e domina para sempre e sempre. 39 E com ela não há parcialidade ou preferência, mas faz o que é justo, em vez de todas as coisas injustas ou más. E todos aprovam suas obras, e não há nada injusto em seu julgamento. 40 E a ela pertence a força e o reinado e a autoridade e a majestade de todas as idades. Bendito seja o Deus da verdade!” 41 e ele parou de falar, e todo o povo então gritou e disse então: “Grande é a verdade e é superior!”.

42 Então o rei disse a ele: “Peça o que queres em adição ao que está escrito, e nós daremos isso a ti, por teres sido descoberto o mais sábio. E deves sentar-se ao meu lado e ser chamado meu parente.”. 43 Então disse ao rei, “Lembra-te da promessa que fizeste, no dia em que recebeste teu reinado, de reconstruir Jerusalém. 44 E enviar de volta todos os utensílios que tinham sido tomados de Jerusalém, que Ciro separou quando ele prometeu destruir Babilônia e prometeu enviá-los de volta para lá. 45 Também prometeste construir o santuário, que os idumeanos queimaram quando a Judéia foi posta em ruínas pelos caldeus. 46 E agora, ó senhor rei, isto é o que peço de ti e o que solicito de ti, e esta

é a grandeza que é sua. Eu oro, portanto, para que cumpras a promessa que juraste com a tua boca fazer pelo rei do céu."

Dario decide edificar Jerusalém

47 Então o rei Dario levantou-se e beijou-o e escreveu cartas para ele para todos os mordomos e governadores de distrito e generais e sátrapas, para que dessem conduta segura a ele e a todos que fossem subindo com ele para reconstruir Jerusalém. 48 Também escreveu cartas a todos os governadores de distritos em Celessíria e Fenícia e para aqueles no Líbano, para transportarem cedro, madeira do Líbano para Jerusalém, e que eles devem construir a cidade com ele. 49 Ele também escreveu para todos os judeus que estavam indo de seu reino para a Judéia, no interesse de sua liberdade, para que todo oficial ou satrápia ou governador de distrito ou mordomo não assaltassem as portas deles. 50 E que todo a terra, que iriam tomar, deveria ser deles sem tributo e que os idumeanos deviam desistir das aldeias que tinham tomado dos judeus. 51 E vinte talentos, a cada um ano, deviam ser dados para a construção do templo até ser reconstruído. 52 E mais dez talentos por ano para ofertas, queimadas inteiras, para serem oferecidas no altar todos os dias, de acordo com o mandamento que eles têm, para oferecer dezessete. 53 E que todos os que fossem da Babilônia para fundar a cidade deveriam ter sua liberdade, tanto eles e suas crianças e todos os sacerdotes que iriam. 54 Também estipulou a despesa e a vestimenta sacerdotal, a qual eles serviriam com ela. 55 Ele também estipulou que eles deviam dar aos levitas a despesa até o dia em que a casa seria concluída e Jerusalém reconstruída. 56 Ele também estipulou que eles dessem lotes de terra e salários para todos os que iriam proteger a cidade. 57 Ele também enviou de volta da Babilônia todos os utensílios que Ciro tinha separado, e tudo o que Ciro disse que iria fazer, ele também instruiu a ser feito e a serem enviados de volta para Jerusalém.

58 E quando o jovem homem foi para fora, ele levantou o seu rosto para o céu em direção Jerusalém e abençoou o rei do céu, dizendo: 59 "De ti vem a vitória, e de ti vem a sabedoria, e tua é a glória. E eu sou teu servo. 60 Bendito sejas, que tens dado me sabedoria, e me reconheceste, ó Senhor de nossos pais."

61 E ele pegou as cartas e partiu, e ele foi à Babilônia e contou a todos os seus parentes. 62 E eles abençoaram o Deus de seus pais, porque ele tinha dado a eles

permissão e liberado 63 para subir e reconstruir Jerusalém e o templo onde seu nome é chamado, e com música e alegrando eles beberam muito por sete dias.

Censo dos que regressaram do exílio babilônico

5 1 E após estas coisas, escolheram-se os principias da sua casa paterna por suas tribos pra que subissem junto com suas mulheres, filhos, filhas, servos, servas e o gado. 2 Dario também despachou junto com eles, 1000 cavaleiros até quando eles se reestabelessem em Jerusalém com paz e com louvores, com tímpano e com flautas. 3 E todos os seus irmãos estando a gracejar, ele também os fez subir junto com eles.

4 E estes são os nomes dos homens entre os que subiram (de volta), por suas linhagens nas suas tribos, por seus partes-no-governo:

5 dos sacerdotes, os filhos de Fineias, filho de Aarão: Joaquim, filho de Jesus, filho de Jozadaque, filho de Seraias e Zorobabel, filho de Salatiel, da casa de Davi, da família de Parós, da tribo de Judá; 6 o que falou palavras sábias a Dario, rei da Pérsia, no segundo ano do seu reinado no mês Nisã, primeiro mês.

7 E estes são os Judeus que subiram do cativo do país estrangeiro, os quais Nabucodonosor, rei da Babilônia, deportou para a Babilônia 8 e voltaram para Jerusalém e Judá cada um para a própria cidade, chegando junto com Zorobabel e Jesus, Neemias, Zaraías, Reesaías, Ananias, Mardoqueu, Beelsaro, Asfaraso, Borolio, Reum, Baaná, dentre os que conduziam.

9 O número dos da nação e seus líderes:

Filhos de Parós, dois mil cento e setenta e dois.

10 Filhos de Safate, quatrocentos e setenta e dois.

Filhos de Ará, setecentos e cinquenta e seis.

11 Filhos de Paate-Moabe, dos filhos de Jesus e Joabe, dois mil oitocentos e doze;

12 Filhos de Elão, mil duzentos e cinquenta e quatro.

Filhos de Zatu, novecentos e quarenta e cinco.

Filhos de Corbe, setecentos e cinco.

Filhos de Bani, seiscentos e quarenta e oito.

13 Filhos de Bebai, seiscentos e vinte três.

Filhos de Asgade, mil trezentos e vinte e dois.

14 Filhos de Adonicam, seiscentos e sessenta e sete.

Filhos de Bagoi, dois mil e sessenta e seis.

Filhos de Adim, quatrocentos e cinquenta e quatro.

15 Filhos de Ater, filho de Ezequias, noventa e dois.

Filhos de Kilan e Azetas sessenta e sete.

Filhos de Azuru, quatrocentos e trinta e dois.

16 Filhos de Anias, cento e um.

Filhos de Arom, filhos de Bassai, trezentos e vinte três.

Filhos de Arifo, cento e doze.

17 Filhos de Beter, três mil e cinco.

Filhos de Belém, cento e vinte e três.

18 Aqueles de Netebas, cinquenta e cinco.

Aqueles de Enatu, cento e cinquenta e oito.

Aqueles de Bete-Azmavete, quarenta e dois.

19 Aqueles de Quiriate-Jearim, vinte e cinco.

Aqueles de Quefira e Beerote, setecentos e quarenta e três.

20 Os cadiusianos e amidianos, quatrocentos e vinte dois.

Aqueles de Ramá e Geba, seiscentos e vinte um.

21 Aqueles de Macalon, cento e vinte dois.

Aqueles de Betel, cinquenta e dois.

Filhos de Nifis, cento e cinquenta e seis.

22 Filhos do outro Elão e de Ono, setecentos e vinte e cinco.

Filhos de Jericó, trezentos e quarenta e cinco.

23 Filhos de Sanaá, três mil e trezentos e trinta.

24 Os sacerdotes foram: Filhos de Jedos, filho de Jesus, com referência aos filhos de Anasibe, novecentos e setenta e dois. Filhos de Emer, mil e cinquenta e dois. 25 Filhos de Pasur, mil duzentos e quarenta e sete. Os filhos Harim, mil e dezessete.

26 E os levitas foram: os filhos de Jesus e Cadmiel e Banos e Sudios, setenta e quatro.

27 Os músicos do templo foram: os filhos de Asafe, cento e vinte e oito.

28 Os porteiros foram: os filhos de Salum, os filhos de Atar, os filhos de Tolman, os filhos Acube, os filhos de Ateta, os filhos de Sobai, todos estes, cento e trinta e nove.

29 Os servos do templo foram: os filhos de Esaú, os filhos de Asifa, os os filhos de Tabaote, os filhos de Keras, os filhos de Sua, os filhos de Fadaios, os filhos de Labana, os filhos de Agaba, 30 Os filhos de Acude, os filhos Uta, os filhos Ketabe, os filhos de Sibaí, os filhos de Anan, os filhos de Katua, os filhos de Gedur, 31 Os filhos de Jairo, os filhos de Bastai, os filhos de Asana, os filhos de Maani, os filhos de Nafisi, os filhos de Acufe, os filhos de Aquiba, os filhos de Asur, os filhos de Faraquim, os filhos de Basalote, 32 Os filhos de Meedá, os filhos de Cutá, os filhos Careá, os filhos de Barcus, os filhos de Serar, os filhos de Tomoi, os filhos de Nasi, os filhos de Atifá.

33 Os filhos dos servos de Salomão: os filhos de Asfiote, os filhos de Farida, os filhos de Jeeli, os filhos de Lozon, os filhos de Isdael, os filhos de Safiti, 34 Os filhos Agia, os filhos de Facarete-sabie, os filhos de Sarotie, os filhos de Masias, os filhos de Gas, os filhos de Adus, os filhos de Subas, os filhos de Aferra, os filhos de Barodis, os filhos de Safate, os filhos de Amon.

35 Todos os servos do templo e os filhos dos servos de Salomão, trezentos e setenta e dois.

36 Estes subiram de Termelete e Telersas, o líder deles era Caraate: Adan e Amar. 37 E não puderam comprovar as suas casas paternas e as descendências como sendo (provenientes) de Israel, os filhos de Dalan, filho de Tuban, e os filhos de Nekodan, (ao todo) seicentos e cinquenta e dois.

38 Já entre os sacerdotes, os que foram introduzidos no sacerdócio e não foram encontrados (seus nomes no registro de linhagens): os filhos de Obdia, os filhos de Accoz, os filhos de Addus, o qual, após ter tomado Augia como esposa, das filhas de Barzelus, também foi chamado pelo nome dele. 39 Assim, quando se foi procurado à família deles escrita no registro de linhagens e não se foi achado, foram afastados do sacerdócio. 40 E disse a eles Neemisa e Attharias que eles não compartilhassem das coisas santas, até que se levantasse um sumo-sacerdote que usasse a interpretação e a verdade.

41 E aqueles todos eram: de Israel, desde os doze anos, sem contar servos e servas, quarenta e dois mil e trezentos e sessenta; seus servos e servas foram sete mil trezentos e trinta e sete; os harpistas e os harpistas cantores, duzentos quarenta e cinco. 42 Camelos,

quatrocentos e trinta e cinco, cavalos, sete mil e trinta e seis, mulas duzentos e quarenta e cinco, animais usados para o jugo, cinco mil quinhentos e vinte e cinco.

43 E dos líderes de acordo com as famílias paternas, quando eles vieram até o templo de Deus que está em Jerusalém, juraram erguer a casa novamente em seu próprio lugar de acordo com sua capacidade. 44 E doar ao tesouro sagrado de obras de ouro, mil quilos, cinco mil de prata e cem vestes sacerdotais.

45 E habitaram os sacerdotes e os levitas e o as pessoas em Jerusalém e na região, os harpistas do templo e também os porteiros; e todo o Israel nas suas aldeias.

Primeiros sacrifícios antes de construir o templo

46 Mas quando chegou o sétimo mês, e estando todos os filhos de Israel em seu lugar, todos chegaram com um só consentimento ao lugar aberto do primeiro portão que está para o oriente. 47 E levantou-se Jesus, filho de Josedeque, e seus irmãos, os sacerdotes, e Zorobabel, filho de Salatiel, e seus irmãos, e prepararam o altar do Deus de Israel, 48 para oferecer sacrifícios inteiramente queimados, de acordo como o é ordenado no livro de Moisés, o homem de Deus. 49 E lá estávamos reunidos com eles alguns de outras nações da terra. E edificaram o altar no mesmo lugar de antes, porque todas as nações da terra estavam de inimizade com eles e oprimindo-os; e ofereceram sacrifícios de acordo com o tempo e holocaustos para o Senhor de manhã e no final da tarde. 50 Também realizaram a festa dos Tabernáculos, como está ordenado na lei e ofereciam sacrifícios diariamente, como era apropriado. 51 E depois disso, as oblações contínuas, e o sacrifício dos sábados, e das luas novas, e de todas as festas sagradas. 52 E todos os que haviam feito qualquer voto a Deus começaram a oferecer sacrifícios a Deus desde o primeiro dia do sétimo mês, embora o templo do Senhor ainda não fosse edificado. 53 E deram aos pedreiros e aos carpinteiros dinheiro, carne e bebida e carros aos sidônios e tírios para trazerem desde o Líbano madeiras de cedro e puseram em barcos até o porto de Jope, de acordo com a ordem escrita de Ciro, o rei dos persas.

A construção do templo

54 E no segundo ano e segundo mês depois de sua chegada ao templo de Deus em Jerusalém, começou Zorobabel, o filho de Salatiel, e Jesus, o filho de Josedeque e seus irmãos, os sacerdotes e os levitas e todos eles que foram para Jerusalém saindo do cativeiro. 55 E puseram os alicerces da templo de Deus no primeiro dia do segundo mês no segundo ano depois de terem chegado em Judeia e Jerusalém 56. E nomearam os levitas a partir dos vinte anos [de idade] sobre as obras do senhor. E levantou-se Jesus, e seus filhos e irmãos, e Cadmiel, seu irmão e os filhos de Jesus Emadabun com os filhos de Jodá, filho de Eliadun, com seus filhos e irmãos, todos os levitas trabalhando para fazer avançar as obras da casa de Deus.

57 Assim os operários construíram a casa do Senhor, e se posicionaram os sacerdotes em suas vestes com músicos e trombetas e os levitas, filhos Asafe, tendo os címbalos, cantando hinos ao Senhor e louvando como Davi, rei de Israel. 58 E entoaram com hinos louvando ao Senhor, porque a sua bondade e glória é para sempre, em todo Israel. 59 E todo o povo tocou trombetas e gritou em alta voz cantando hinos ao Senhor pelo levantamento da casa do Senhor. 60 Também vieram alguns dos sacerdotes e levitas e dos chefes de suas famílias paternas, os antigos que tinham visto a antiga casa para essa construção com gritos e choro alto. 61 E muitos com trombetas e alegria gritaram com voz alta. 62 Assim o povo não distinguia entre o som da trombeta e do gemido do povo, porque o ressoar da trombeta era tão grande que se ouvia de muito longe.

63 E os inimigos da tribo de Judá e Benjamin ouvindo, vieram a descobrir o que era esse som de trombetas. 64 E perceberam que os que voltaram do cativeiro construíam o templo ao Senhor Deus de Israel. 65 E foram a Zorobabel e Jesus e aos chefes das famílias paternas e disseram-lhes: “Construiremos junto convosco. 66 Já que, de modo semelhante a vós, estamos ouvindo o vosso Senhor e a ele estamos oferecendo incenso desde os dias do rei Asbasarate dos assírios, o qual nos conduziu até aqui”. 67 E lhes disseram Zorobabel, e Jesus e os que estavam liderando as famílias paternas de Israel: “Não é para vós e para nós o edificar a casa para o Senhor nosso Deus. 68 Já que nós sozinhos construiremos para o Senhor de Israel de acordo com o que Ciro, o rei dos persas, nos mandou.”

69 Mas as nações da terra, atacando os da Judéia e sitiando-os, restringiram a construção. 70 E, provocando conspirações, demagogia e revoltas, impediram a conclusão da construção durante todo o tempo da vida do rei Ciro. 71 E eles foram impedidos de construir por dois anos até o reinado de Dario.

Novos protestos contra a construção do templo

6 1 No entanto, no segundo ano do reinado de Dario, os profetas Ageu e Zacarias, filho de Adim, profetizaram a respeito dos Judeus na Judeia e em Jerusalém em nome do Senhor Deus de Israel, que estava sobre eles. 2 Então, tendo-se levantado Zorobabel, filho de Salatiel e Jesus, filho de Jozadaque, começaram a edificar a casa do Senhor em Jerusalém, uma vez que os profetas do senhor estavam junto deles e os ajudavam.

3 Neste tempo, vieram até eles Sisine, o governador da Síria e da Fenícia, assim como Satrabuzanai e os que os acompanhavam; e falou-lhes: 4 “Quem vos ordena construir esta casa e este telhado e concluir tudo? E quem são os construtores e os executores destas coisas?”. 5 Quando houve visita no cativeiro, os anciãos dos judeus 6 tiveram graça junto do senhor e não foram impedidos na construção até Dario sinalizar e confirmar acerca disso.

7 A cópia das cartas a qual Sisine, governador da Síria e Fenícia e Sathrabuzanes junto com seus companheiros, governantes na Síria e Fenícia escreveram e enviaram para Dario:

8 “Ao rei Dario, saudações. Que todos saibam que o senhor nosso rei, que entrou nas terras da Judeia e entrou na cidade de Jerusalém, que encontramos em Jerusalém, os judeus anciões que estavam em cativeiro construindo uma grande e nova casa para o Senhor com pedras valiosas e caras e a madeira já posta sobre as paredes. 9 E essas obras são feitas com grande velocidade, e o trabalho prossegue prosperamente em suas mãos, e com toda a glória e diligência é feita. 10 Então nós pedimos a estes anciãos, dizendo: Quem tendo vos ordenado, edificais esta casa, e lançais as bases dessas obras? 11 Portanto, com a intenção de que possamos dar conhecimento a ti escrevendo, exigimos aos que eram os principais que fizeram, e nós exigimos deles os nomes por escrito dos seus principais homens. 12 E eles respondera para nós, dizendo: Nós somos servos do

Senhor do que fez o céu e a terra. 13 E a sua casa foi construída antes de muitos anos pelo rei grande e forte de Israel e foi terminada. 14 E quando os nossos pais pecaram diante do Senhor Celeste de Israel, sofreram amargamente, pois ele os entregou às mãos de Nabucodonosor, Rei da Babilônia e Rei dos Caldeus. 15 Que, apoderando-se de sua casa, queimaram-na e levaram cativo o povo para a Babilônia. 16 No primeiro ano no qual reinava Ciro, na região da Babilônia, escreveu o rei Ciro: Edifiquem esta casa. 17 E os sagrados aparelhos de ouro e de prata, os quais foram, por Nabucodonosor, para fora da casa de Jerusalém, levadas estas coisas para o seu templo; novamente carregou estas coisas o rei Ciro para fora do templo de Babilônia e deu para os príncipes Zorobabel e Sanabassar. 18 Com o mandamento de levar os mesmos utensílios e colocá-los no templo do senhor em Jerusalém. E aquele templo do senhor deveria ser construído em seu lugar. 19 Então o mesmo Sanabassar, vindo aqui, lançou os fundamentos da casa do senhor em Jerusalém. E daquele tempo até o presente um edifício não se terminou completamente. 20 Agora, portanto, se parecer bom ao rei, faça-se a busca entre os registros reais do rei Ciro na Babilônia. 21 E se achar que a construção da casa do Senhor em Jerusalém foi feita com o consentimento do rei Ciro, e que, nosso senhor, o rei, possa nos confirmar sobre tais coisas.

Ordem de Dario de reconstruir o templo (Esdras 6, 1-12)

22 Então o rei Dário mandou procurar nos arquivos reais que estavam guardados em Babilônia, e foi encontrado, em Ecbatana numa torre na região da Média, um volume, no qual havia o seguinte memorial: 23 “No primeiro ano do reinado de Ciro: O rei Ciro ordenou edificar a casa do Senhor em Jerusalém onde fazem oferendas por fogo continuamente, 24 cuja altura deve ser sessenta côvados e sua largura sessenta côvados, com três linhas de pedras lisas e uma linha de madeira nova nativa, e o custo deve ser pago pela casa do rei Ciro. 25 E os utensílios sagrados da casa do Senhor, tanto os de ouro como também os de prata, os quais Nabucodonosor tirou da casa em Jerusalém e levou para Babilônia, deveriam ser restaurados para a casa em Jerusalém, onde eles costumavam estar guardados, para que eles sejam colocados lá”.

26 Então ordenou que tomassem cuidado Sisinaí, governador da Síria e Fenícia e Satrabuzanaí (Setar-Boznai) e os seus companheiros, os afarsaquitas, que estão na Síria e

Fenícia, para apartarem-se para longe daquele lugar. Mas deixarem Zorobabel o servo do Senhor, chefe da Judeia e dos anciões dos judeus para que construa aquela casa no seu lugar. 27 “Então também eu ordenei que se edificasse completamente e vigiassem para que ajudassem os exilados de Judá, até que se terminasse a casa do Senhor. 28 E do tributo da oferta da Síria e Fenícia cuidadosamente arranjada para dar a estes homens um sacrifício ao senhor, Zorobabel, o comandante, a saber, bois, cordeiros e carneiro. 29 Semelhantemente, também o fogo, o sal, o vinho e o azeite continuamente por ano como mandam, sem questionamentos, os sacerdotes em Jerusalém para ser queimado. 30 Que as ofertas sejam feitas ao Deus Altíssimo para o rei e para os seus filhos, e que possam orar por suas vidas. 31 E ordenou que todos aqueles que transgredissem ou também negassem qualquer coisa antes dita ou escrita, da sua própria casa, seja tomada uma árvore, e ele será enforcado nela, e todos os seus bens serão posses do rei. 32 Por tais coisas também o Senhor, portanto, cujo nome é chamado, destrua completamente todo rei e nação, que estende a mão para impedir ou prejudicar a casa do Senhor em Jerusalém 33 Eu, o rei de Dario, ordeno que, segundo estas coisas, tudo seja feito com diligência”.

Término e dedicação do templo e celebração da Páscoa (Esdras 6, 13-22)

7 1 Então Sisine, o governador de Celessíria e Fenícia, e Satrabuzanai e seus associados, em conformidade com as ordens dadas pelo rei Dario, 2 eles supervisionaram o trabalho sagrado com muito grande assistência, ajudando os anciões dos judeus e os servos do templo. 3 E o trabalho sagrado prosperou enquanto os profetas Hageu e Zacarias estavam profetizando. 4 E eles terminaram estas coisas pelo mandamento do Senhor Deus de Israel, 5 e com o consentimento de Ciro, Dario e Artaxerxes, reis da Pérsia, portanto a santa casa e foi terminada no vigésimo terceiro dia do mês de Adar, no sexto ano de Dario, rei dos persas. 6 E os filhos de Israel, os sacerdotes e os levitas e outros que vieram do cativoiro, que foram acrescentados, agiram de acordo com o que está escrito livro de Moisés. 7 E para a dedicação do templo do Senhor, ofereceram cem touros, duzentos carneiros, quatro centenas de cordeiros; 8 doze cabras pelo pecado de todo Israel, proporcional à quantidade dos chefes das tribos de Israel; 9 e foram instituídos os sacerdotes e os Levitas vestidos de acordo com as tribos

para o trabalho do Senhor Deus em Israel, servindo de acordo com o livro de Moisés, e os porteiros cada um para cada porta.

10 E os filhos de Israel os que estavam no cativeiro celebraram a páscoa no décimo quarto dia do primeiro mês: pois os sacerdotes e os Levitas tinham sido purificados ao mesmo tempo, 11 e os filhos do cativeiro não foram todos santificados juntos; porque os levitas foram todos santificados juntos. 12 E ofereceram o pascal para todos os filhos do cativeiro e para seus irmãos sacerdotes e para eles mesmos. 13 E os filhos de Israel que vieram do cativeiro comeram, todos os que tinham se separado das abominações das nações da terra, buscando ao Senhor. 14 E conduziram a festa dos pães ázimos sete dias, tornando-se felizes diante do Senhor, 15 por isso, voltou o conselho do rei da Assíria, para fortalecer as mãos nas obras do Senhor, Deus de Israel.

O retorno de Edras à Jerusalém (Esdras 7,1-10)

8 1 E depois destas coisas, durante o reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, Esdras, filho de Saraías, filho de Azarias, filho de Hilquias, filho de Salum. 2 O filho de Zadoque, filho de Aitube, filho de Amarias, filho de Azarias, filho de Meraiote, filho de Zeraías, filho de Uzi, filho de Buqui, filho de Abisua, filho de Fineias, filho de Eleazar, filho de Arão, o sumo sacerdote. 3 Esse Esdras subiu da Babilônia como um escriba sendo versado na lei de Moisés que foi dada pelo Deus de Israel, 4 E o Rei deu para ele glória, encontrando graça na presença dele sobre todas as coisas, as dignas da apreciação dele. 5 Também conjuntamente subiram alguns dos filhos de Israel, alguns dos sacerdotes, alguns dos levitas, alguns dos cantores sagrados, alguns dos porteiros, e dos servos sagrados para Jerusalém no sétimo ano do reinado de Artaxerxes, no quinto mês (nesse ano, o sétimo de seu reinado); 6 pois saíram de Babilônia no primeiro dia do primeiro mês e no primeiro dia do quinto mês chegaram a Jerusalém, de acordo com a jornada próspera que o senhor dele lhes deu. 7 Pois Esdras tinha muita habilidade em nada omitir da lei e dos mandamentos do Senhor e em ensinar para todos os Israelitas todos os estatutos e as condenações.

O decreto real que autoriza Esdras (Esdras 7,11-26)

8 A ordenança escrita da parte de Artaxerxes, o rei, para Esdras, o sacerdote e leitor da lei do Senhor, cuja cópia segue abaixo: 9 “O rei Artaxerxes a Esdras, o sacerdote e o leitor a lei do senhor, envia saudação. 10 E com filantropia eu decidi, dei ordens para que aqueles que desejem da nação dos judeus e dos sacerdotes e levitas e, além disso, daqueles em nosso próprio reino, se assim o desejam, andem juntos contigo para Jerusalém. 11 Portanto, quantos desejem, partam juntos, de acordo com o que é decretado por mim e também pelos meus sete amigos conselheiros, 12 para examinar os assuntos da Judeia e de Jerusalém seguindo de acordo com o que há na lei do Senhor. 13 E leve os presentes para o Senhor de Israel, os quais prometi eu e os amigos também, até Jerusalém e todo ouro e prata, que possa ser encontrado na região da Babilônia, para o Senhor até Jerusalém junto com o que é dado pela nação para o templo do Senhor deles o que está em Jerusalém. 14 Reúna o ouro e a prata para touros, carneiros e todos os que o acompanham, 15 a fim de oferecer sacrifício sobre o altar do Senhor em Jerusalém. 16 E muitas coisas tão grandes, como deseja em companhia dos seus irmãos fazer com ouro e prata, ordena acerca da vontade de seu Deus. 17 Também os utensílios sagrados do Senhor, que a ti foram dados são para necessidade do templo do teu Deus, que está em Jerusalém. 8 E o resto que lhe ocorrer, conforme necessário para o templo do teu Deus, dareis do tesouro real. 19 E eu Artaxerxes o rei também comandeí aos guardiões dos tesouros de Síria e Fenícia para que qualquer coisa que Esdras, o sacerdote e o leitor da lei do Altíssimo Deus, requerer, devam dar-lhe com velocidade até cem talentos de prata. 20 Da mesma forma também de trigo até uma centena de coros e cem medidas de vinho e outras coisas em abundância. 21 Todas as coisas devem ser realizadas de acordo com a lei de Deus diligentemente, ao Deus Altíssimo, cuja ira não venha sobre o reino do rei e seus filhos. 22 E também vos ordeno que, de todos os sacerdotes, ou levitas, ou cantores sagrados, ou porteiros, ou servos do templo, ou de qualquer um que tenha atividades neste templo, não exijais nenhum imposto, nem qualquer outra taxa, e que não tenhais autoridade nenhuma para lançar qualquer coisa sobre estes. 23 E tu, Esdras, de acordo com a sabedoria de Deus nomeia magistrados e juizes, que julguem em toda Síria e Fenícia todos os conhecedores da lei do teu Deus; e aos não conhecedores, ensinarás. 24

E todos, que transgredirem a lei do teu Deus e do rei serão punidos diligentemente, seja com morte ou outro castigo, com pena em dinheiro ou com prisão”.

Os acompanhantes de Esdras (Esdras 7,27-8,14)

25 Bendito seja só o Senhor, que pôs estas coisas no coração do rei, para glorificar a sua casa que está em Jerusalém, 26 e me honrou aos olhos do rei e de seus conselheiros, e de todos os seus amigos e nobres. 27 E eu fui encorajado pela ajuda do Senhor meu Deus, e ajuntei homens de Israel para subirem comigo.

28 E estes são os líderes de acordo com as suas famílias-paternas e partes-do-governo, os que subiram comigo da Babilônia, no reinado do rei Artaxerxes: 29 dos filhos de Fineias: Gérson; dos filhos de Itamar: Gamelo; dos filhos de Davi: Hatus, filho de Secanias; 30 dos filhos de Parós: Zacarias; e com ele foram registrados cento e cinquenta homens; 31 dos filhos de Faate-Moabe: Elionias, filho de Zaráias e com este duzentos homens; 32 dos filhos de Zatu: Secanias, filho de Jaziel e com ele trezentos homens; dos filhos de Adim: [Ebede] o filho de Jônatas, e com ele duzentos e cinquenta homens; 33 dos filhos de Elam: Jesias (Isaías), filho de Gotolias, e com ele setenta homens; 34 dos filhos de Safatias: Zaráias, Micael e com ele, setenta homens; 35 dos filho de Joabe: Abadias, Jezel e com ele, duzentos e dez homens; 36 dos filhos de Bani: Assalimote, filho de Josafias, e com ele cento e sessenta homens; 37 dos filhos de Babi: Zacarias, filho de Bebai, e com ele vinte e oito homens; 38 dos filhos de Asgate: Joanã, filho de Hacamã, e com ele cento e dez homens: 39 dos filhos de Adonicam, o último, e estes são os nomes deles: Elifelete, Jeuel e Semaías, e com eles setenta homens; 40 dos filhos de Bagó, Uti e Istalcuro, e com ele setenta homens.

41 E juntei-me ao rio chamado Teras, onde lançamos nossas tendas três dias; e depois os examinei. 42 E dos filhos dos sacerdotes e dos Levitas não tendo encontrando lá. 43 Enviei para Eleazar, e Iduel e Masman, e Elnatan e Samaian e Joribon, Natan, Enatan, Zacarias e Mesolamon, os que sendo reputados e entendidos 44 E disse-lhes para vir para Adaio, reputado guarda do tesouro no lugar. 45 Enviando-lhes para falar a Adaio e aos irmãos dele e aos que guardavam o tesouro no lugar, que enviem para nós os sacerdotes na casa do nosso Senhor. 46 E guiado pelos punhos poderosos de nosso senhor nos trouxeram homens habilidosos dos filhos de Mooli, de Levi, e de Israel, Asebias e

seus filhos e seus irmãos que eram dezoito. 47 E Asebia e Anuno, e Osaias, seu irmão, dos filhos de Canuneo e seus filhos, eram vinte homens. 48 E dos servos do templo a quem Davi havia ordenado, os principais serviços dos levitas, com os servos, duzentos e vinte e um catalogo onde eram mostrados todos os nomes.

49 E proclamei ali um jejum para os jovens diante de nosso Senhor 50 para buscar junto a ele uma boa viagem para nós e para os que estavam conosco: nossas crianças e animais. 51 Pois tive vergonha de pedir ao rei soldados a pé e cavaleiros e uma escolta para segurança contra os que se opunham a nós, 52 pois dissemos ao rei que: “A força do nosso Senhor será com os que o buscam para uma correção total”.

53 E de novo supliquei a nosso Senhor e de acordo com estas coisas nos calhou de ser misericordioso. 54 E separei doze homens dentre os sacerdotes, chefes de tribos, a Serebias e Asabias e com eles dez homens de seus irmãos, 55 e pesei para eles prata e ouro e utensílios sagrados da casa do nosso Senhor, que haviam doado o próprio rei, e os seus conselheiros e os nobres e todo Israel. 56 E pesando, entreguei-lhes seiscentos e cinquenta talentos de prata, cem talentos de utensílios de prata, cem talentos de utensílios de ouro, vinte talentos de ouro e doze talentos de utensílios de bronze, de bronze reluzente como ouro. 57 E disse-lhes: vós sois santos ao Senhor, e o utensílio é santo bem como o bronze e o ouro como voto ao Senhor, o Senhor de nossos pais. 58 Cuidai e guardai até que vós mesmos entregueis ao chefe dos sacerdotes e dos levitas e aos líderes das famílias de Israel, em Jerusalém, e aos líderes da casa do vosso Senhor. 59 E os sacerdotes e levitas, que haviam recebido a prata, o ouro e os utensílios, os trouxeram a Jerusalém, no santuário do Senhor.

A chegada de Esdras à Jerusalém (Esdras 8,31-36)

60 E do rio Teras partimos no décimo segundo dia do primeiro mês, e viemos a Jerusalém pela mão poderosa de nosso Senhor, que estava conosco: e desde o início de nossa jornada o Senhor nos livrou de todo inimigo, e assim nós viemos para Jerusalém. 61 E quando estávamos lá três dias, o ouro e a prata que foram pesados foram entregues na casa de nosso Senhor no quarto dia ao sacerdote Marmoti, filho de Urias. 62 E com ele estava Eleazar, filho de Finéias, e com eles Josabade, filho de Jesus, e Moete, filho de Sabano, levitas; todos eles foram entregues em número e peso. E todo o peso deles foi

registrado na mesma hora. 63 Além disso, os que saíram do cativeiro ofereceram sacrifícios ao Senhor Deus de Israel: doze novilhos para todo o Israel, noventa e seis carneiros, setenta e dois cordeiros, bodes para oferta pacífica, doze; todos eles um sacrifício ao Senhor. 64 E eles entregaram os mandamentos do rei aos mordomos do rei e aos governadores da Celessíria e Fenícia; e eles honraram o povo e o santuário de Deus.

Os casamentos mistos (Esdras 9,1-5)

65 E essas coisas tendo sido feitas, os governantes vieram até mim dizendo: 66 “A nação de Israel, os príncipes, os sacerdotes e os levitas, não se afastaram do povo estranho da terra, nem das poluições dos gentios, dos cananeus, dos heteus, dos ferezeus, dos jebuseus, dos moabitas, dos egípcios e edomitas. 67 Porque ambos eles e seus filhos se casaram com suas filhas, e a semente sagrada se misturou com o povo estranho da terra; e desde o início desta coisa, os governantes e os grandes homens foram participantes desta iniquidade. 68 E, assim que ouvi essas coisas, arrumei minhas roupas e a roupa sagrada, tirando os cabelos da minha cabeça e da barba, e sentei-me triste e muito pesado. 69 Então, todos os que se moveram na palavra do Senhor Deus de Israel, reuniram-se junto a mim, enquanto eu sofri pela iniquidade; mas eu ainda me sentei cheio de peso até o sacrifício da tarde. 70 E levantando-se do jejum com as minhas roupas, e a roupa santa vestida, e dobrado os joelhos, e estendendo as minhas mãos ao Senhor. Eu dizia:

Oração de Esdras (Esdras 9,6-15)

71 “Senhor, estou confuso e envergonhado diante de ti; 72 porque nossos pecados se multiplicam sobre nossas cabeças, e nossas ignorâncias chegaram ao céu. 73 Desde o tempo de nossos pais, e estamos em grande pecado, até o dia de hoje. 74 Senhor, fujo, retiro-me diante de teu rosto; 72 pois os pecados nossos somaram-se em cima das nossas cabeças, e as nossas ignorâncias acumularam até o céu 73 desde os tempos do nossos pais, e estamos em grande pecado até estes dias. 74 E por nossos pecados e por nossos pais, fomos entregues junto com nossos irmãos e nossos reis e nossos sacerdotes aos reis da terra, à espada, ao cativeiro, à pilhagem para vergonha como está hoje. 75 E agora em certa medida fez-se a nós tua piedade, ó Senhor, deixando para nós uma raiz e um nome

no lugar do teu santuário 76 e descobrir nossa luz na casa do Senhor, nosso Deus, e nos dar comida no tempo de nossa servidão. 77 Sim, quando estávamos presos, não fomos abandonados pelo nosso Senhor; mas ele nos fez gracioso diante dos reis da Pérsia, 78 ao dar a nós comida e honrar o templo do nosso Senhor e eregir a deserta Sião e nos conceder segurança em Judá e Jerusalém. 79 E agora o que diremos, Senhor, tendo em vista estas coisas? Por que transgredimos tuas ordenanças, as quais nos entregaste das mãos dos teus servos, os profetas, dizendo:

80 “Aquela terra, na qual vocês entraram para possuir como herança, é uma terra contaminada com as poluições dos estranhos da terra, e eles o encheram de sua impureza. 81 Portanto agora não juntarás as vossas filhas de sangue aos seus filhos e nem levarás suas filhas aos vossos filhos 82 e não busquem em todo tempo ter um relacionamento pacífico com eles, para que vocês possam prevalecer e comer o bem da terra e deixá-la como herança para seus filhos até a eternidade”.

83 E tudo o que está acontecendo conosco resulta de nossas más ações e dos nossos grandes pecados. 84 Pois você, Senhor, você cancelou nossos pecados e nos deu uma raiz como esta. Mais uma vez, voltávamos a transgredir sua lei, de modo a ser confundida com a impureza das nações da terra. 85 Não estava irado conosco a ponto de nos destruir sem nos deixar raiz, semente ou nome? 86 Ó Senhor de Israel, tu és verdadeiro; porque hoje nós deixamos uma raiz. 87 Eis que agora estamos diante de ti em nossas iniquidades, pois não podemos aguentar mais por tais coisas diante de ti”.

Resposta de Jeconias e do povo (Esdras 10,1-5)

88 E quando Esdras suplicando, e fazendo confissão, chorando e prostrando-se diante do sacerdote, ajuntou-se a ele de Jerusalém uma grande multidão, homens e mulheres e jovens; porque a multidão chorava com grande choro. 89 Então Jeconias, filho de Jeoel, um dos filhos de Israel, gritou, e disse: “Ó Esdras, pecamos contra o Senhor Deus, nos casamos com mulheres estranhas das nações da terra, e agora há esperança para Israel. 90 Faça um juramento ao Senhor, para que retiremos todas as nossas mulheres, que tomamos das nações, com os seus filhos, como disseste, e todos quantos obedecem à lei do Senhor. 91 Levantando comandarás: pois este negócio é teu, e nós resistiremos

contigo” 92 e levantando Esdras fez os chefes dos sacerdotes e dos levitas e todos de Israel jurar fazer essas coisas; e juraram.

O povo decide despedir as mulheres estrangeiras (Esdras 10,6-44)

9 1 E Esdras tendo se levantado do átrio do templo, foi levado à câmara sacerdotal de Joanã filho de Elisabe. 2. E tendo permanecido por lá, não provou de pão nem mesmo bebeu água, pranteando por causa das grandes iniquidades da multidão. 3 E houve uma proclamação em toda a Judeia e Jerusalém a todos os exilados que estavam juntos em Jerusalém: 4 “E todos quantos não estivessem reunidos em dois ou três dias, conforme o decreto dos anciãos, teriam separados seus gados bem como a si mesmos do restante da multidão dos exilados”.

5 E em três dias as tribos de Judá e Benjamim reuniram-se em Jerusalém no dia vinte do mês nono. 6 E toda a multidão sentou-se no vasto templo tremendo por causa do mau tempo 7 e Esdras, levantando-se, disse-lhes: “Vocês transgrediram a lei e se casaram com mulheres estrangeiras para ajuntar pecado a Israel. 8 E, agora, dêem glória, como confissão, ao Senhor Deus de nossos pais, 9 e façam a sua vontade, e separem-se dos pagãos da terra e das mulheres estrangeiras”.

10 Então clamou toda a multidão, e disse em alta voz: “Como você disse, assim faremos. 11 Mas as pessoas são muitas, e é mau tempo, para que não possamos ficar de pé, e isso não é uma obra de um dia ou dois, pois pecamos muitos nestas coisas. 12 Portanto, ponham-se os governantes pela multidão, e todos os que vêm de nossas habitações que têm esposas estranhas venham no momento designado, 13 e com eles os governantes e juízes de todos os lugares, até que afastem a ira do Senhor de nós por este assunto”.

14 Então Jônatas, filho de Azael, e Ezequias, filho de Teocano, tomaram este assunto sobre eles; e Mosolam, Levi e Sabetai os ajudaram. 15 E fizeram para todos aqueles que foram conduzidos cativos. 16 E Esdras, o sacerdote, escolheu, para si, homens notáveis, das suas famílias, pelo nome de todos, e eles, no décimo dia do mês, se sentaram juntos para avaliar, essa questão. 17 Então a causa dos homens que tiveram esposas estranhas foi encerrada no primeiro dia do primeiro mês.

18 E dos sacerdotes que se juntaram, e tinham mulheres estranhas, foram encontrados:

19 dos filhos de Jesus, filho de Jozedeque e seus irmãos Maseas e Eleazar e Jaribe e Jodanos; 20 e lançaram as mãos a repelir suas mulheres, e carneiros para expiação por seus erros.

21 E dos filhos de Emer; Ananias, Zabdeus, Eanes, Sameius, Hiereel e Azarias.

22 E dos filhos de Faisur; Elionas, Massias, Ismael e Nathanael, e Ocidelus e Talsas.

23 E dos levitas, Josabade, Semeia e Cólitos (este é Cálitas), Pateu, Judas e Jonas;

24 E dos cantores consagrados, Eliasiba, Bacurós;

25 Dos porteiros, Saluma e Tolbanes.

26 E de Israel; dos filhos de Parós: Ramias, Jezias, Malquias, miami, Eleazar, Malquias e Benaia

27 Dos filhos de Elão: Matanias, Zacarias, Jeiel, Abdi, Jerimote e Elias

28 E dos filhos de Zamote: Eliadas, Eliasimos, Otonias, Jarimote e Sabatos e Zerdaias.

29 E dos filhos de Bebai: Joanã e Ananias e Zabdos e Ematis.

30 E dos filhos de Mani: Olamos, Mamucos, Jedaios, Jasubo e Asaelos e Jeremote.

31 E dos filhos de Adi: Naatos, Moossuas, Lacuno, Naido, Bescaspassmo, Sestel, Balnuo e Manasseas;

32 E dos filhos de Anan: Elionas, Asaias, Melquias, Sabaias e Simon Cosamaios;

33 E dos filhos de Ason: Maltanaios, Matatias, Sabanaious, Elifalate, Manassés e Semei;

34 E dos filhos de Maani: Jeremias, Momdis, Omaerus, Juel, Mabdai e Pelias, Anos, Carabasion e Enasibus, e Mamnitanimus, Eliasis, Bannus, Eliali, Samis, Selemias, Nathanias e os filhos de Ozora; Sesis, Esril, Azaelus, Samatus, Zambis, Josefo.

35 E dos filhos de Etma: Mazitias, Zabadaias, Edes, Juel, Banaias.

36 Todos esses tomaram mulheres estranhas, e delas se separaram com seus filhos.

Esdras faz a leitura da lei (Neemias 8,1-12)

37 E os sacerdotes e levitas e os que eram de Israel habitaram em Jerusalém e no país, no primeiro dia do sétimo mês; assim os filhos de Israel estavam em suas habitações. 38 E toda a multidão juntou-se de um lado ao amplo lugar do alpendre sagrado para o oriente; 39 e falaram ao sacerdote e leitor Esdras, para que ele trouxesse a lei de Moisés, que foi dada ao Senhor Deus de Israel. 40 E Esdras, o sumo sacerdote, trouxe a lei a toda a multidão de homens a mulheres e a todos os sacerdotes, a ouvir a lei no primeiro dia do sétimo mês, 41 e ele leu no amplo tribunal perante o alpendre sagrado da manhã ao meio-dia diante de homens e mulheres; e a multidão prestou atenção à lei. 42 E Esdras, o sacerdote e leitor da lei, levantou-se sobre um púlpito de madeira, que foi feito para esse propósito. 43 E levantaram-se com ele Matatias, Samus, Ananias, Azarias, Urias, Ezequias, Balasamus, do lado direito; 44 e no lado esquerdo, Pedaiás, Misael, Melquias, Lotasubo, Nabarias e Zacarias. 45 E Esdras tendo tomado o Livro da Lei diante da multidão — pois estava sentado honrosamente diante de todos — 46 e ao abrir a lei, todos ficaram firmes de pé, e Esdras louvou ao Senhor Deus Altíssimo, o Deus dos Exércitos, o Todo-Poderoso. 47 E toda a multidão falou em alta voz: “Amém”. E levantando as mãos aos céus, prostrando-se sobre a terra, adoraram ao Senhor. 48 Jesus, Aniute, e Sarabias, Adim, Jacubo, Sabateas, Auteas, Maian e Calitas, Azarias, e Joazabdu, e Ananias, Falias, os levitas, ensinaram as leis do Senhor para multidão fazendo com que eles compreendessem as leis do Senhor. 49 E falou Atarates a Esdras o principal sacerdote e aos levitas ensinando a multidão falavam para todos: 50 “Este dia é consagrado ao Senhor” e todos choravam ao ouvirem a lei, 51 “então prosseguindo, comam gorduras e bebam doçuras, e enviem marmitas para os que não têm, 52 pois consagrado é o dia ao Senhor. E não fiquem tristes, pois o Senhor irá glorificar vocês”. 53 E levitas comandavam todo o povo dizendo: “O dia é sagrado, não fiqueis tristes”. 54 E todos partiram para comer e beber e regozijar e dar porções aos que não tinham e estavam grandemente alegres. 55 Pois eles inspiravam-se em palavras que foram ensinadas e foram reunidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos debates e do trabalho de tradução do texto antigo grego de *IEsdras*, observamos as tradições culturais e os conflitos existentes dentro da sociedade antiga, conflitos estes como o problema da miscigenação tanto cultural quanto étnica que produz a sociedade ou como ela tenta manter sua unidade, sua singularidade, sua identidade, de alguma forma, através da religião, das leis e da política.

Nesse processo de manutenção de segregação, as mulheres sofrem principalmente com a perda de direitos de cidadã e vão cada vez mais se restringindo. Elas perdem muitas vezes o direito à fala, o direito da manutenção do nome familiar e por vezes acabam perdendo também o direito às propriedades que lhes pertenciam.

Encontramos isso presente tanto na cultura hebraica como na cultura grega antiga e essas questões são levantadas nessas obras. Nós buscamos através do trabalho de reescritura e de análise de intertextualidade e das relações interdiscursivas dentro desta pesquisa, encontrar como estes debates estão presentes e como eles ficaram marcados dentro da história e dentro da literatura.

O conceito de colocação lexical serviu de ponto de partida para leitura de concordâncias e índices de ocorrências de palavras como paratextos e hipertextos para outros nós de uma rede de leitura percorrida durante nossa pesquisa, porém o estudo de temas relevantes dentro do debate contido na obra traduzida também apontou caminhos de leitura.

Nossa tradução representou sobretudo um trabalho de leitura mais aprofundada e um de partida para outras leituras e uma pequena contribuição para estudos comparados em literatura clássica e para os estudos da tradução. A reescritura mostrou-se um método teórico-analítico para abordar o livro de *IEsdras* como uma composição marcada por uma busca pela própria identidade após um movimento de separação de si mesmo. É um texto antigo marcado por um patriarcalismo que argumenta a favor de um isolacionismo cultural e religioso. As mulheres são prejudicadas na narrativa para que possa haver uma maior afirmação de uma ordem de poder tradicional.

No entanto, nossa tradução e estudo buscou pela comparação evidenciar tanto as semelhanças culturais marcadas nos textos gregos e persas quanto um começo de renovação que o *Novo Testamento* cristão traz para as relações de poder entre homens e mulheres na instituição do casamento em relação a visão legalista pós-exílio na Babilônia.

O discurso *Contra Neera* contraposto a *IEsdras* demonstrou muitas semelhanças entre as culturas antigas quanto ao tratamento da cidadania feminina e a sua limitação. As comédias de Aristófanes que tematizam a cidadania das mulheres e as tragédias de Eurípedes que colocam as mulheres como estrangeiras e escravizadas também testemunham sobre a precariedade da sobrevivência feminina e seu emudecimento e negação do direito de fala e opinião sobre o seu destino diante dos homens.

Os temas do poder feminino e do poder da verdade manifestaram-se em nossas leituras de formas que variavam. O poder feminino pareceu ser representado como nulo diante dos homens, porém, quando o poder se tratava de algo além da força física, as mulheres foram consideradas perigosas e poderosas demais para não serem oprimidas. A mulheres foram associadas aos discursos enganosos e mentirosos. Tanto a verdade e como a mentira tiveram representações femininas. A verdade foi associada ao destino e às revelações divinas.

A poder das revelações e das profecias foi engrandecido nas tragédias Sófocles e Ésquilo acima do poder dos reis e Zeus, rei dos deuses, enquanto as profecias são interpretadas como se cumprindo através dos decretos reais de Ciro, Dario e Artaxerxes em *IEsdras*.

As leis foram consideradas como divinas e como condições para manter a sobrevivência da cidade de Jerusalém em *IEsdras*, enquanto nos diálogos de Platão, embora haja um questionamento filosófico e ético em Platão quanto a força das leis, a sua utilidade é defendida. Os escribas e interpretes da lei de Moisés são destacados entre as maiores autoridades na figura de Esdras. Enquanto Sócrates representa um homem sensato que decide morrer aceitando uma condenação para não prejudicar a cidade de Atenas pela invalidação das leis e das decisões dos tribunais.

O *Novo Testamento* nos serviu de contraponto a *IEsdras* como duas reescrituras de profecias e leis que acrescentam um novo contexto e um novo significado para a tradição anterior. Ambas as obras tratam a legalidade do divórcio de modo diferente. Trata-se o divórcio coletivo em *IEsdras* como uma solução necessária para reconstrução religiosa de Jerusalém. Já as palavras de Jesus radicalizam e relativizam a lei de Moisés para torná-la adaptativa.

Sobre o nosso trabalho com as concordâncias e com índices de ocorrências de palavras, observamos a utilidade deles para promover uma leitura não-linear e uma reflexão hipertextual dos textos que pode servir de método de descoberta e de extrapolação de leituras engessadas pela tradição.

A riqueza do *Avesta* como obra religiosa e literária ainda pode ser muito explorada e traduções para o português são ainda necessárias para um estudo comparado das relações entre as culturas antigas e da influência na religiosidade, no misticismo e figuratividade poética contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo, 2008.
- AESCHYLUS. **Aeschylus**. Com tradução para o inglês de Herbert Weir Smyth, Ph. D. in two volumes. 1. Prometheus. Cambridge. Cambridge, Mass., Harvard University Press; London, William Heinemann, Ltd. 1926. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0009:card=507&highlight=i%29sxu%2Fsein>. Acesso em: 12 out. 2017.
- ALBERTI, Arnaldo (Ed.). **Avesta**. Turim: UTET, 2013.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- APOLODORO. **Contra Neera**. [Demóstenes] 59. Tradução do grego de Glória Braga Onelley. Introdução, notas e índice de Ana Lúcia Curado. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011. (Coleção Autores Gregos e Latinos. Série Textos.)
- ARISTÓFANES. **Lisístrata**. Tradução de Ana Maria César Pompeu. São Paulo: Hedra, 2010.
- ARISTÓFANES. **Tesmoforiantes**. Tradução de Ana Maria César Pompeu. São Paulo: Via Leitura, 2015.
- ARISTÓFANES. **As mulheres no Parlamento**. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima Sousa e Silva. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.
- ARISTOPHANES. **Aristophanes Comoediae**, ed. F.W. Hall and W.M. Geldart, vol. 2. F.W. Hall and W.M. Geldart. Oxford. Clarendon Press, Oxford. 1907.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland. Texte (théorie du). **Encyclopaedia universalis**, v. 15, p. 1013-1017, 1973.
- BASSNETT, Susan. **Translation studies**. Third Edition. London/New York: Routledge, 2002.
- BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. (org.). **Translation, history and culture**. London: Pinter, 1990.
- BATALHA, Maria Cristina; PONTES Jr, Geraldo. **Tradução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BIBLE HUB: 2480 ισχύω (ischuó). 2004. Disponível em: https://biblehub.com/greek/strongs_2480.htm. Acesso em: 15 set. 2019.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2ª ed. rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada de aparecida**. Tradução de José Raimundo Vidigal. Aparecida: Santuário, 2006.

BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Pastoral**. Tradução: Antonio Carlos Frizzo, Donizete Scardelai, José Ademar Kaefer, Luis Gonzaga do Prado, Paulo Bazaglia e Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulus, 2014.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de jerusalém**. nova ed., rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução King James Atualizada (KJA): Tradução dos manuscritos nas línguas originais do Tanakh (Bíblia Hebraica) e o B'rit Hadashah (Novum Testamentum Graece). São Paulo: Abba Press, 2012.

BÍBLIA. Inglês. **The holy bible**. Londres/Inglaterra, 1611.

BÖHLER, Dieter. Die heilige Stadt in Esdras und Esra-Nehemia: Zwei Konzeptionen der Wiederherstellung Israels. **OBO 158**. Freiburg: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997.

BÖHLER, Dieter. On the Relationship between Textual and Literary Criticism: The Two Recensions of the Book of Ezra; Ezra-Neh (MT) and 1 Esdras (LXX). p. 35–50. In: **The Earliest Text of the Hebrew Bible: The Relationship between the Masoretic Text and the Hebrew Base of the Septuagint Reconsidered**. Ed. Adrian Schenker. SBLSCS 52. Atlanta: Society of Biblical Literature; Leiden: Brill, 2003.

BÖHLER, Dieter. Review of Zipora Talshir, I Esdras: A Text Critical Commentary. **Bib 84** (2003): p.280–84.

BOYCE, Mary. **Zoroastrians: their religious beliefs and practices**. London: Psychology Press, 1979.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Nomes no Brasil**. 2016. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search/response/322>. Acesso em: 21 dez. 2020.

CALDEIRA, Fátima Hassan. O mecanismo de busca do Google e a relevância na relação sistema-usuário. **Letrônica**, v. 8, n. 1, p. 91-106, 2015.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

CHARLESWORTH, James H. (Ed.). **The Old Testament Pseudepigrapha**. Yale University Press, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

SILVA, Janaino Ferreira da. Cidadãos e não cidadãos na Atenas no período clássico: o processo contra Neera. **NEARCO** – Revista Eletrônica de Antiguidade, 2015, Ano VIII, Número I – ISSN 1972-8713. Disponível em: <http://www.neuerj.com/Nearco/arquivos/numero15/1.pdf>. Acesso: 01 jul. 2019.

DELISLE, Jean. **L'analyse du discours comme méthode de traduction initiation à la traduction française de textes pragmatiques anglais théorie et pratique Cahiers de traductologie**: initiation à la traduction française de textes pragmatiques anglais: théorie et pratique. Éditions de l'Université d'Ottawa, 1980.

DISCINI, Norma. **Intertextualidade e conto maravilhoso**. São Paulo: Editora Humanitas, 2004.

DISCINI, Norma. **A comunicação nos textos**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

DO NOVO TESTAMENTO, Concordância Fiel. São José dos Campos: Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, 1994.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. trad. Frederico Pessoa de Barros [*et al.*]. São Paulo: Cultrix, 2006.

ESKENAZI, Tamara C. **1 Esdras**. In: *The New Oxford Annotated Apocrypha*. p. 279–300. Ed. Bruce N. Metzger & Roland E. Murphy. 3 ed. Oxford: Oxford University Press, 1991.

ESKENAZI, Tamara C. The Chronicler and the Composition of 1 Esdras. *CBQ* 48 (1986): 39–61.

ESKENAZI, Tamara C. **In an Age of Prose: A Literary Approach to Ezra–Nehemiah**. SBLMS 36. Atlanta: Scholars Press, 1988.

EURIPIDES. **Euripidis Fabulae**, v. 2. Gilbert Murray (ed.). Oxford: Clarendon Press, Oxford, 1913.

FARIA, Maria da Graça dos Santos. **Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais**. 2014. 118f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014.

FENLON, John Francis. **Catholic Encyclopedia (1913)/Concordances of the Bible**. Nova Iorque: The Encyclopedia Press, 1913. 4 v. Disponível em: [https://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_\(1913\)/Concordances_of_the_Bible](https://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_(1913)/Concordances_of_the_Bible). Acesso em: 13 nov. 2020.

FERNANDES, Rogério Paulo Muller et al. Panorama atual do uso dos mecanismos de busca na Web. In: XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XIII ENANCIB 2012. GT 8 Informação e Tecnologia. Comunicação oral. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/ciberespaco/doc/panor_atual_uso_busca_enancib2012.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

FRIED, Lisbeth S. (Ed.). **Was 1 Esdras first?:** an investigation into the priority and nature of 1 Esdras. Society of Biblical Lit, 2011.

FULTON, Deirdre N.; KNOPPERS, Gary N. Lower Criticism and Higher Criticism: The Case of 1 Esdras. *In*: FRIED, Lisbeth S. (ed.). **Was 1 Esdras first?:** an investigation into the priority and nature of 1 Esdras. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011.

GABRIEL, Martha. **Sem e Seo:** dominando o marketing de busca. 2. ed. São Paulo: Novatec Editora, 2012.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1976.

GELDNER, Karl F. **Avesta tha Sacred Book of the Parsis.** Stuttgart: Published under the Secretary of the State for India, 1896.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes.** La littérature au second degré. Paris: Editions du Seuil (Points Essais), 1982.

GENETTE, Gérard; Tradução de Celia Fernández Prieto. **Palimpsestos.** Madrid: Taurus, 1989.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos:** a literatura de segunda mão. Extratos traduzidos por Cibele Braga, Erika Viviane Costa Vieira, Luciene Guimarães, Maria Antônia Ramos Coutinho, Mariana Mendes Arruda, Miriam Vieira. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

KLEIN, Ralph W. **The Rendering of 2 Chronicles 35–36 in 1 Esdras.** *In*: WAS 1 Esdras First? An Investigation into the Nature and Priority of First Esdras, p. 225-35, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Editora Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012.

KRISTEVA, Julia. Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman. **Critique.** Revue générale de publications. Paris: v. 29, fascículo 239, abr. 1967, pp. 438-65.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos/ Eva Maria Lakatos, Marina Andrade Marconi, 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LEFEVERE, Andre. Why waste our time on rewrites? The trouble of interpretation and the role of rewriting in an alternative paradigm. *In*: HERMANS, Theo (ed.) **The manipulation of literature:** Studies in literary translation. London: Croom Helm, 1985. p. 215-243.

LEFEVERE, André. Translation: Its genealogy in the West. **Translation, history and culture,** v. 24, 1990.

LEFEVERE, André. **Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context**. New York: MLA, 1992.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1993.

PAKKALA, Juha. **Ezra the Scribe: The Development of Ezra 7–10 and Nehemiah 8**. **BZAW 347**. Berlin: de Gruyter, 2004.

PEREIRA, ISIDRO, S. J. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**. 8ª ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.

PETERS, Eduarda Tavares; CERQUEIRA, Fábio Vergara. **Mulheres em Atenas, no século IV: o testemunho do contra Neera, de Demóstenes**. **Nearco: Revista Eletrônica de Antiguidade**. Revista Número II-Ano VI-2013 ISSN, v. 8713, 1982. Disponível em: <http://www.neauerj.com/Nearco/arquivos/numero12/68-84.pdf>. Acesso: 13 out. 2017.

PETERSON, Joseph H. **The Zoroastrian Creed**. Traduzido por Joseph H. Peterson em 1997. Disponível em: <http://www.avesta.org/yasna/yasna.htm#y12>. Acesso em: 18 dez. 2020.

PETERSON, Joseph H. **Avesta: yasna: Sacred Liturgy and Gathas/Hymns of Zarathushtra**. Disponível em: <http://www.avesta.org/yasna/index.html#y0>. Acesso em: 02 abr. 2018

PLATO. **Platonis Opera**, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0171:text=Stat.:section=294a&highlight=i%29sxu%2Fein>. Acesso em: 12 out. 2017.

POMPEU, Ana Maria César *et al.* Grupo de estudos da septuaginta: o livro de Jonas e sua intertextualidade com a cultura grega clássica. **Extensão em Ação**, v. 1, n. 8, p. 2-14, 2015. Disponível em: <http://www.revistaprex.ufc.br/index.php/EXTA/article/view/155/126>. Acesso em 16 out. 2017.

PROENÇA, Eduardo de. **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia 2**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel da Cunha. **A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais**. **Líbero (FACASPER)**, v. IX, p. 83-93, 2006. Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/links_multi.pdf. Acesso em: 13 out. 2017.

PYM, Anthony. **Explorando as teorias da tradução**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RACHET, Guy. **Avesta: le livre sacré des anciens perses**. Disponível em: <http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=F9346CB2BC1041917549272C107A1348>. Acesso em: 02 abr. 2018.

REISS, K. **Comprender un texto – qué significa para el traductor? In: MATTOS, D. (ed.) Estudos de Tradutologia I**. Brasília: Kontakt, 1981. p. 33-49.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e diferença**. São Paulo: UNESP, 2000.

RODRIGUES, Sara Viola. A literatura comparada e os estudos de tradução: algumas direções da pesquisa ocidental contemporânea. **Translatio**: revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva. Porto Alegre, RS. N. 3 (2012), p. 11-27, 2012. Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/104478/000929393.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 set. 2007.

RUDOLPH, Wilhelm; ELLIGER, Karl; KITTEL, R. (ed.). **Bíblia hebraica stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1977.

SANDOVAL, Timothy J. The strength of women and truth: The tale of the three bodyguards and Ezra's prayer in first Esdras. **Journal of Jewish studies**, v. 58, n. 2, p. 211-227, 2007.

SCHENKER, Adrian. La relation d'Esdras A' au texte massorétique d'Esdras-Néhémie. p. 218–48. In: **Tradition of the Text: Studies Offered to Dominique Barthélemy in Celebration of His 70th Birthday**. Edited by Gerard J. Norton and Stephen Pisano. OBO 109. Freiburg: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1991.

SCHENKER, Adrian. Septante et texte massorétique dans l'histoire la plus ancienne du texte de 1 Rois. p.2–14. CahRB 48. Paris: Gabalda, 2000.

SOARES, Esequias. **Gramática prática de grego**: um curso dinâmico para leitura e compreensão do Novo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2011.

SOPHOCLES. **Sophocles**. Vol 1: Oedipus the king. Oedipus at Colonus. Antigone. Com tradução para o inglês de F. Storr. The Loeb classical library, 20. Francis Storr. London; New York. William Heinemann Ltd.; The Macmillan Company. 1912. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0191:card=354&highlight=i%29sxu%3Don>. Acesso em 12 jan. 2021.

SOPHOCLES. **Sophocles**. Vol 2: Ajax. Electra. Trachiniae. Philoctetes. Com tradução para o inglês de F. Storr. The Loeb classical library, 21. Francis Storr. London; New York. William Heinemann Ltd.; The Macmillan Company. 1913. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0187:card=680&highlight=i%29sxu%2Fwn>. Acesso em 12 jan. 2021.

SNELL-HORNBY, M. **Translation Studies: An Integrated Approach**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988.

SNELL-HORNBY, M. **The Turns in Translation Studies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.

STAROBINSKI, Jean. **As palavras sob as palavras**: os anagramas de Ferdinand de Saussure. Tradução Carlos Vogt. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974

STRONG, James. **The new Strong's exhaustive Concordance of the Bible**. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson Publishers, 1996.

TALSHIR, Zipora. **1 Esdras: From Origin to Translation**. SBLSCS 47. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1999.

VANDERPOOL, Charles (ed.). **The apostolic Bible polyglot**. Apostolic Press, 2013.

VENUTI, Lawrence. (org.). **Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology**. London/New York: Routledge, 1992. p. 1-17.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. Trad. Carolina Alfaro. **PaLavra 3**, p. 111-134, 1995. Tradução de The Translator's Invisibility. **Criticism**, Wayne State UP, v. XXVIII, n. 2, p. 179-212, Spring 1986.

VIEIRA, E. R. P. André Lefevere: a teoria das refrações e da tradução como reescrita. In: VIEIRA, E. R. P. (org.) **Teorizando e contextualizando a tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 1996. p. 138-150.

VOLLI, Ugo **Manual de semiótica**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

WOODEN, R. Glenn. 1 ESDRAS. In: PIETERSMA, Albert; WRIGHT, Benjamin G. (ed.). **A new English translation of the Septuagint**. Oxford: Oxford University Press, 2007.